

**Língua Portuguesa na Educação 2**







Fundação

**CECIERJ**

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

# Língua Portuguesa na Educação 2

Volume 2 - Módulo 2  
2ª edição

Maristela Botelho França  
Cláudia Capello



**GOVERNO DO  
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**



**Ministério  
da Educação**



**Apoio:**



# Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

## Presidente

Masako Oya Masuda

## Vice-presidente

Mirian Crapez

## Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Rosana de Oliveira

## Material Didático

### ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Maristela Botelho França

Cláudia Capello

### COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

### DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

José Meyohas

Marcia Pinheiro

### COORDENAÇÃO DE LINGUAGEM

Maria Angélica Alves

## Departamento de Produção

### EDITORA

Tereza Queiroz

### COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jane Castellani

### REVISÃO TIPOGRÁFICA

Kátia Ferreira dos Santos

Patrícia Paula

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

### PROGRAMAÇÃO VISUAL

Sanny Reis

### ILUSTRAÇÃO

Eduardo Bordoni

Fabiana Rocha

Sami Souza

### CAPA

Eduardo Bordoni

Fabiana Rocha

### PRODUÇÃO GRÁFICA

Oséias Ferraz

Verônica Paranhos

Copyright © 2005, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

F814I

França, Maristela Botelho.

Língua portuguesa na Educação 2. v.2 / Maristela Botelho França. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

188p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 85-7648-075-1

1. Gêneros do discurso. 2. Uso da língua. I. Capello, Cláudia. II. Título.

CDD: 469

2010/1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.

# Governo do Estado do Rio de Janeiro

**Governador**  
Sérgio Cabral Filho

**Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia**  
Alexandre Cardoso

## Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**  
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Ricardo Vieiralses

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitora: Malvina Tania Tuttman



## SUMÁRIO

<b>Aula 16</b> – O conhecimento prévio e os gêneros do discurso _____	<b>7</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Aula 17</b> – Os gêneros do discurso: as teorias _____	<b>21</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Aula 18</b> – Os gêneros do discurso: a prática _____	<b>33</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Aula 19</b> – Uso da língua 8 – quando a distância diminui no tempo – os textos de correspondência _____	<b>45</b>
<i>Cláudia Capello</i>	
<b>Aula 20</b> – Uso da língua 9 – quando o objetivo é: informar e opinar _____	<b>57</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Aula 21</b> – Uso da língua 10 – construindo a opinião: como o autor aparece nos textos _____	<b>67</b>
<i>Maristela Botelho França / Cláudia Capello</i>	
<b>Aula 22</b> – Uso da língua 11 – quando a palavra é notícia: o jornalismo informativo _____	<b>79</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Aula 23</b> – Uso da língua 12 – quando a palavra comenta: o jornalismo de opinião _____	<b>93</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Aula 24</b> – Uso da língua 13 – quando o conhecimento é dirigido a especialistas: o texto científico _____	<b>105</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Aula 25</b> – Uso da língua 14 – quando o conhecimento é expresso de diferentes formas: os gêneros do discurso acadêmico e científico _____	<b>117</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Aula 26</b> – Uso da língua 15 – quando o texto é arte – o texto literário _____	<b>129</b>
<i>Cláudia Capello</i>	
<b>Aula 27</b> – Uso da língua 16 – quando a poesia é folheto ou cantoria dos repentistas: a Literatura de Cordel _____	<b>141</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Aula 28</b> – O trabalho simultâneo com vários textos é possível? _____	<b>157</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Aulas 29/30</b> – Pondo a mão na massa II _____	<b>171</b>
<i>Maristela Botelho França</i>	
<b>Referências</b> _____	<b>181</b>



## O conhecimento prévio e os gêneros do discurso

# AULA 16

### Meta da aula

Apresentar os diferentes níveis de conhecimento que atuam no processo de leitura e de produção de texto.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Descrever, sem consulta ao texto, os diferentes níveis de conhecimento que atuam no processo de leitura e de produção de texto.
- Indicar corretamente a importância do conhecimento prévio para o reconhecimento e a produção de gêneros do discurso.

## INTRODUÇÃO

Neste segundo volume de Língua Portuguesa na Educação 2, nossa intenção é continuar sugerindo a você tarefas que, intermediadas com a discussão de certas noções e conceitos, possam levá-lo a construir ferramentas para organizar o estudo dos seus alunos, propondo-lhes tarefas específicas. Com essa intenção, retornaremos à série de aulas sobre os usos da língua, iniciadas no primeiro volume. Porém antes, nas três aulas que dão início a este

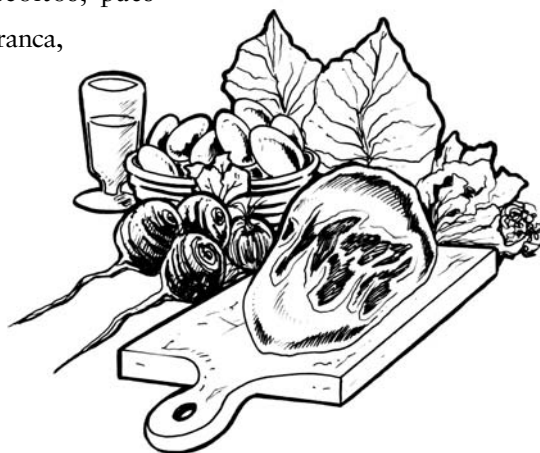
volume, trataremos de dois assuntos que, segundo nossa experiência como professores, podem levar à construção de uma “caixa de ferramentas” para o trabalho de leitura e de produção de textos. Trata-se da discussão sobre conhecimento prévio e gêneros do discurso. E, então, animados?

## O CONHECIMENTO PRÉVIO

Leia o texto abaixo. Com certeza você já deve ter lido muitos textos parecidos com ele.

### Dieta sem fome

Os gordinhos têm resistência à insulina, substância responsável por queimar gorduras e açúcares no nosso organismo. Quem está de mal com a balança fabrica insulina mas a absorve mal. Nesse caso, a saída para emagrecer é só uma: vencer essa resistência abandonando o hábito de se empanturrar de doces e carboidratos. Para perder peso e ser feliz, segundo o Dr. Agatston, o negócio é controlar a ingestão de massas, biscoitos, pães (especialmente os de farinha branca, pobre em fibras), batatinhas e aquelas delícias que são impossíveis de resistir.



## 1º PASSO

Então, vamos lá. O primeiro passo é acreditar que você consegue ficar sem carboidrato. E dá pra ficar, sim (se eu consegui, você vai tirar de letra! Seja forte!). Seu corpo logo acostuma. Durante duas semanas, entram no seu cardápio carnes magras como frango, peru, cheddar – sem pele –, carne bovina e de porco, frutos do mar, peixes, ovos, queijos, leguminosas, folhas verdes com doses generosas de azeite, leite desnatado e ainda pequenas porções de amendoim, nozes e pistache.

Tudo distribuído em três refeições e dois lanches. A ordem é comer até saciar a fome (mas nada de exageros, hein!) Esqueça as bebidas alcoólicas e as pizzas, pastéis, macarrão, docinhos, frituras, batatas e cia.

## 2º PASSO

Depois de 14 dias e de prováveis seis (!) quilos a menos, uma lista de carboidratos “vips” volta ao menu. Já dá para reintroduzir devagarzinho uma maçã, uns moranguinhos, kiwi, melão, abacate, laranja, manga, pêra, pêssego, goiaba, figo... pães e bolachas de farinha refinada, macarrão integral, pudins *diet*, um pedaço de chocolate meio-amargo e de sorvete *light* (pra quem não tinha nada vai parecer o céu!). Segundo Dr. Agatston, quem seguir a receita à risca vai perder de meio a um quilo por semana. (...)

## ATIVIDADE 1



a) Você consegue imaginar de que tipo de texto se trata, ou melhor, você consegue dar um nome a esse tipo de texto? Responda rápido: trata-se de um editorial, de uma matéria ou de uma resenha?

---



---



---



---

b) Em que tipo de publicação ele apareceu? Quem escreveu? A que público especificamente se dirige?

---



---



---



---



Depois de ter lido o texto proposto, você deve ter chegado à conclusão de que se trata de matéria publicada em revista dirigida a público interessado em emagrecer. Essa matéria foi escrita por Adriana Lacchia para a *Revista Bem estar*, nº 2, nº 6, 2004. pp. 26-27. Trata-se de revista mensal, gratuitamente distribuída em aviões da ponte aérea Rio-São Paulo.

### CONHECIMENTO PRÉVIO

Pode ser dividido em conhecimento de mundo, conhecimento enciclopédico, textual e conhecimento lingüístico.

### ATITUDE RESPONSIVA

Reveja essa noção nas primeiras aulas do Volume 1 de Língua Portuguesa na Educação 2.

Repare que esse tipo de informação não é resultado de um jogo de adivinhação. Ele faz parte de um arcabouço de conhecimentos que vamos construindo ao longo de nossa vida e que acessamos quando precisamos. Assim, quando lemos um texto, resgatamos os conhecimentos que adquirimos em outras leituras/vivências para contextualizá-lo e interpretá-lo adequadamente. É isso que chamamos de **CONHECIMENTO PRÉVIO**.

Pode ser interessante, professor, que as tarefas de aula de leitura sejam organizadas de modo que a **ATITUDE RESPONSIVA** dos alunos comece pouco a pouco a encontrar subsídios no conjunto de conhecimentos prévios recuperados nos diálogos de sala de aula a partir das diversas e diferentes experiências dos membros da turma.

### ATIVIDADE 2



Tomando por base o exemplo do texto *Dieta sem fome*, pergunte-se quais foram os elementos que orientaram suas respostas às questões a e b propostas anteriormente. Isso é muito importante.

---

---

---

---

### RESPOSTA COMENTADA

*Não trazemos uma resposta pronta aqui. Dê uma primeira resposta, e depois de ler os elementos explorados na análise do texto Aqui entre nós, apresentado mais adiante, confira como melhorá-la. De certo, você terá de considerar que não é à toa que o texto começa fazendo referência a um determinado perfil de leitor: "Os gordinhos têm resistência à insulina..."*

É certo que o conhecimento prévio permite que reconheçamos enunciados já ouvidos ou lidos. No entanto, para garantir a eficácia da utilização desse conhecimento em diferentes situações, é necessário observar, reconhecer e nomear os elementos textuais e não textuais que orientam a escolha dos itens que melhor nos ajudam a compor um sentido para os textos. A observação desses itens deve instrumentalizar os alunos de modo que, depois, individualmente, possam lançar mão daqueles que, funcionam como as ferramentas mais eficientes para os problemas de construção e produção de sentido a resolver.

É importante verificarmos que essa orientação deve partir da observação dos vários níveis de conhecimento que os alunos já possuem acerca dos elementos culturais que os rodeiam, entre eles os gêneros de discurso ou de enunciado, explorando neles aquilo que permite distingui-los como pertencendo a um determinado gênero, diferenciá-los ou aproximá-los de outros. De acordo com a análise do conjunto de aspectos que os tornam singulares, bem como das semelhanças e diferenças entre os diversos gêneros, os alunos poderão perceber que essas particularidades estão a serviço do tipo de intenção, dos interlocutores envolvidos na situação, do tipo de atividade em que se está inserido, e assim por diante.

Leia o texto a seguir:

### Aqui entre nós

O verão é uma coisa mágica, é como se o sol tivesse o poder de renovar não só a nossa pele, deixando-a maravilhosamente dourada, como também renova a nossa própria alma. Ficamos banhados de mais alegria, mais disposição, é agora que o ano realmente começa, amiga! E, aproveitando esta maré de renovação, preparamos um número cheio de inspiração e idéias para você dar um arranjo novo em tudo: desde o seu guarda-roupa, passando por cuidados completos com o corpo, chegando até o interior de sua casa. Para prolongar a magia do verão – não vamos deixar que você perca nenhuma hora de sol –, nossa seção de culinária está cheia de truques deliciosos, receitas rápidas, refrescantes, lindas. Resolvidos os problemas diários, preparamos também um banho de energia para a sua alma, portanto não deixe de ler o artigo “Aprenda a ter confiança em si mesma”, que vai liquidar com todas as suas inseguranças. E mais: se você está vivendo períodos de angústia porque vai colocar o seu filhinho no maternal, nós nos preocupamos com este assunto e tentamos ajudá-la com o artigo “Ajude seu filho no primeiro dia de aula”. Enfim, chegou a hora de refrescar a cabeça e mergulhar no sonho: divirta-se e emocione-se com o romance condensado *O pecado de Cynara*. Agora só nos resta desejar um bom fim de férias, pois no próximo número nós a ajudaremos a viver melhor na cidade.



Ao ler o texto acima, você provavelmente resgatou seu conhecimento relativo a:

- elementos textuais (o título da seção, **Aqui entre nós**, que traz uma declaração de efeito iniciando o texto, visando a construir um contrato de intimidade com o leitor como em “é agora que o ano realmente começa, amiga!”);
- elementos visuais (desenho de referência ao tema tratado no texto; diferenciação de tamanhos e tipos de letra etc.);
- elementos discursivos (o enunciador constrói para si a imagem de aliado, de alguém que pensa e cuida dessa mulher leitora da revista: “não vamos deixar que você perca nenhuma hora de sol -, nossa seção de culinária está cheia de truques deliciosos, receitas rápidas, refrescantes, lindas”; “se você está vivendo períodos de angústia porque vai colocar o seu filhinho no maternal, nós nos preocupamos com este assunto e tentamos ajudá-la com o artigo 'Ajude seu filho no primeiro dia de aula'");
- elementos temáticos (conteúdo sobre as matérias e os assuntos tratados no interior do exemplar de periódico que apresenta “preparamos um número cheio de inspiração e idéias para você dar um arranjo novo em tudo: desde o seu guarda-roupa, passando por cuidados completos com o corpo, chegando até o interior de sua casa”. “Não deixe de ler o artigo. 'Aprenda a ter confiança em si mesma', que vai liquidar com todas as suas inseguranças”);
- elementos contextuais (tipo de revista em que esse texto foi publicado, por exemplo; público a que se dirige, lugar da revista onde é publicado etc.).

Todos esses elementos nos permitem reconhecer o texto analisado como editorial de uma revista feminina semanal.



Pesquise revistas semanais e observe as regularidades, ou seja, os elementos que se repetem nesse gênero de enunciado. Observe se há título na seção, se há título no texto, se há assinatura, quem assina. Observe também a organização e o tipo de conteúdo. Faça uma lista de características comuns, com exemplos. Mande suas conclusões para nós, via Plataforma Cederj, ou compartilhe-as com o tutor de seu pólo.

Em vista da natureza variada de elementos que nos permitem fazer a leitura dos textos, você pode perceber que é possível dividir o conhecimento prévio em grandes níveis. Há o que chamamos de conhecimento de mundo; há o que chamamos conhecimento enciclopédico; há um nível de conhecimento lingüístico do qual fazemos uso diariamente; e, por fim, há aquele nível de conhecimento que engloba tudo que sabemos sobre gêneros do discurso. Obviamente, esses níveis se articulam, não são isolados. Essa divisão se justifica, entretanto, pelo objetivo didático dos cursos de língua em geral. Vamos conversar um pouco mais sobre cada um desses níveis de conhecimento prévio à leitura ou à produção de um texto.

## O CONHECIMENTO DE MUNDO

O conhecimento de mundo pode ser definido como o conjunto de conhecimentos que os indivíduos de uma mesma cultura compartilham e que é adquirido informalmente, a partir de experiências pessoais. Do ponto de vista do autor de um texto, ou de modo mais amplo, do enunciador de um enunciado (oral ou escrito), nos ensina Lombardi (2001/2004), é esse conhecimento que permite que se possa inferir, com segurança, que tipos de lacunas em seus textos serão preenchidas com facilidade pelo interlocutor. Se alguém enuncia algo como “Saí ontem do trabalho debaixo de chuva”, ninguém vai imaginar que tenha saído nu ou gritando. O enunciador não precisa explicitar detalhes, pois eles são facilmente inferidos pelos interlocutores, sobretudo se são membros da mesma cultura.

Por outro lado, se o tema tratado diz respeito a uma situação nunca vivenciada pelo interlocutor, terá de ser mais detalhado e explicado. Se contamos uma história sobre algo vivido dentro de um metrô a alunos que nunca ouviram falar ou nunca viram tal meio de transporte, haverá necessidade de se acrescentar informações detalhadas sobre como ele funciona e as situações que nele podem ser vivenciadas (LOMBARDI, 2001/2004).

Para melhor organizar o estudo de seus alunos em função do nível de conhecimento de mundo, você, professor, precisa conhecê-los: saber onde moram, com quem moram, em que trabalham, que atividades desempenham como lazer etc. Diante de um universo possível, você poderá fazer escolhas mais precisas sobre os textos e as tarefas a eles relacionados.

## O CONHECIMENTO ENCICLOPÉDICO

O saber enciclopédico diz respeito ao conjunto de conhecimentos que os indivíduos vão adquirindo por meio de aprendizado formal. Isso não significa que tais conhecimentos se restrinjam àqueles que a escola proporciona. São também os que a curiosidade e o interesse nos levam a adquirir por meio da leitura de diferentes textos (de livros, revistas; texto cinematográfico; texto teatral; texto “museal”, ou seja, dos museus, exposições etc.). Esse nível de conhecimento é o que permite ao leitor fazer relações entre o que é dito ou mostrado em diferentes linguagens aqui e agora e outras imagens outros ditos compartilhados em outros lugares e em outras situações. A qualidade e a extensão do saber enciclopédico permitem ao aluno sustentar sua atitude responsiva por meio de relações estabelecidas em um campo infinito de possibilidades intertextuais de compreensão dialógica.

### ATIVIDADE 3



Leia a letra de "O Estrangeiro", que você pode encontrar no site de música [www.acheicifras.uol.com.br](http://www.acheicifras.uol.com.br). Sua tarefa é estabelecer primeiro o modo como o conhecimento enciclopédico interfere no diálogo com essa letra. Depois, leia a seqüência da aula e explore os demais níveis de conhecimento (lingüístico, de mundo e textual) e o modo como auxiliam a leitura de "O Estrangeiro".

#### O Estrangeiro

(Caetano Veloso)

O pintor Paul Gauguin amou a luz da Baía de Guanabara  
O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela  
A Baía de Guanabara

O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara  
Pareceu-lhe uma boca banguela.

E eu menos a conheceu mais a amara?  
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela  
O que é uma coisa bela?

O amor é cego  
Ray Charles é cego  
Stevie Wonder é cego  
E o albino Hermeto não enxerga mesmo muito bem  
(...)

**RESPOSTA COMENTADA**

*O conhecimento enciclopédico nos permite propor a leitura a seguir:*

*Na canção "O Estrangeiro", o autor, fora de seu país (ele a compôs nos Estados Unidos) vê-se distante do familiar; e assim vivencia o estranhamento. A situação do compositor fora do país, ele mesmo então estrangeiro, talvez o tenha incitado a elencar três olhares de ilustres estrangeiros sobre o lugar que ele tem como "a imagem oficial do Brasil" – o Rio de Janeiro*

*O pintor Paul Gauguin amou a baía de Guanabara*

*O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela  
da baía de Guanabara*

*O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a  
baía de Guanabara*

*Pareceu-lhe uma boca banguela*

*(Procure pesquisar a obra do pintor Paul Gauguin, a música de Cole Porter e o trabalho de Claude Lévi-Strauss)*

*Mas ele a ama porque a tinha antes sequer de tê-la visto concretamente. Imagem íntima e familiar, a baía que trouxera à mente era a baía antecipadamente amada – cegamente*

*E eu menos a conhecera mais a amara*

*Sou cego de tanto vê-la*

*de tanto tê-la estrela*

*o que é uma coisa bela*

*O amor é cego*

*Ray Charles é cego*

*Stevie Wonder é cego*

*e o albino Hermeto não enxerga mesmo muito bem.*

*Assim, de tão profundamente familiar a imagem do Rio de Janeiro no espírito do autor, não existe problema para o sujeito; afinal, o amor seria mesmo cego. E não só o amor, como também esses ilustres artistas citados: Ray Charles, Stevie Wonder e Hermeto Pascoal, "que não enxerga mesmo muito bem".*

## O CONHECIMENTO LINGÜÍSTICO

O conhecimento lingüístico refere-se à competência do enunciador em relação à sua gramática interna; ou seja, diz respeito àquelas regras de linguagem que lhe permitem concretamente tecer textos, bem como perceber a maneira pela qual um texto foi tecido. Nesse aspecto, o enunciado verbal se distingue de outros, cujas matérias-primas provêm de outras linguagens (a linguagem da pintura, do cinema, do teatro etc). Todos esses enunciados são passíveis de serem lidos, mas é necessário desenvolver competência específica em cada uma dessas linguagens a fim de explorar os elementos constitutivos que ajudam a construir sentido.

A propósito do enunciado verbal, pois, neste momento, é dele que estamos tratando aqui, observa-se que o conhecimento lingüístico diz respeito ao conhecimento do significado das palavras, à maneira de organizá-las em seqüência, ou seja, a sua ligação interna; ao modo de lidar com o discurso relatado (discurso direto, indireto, indireto livre); a maneira de garantir a coesão textual etc.

No processo de leitura, por exemplo, o conhecimento lingüístico permite ao leitor perceber as palavras, os grupos de palavras, as seqüências maiores, de modo a reconstruir os elos de coesão entre esses elementos, através das instruções lingüísticas fornecidas pelo autor do texto.

Julgamos importante ressaltar, professor, que a gramática interna a que nos referimos para explicar o conhecimento lingüístico não está necessariamente relacionada aos conteúdos prescritos por um compêndio de Gramática da Norma Culta de uma língua. Estamos nos referindo à gramática apreendida por meio do convívio social, da escuta de enunciados concretos que começam a ser captados nos primeiros meses de vida de um indivíduo humano. Trata-se da gramática de que cada um dispõe para organizar seus enunciados, sejam eles escritos orais . gramática que permite a uma criança ou a um adulto, mesmo analfabeto, produzir um enunciado como “Tudo bem com você?” no lugar de algo como “Bem você tudo?”

Retomando LOMBARDI (2001/2004), a fim de reconhecer a existência desse nível de conhecimento prévio, junto a seus alunos, em atividade coletiva, você poderá explorar situações como as que se seguem (apresentadas oralmente – em fita gravada – ou por escrito, de acordo com o momento do aprendizado), a fim de perceber como ele funciona. Por exemplo:



#### ATIVIDADE 4

##### RELACIONE AS COLUNAS

- (1) Questa bambina non é mai tornata a casa.
  - (2) Aqui eles não veio.
  - (3) Se o diminutivo de bola é bolinha, então o diminutivo de planta é.....
  - (4) Ele parou de brincar.
- 
- ( ) Você imaginará, ou inferirá, pelo sentido que você atribui ao verbo parar, que antes ele brincava.
- ( ) Você saberá que o enunciado não está escrito em português, mesmo tendo reconhecido a palavra casa.
- ( ) Você conseguirá completar a lacuna com a palavra “plantinha”.
- ( ) Você perceberá algum tipo de problema com a concordância verbal, isto é, com a relação entre o verbo e a pessoa a que se refere, mesmo que você consiga entender perfeitamente o enunciado.

(Adaptado de LOMBARDI, 2001/2004)

##### RESPOSTA

4, 1, 3 e 2.

## O CONHECIMENTO TEXTUAL

O conhecimento textual engloba tudo que sabemos sobre diferentes gêneros discursivos, pelo fato de fazermos uso da língua para nos comunicarmos em diferentes situações e contextos. Desde os gêneros mais primários, como a conversa cotidiana, até os gêneros mais complexos, que exigem aprendizagem formal – por exemplo, gêneros escritos como a resenha científica ou o artigo jornalístico –, existe um repertório de enunciados de que nos apropriamos (retocando-lhes, naturalmente, com nosso estilo próprio), segundo seja nossa intenção e nosso interlocutor.

A seguir, vamos propor uma tarefa para ser aplicada a seus alunos e que pode ser interessante para começar o processo de amadurecimento no reconhecimento de gêneros discursivos.

Divida a turma em grupos e proponha que identifiquem em que lugar ou situação já tomaram contato com os diferentes exemplares de textos que você irá selecionar e apresentar (propaganda, quadrinhos, resenha jornalística de filme, resumo jornalístico de filme, anúncio classificados etc.). Pode ser que não tenham resposta para tudo, mas isso não será um problema, pois, em outra aula, cada grupo terá de apresentar seus próprios exemplos para os gêneros propostos. Isso fará com que tenham de pesquisar e, talvez, conversar com um adulto sobre o assunto etc.



### ATIVIDADE 5

Abaixo, a título de exemplo, apresentamos dois fragmentos de texto. Explícite onde ele circula, com que propósito e a quem se dirige. Depois, faça a lista dos elementos textuais, discursivos e temáticos que permitiram construir sua resposta. Compartilhe sua resposta conosco ou pela Plataforma Cederj, ou diretamente com seus tutores.

a)

#### Precauções

A presença de ácido ascórbico nas preparações líquidas de ENDOFOLIN pode favorecer uma maior absorção do ferro alimentar, o que pode ser prejudicial aos pacientes talassêmicos que apresentam acúmulo deste íon nos tecidos. É recomendável, para esses pacientes, a administração de endofolin líquido, em jejum, para contornar esse efeito.

Ácido fólico não é terapia apropriada para anemia perniciosa e anemias megaloblásticas causadas por deficiências de vitamina.

b)

**onomástico.** [Do gr. *onomastikós*.] Adj. 1. Relativo aos nomes próprios: vocabulário onomástico; “A 29 de junho..., quando todo o sertão baiano guardava, tranqüilo e feliz, o dia onomástico de São Pedro, Virgulino ... assaltou a fazenda ‘Formosa’” (Leonardo Mota, *No tempo de Lampião*, p. 63). ~V. índice –. · S.m. 2. Onomástica (2 e 3).

**RESPOSTA COMENTADA**

a)

*Observe o subtítulo que acompanha o texto, o destaque dado ao nome endofolin em caixa alta, o vocabulário específico (pacientes talassêmicos, anemia perniciosa e anemias megaloblásticas etc.), e os estilos de discurso em:*

*A presença de ácido ascórbico nas preparações líquidas de endofolin pode favorecer...*

*É recomendável, para esses pacientes...*

*Ácido fólico não é terapia apropriada para...*

*Todos esses elementos nos remetem ao tema das precauções recomendadas em texto que circula em caixas de remédio com o propósito de alertar profissionais de saúde e pacientes sobre as precauções a serem tomadas durante o uso do medicamento. São as famosas **bulas** de remédio.*

*Você costuma ler bulas? Que seção procura ler primeiro: Indicações; Reações; Precauções etc.?*

b)

*O enunciado é característico da forma pela qual as palavras são descritas e seus sentidos explicados nos dicionários. A entrada da palavra em destaque, seguida de sua etimologia, sua classe gramatical (Adj.) e das acepções enumeradas, geralmente, por ordem de uso. Além disso, o uso é abonado por um exemplo da literatura, devidamente referenciado. Por todos esses aspectos, conclui-se que se trata de um **verbetes** de dicionário.*

## RESUMO

Em vista da natureza variada de elementos que nos permitem fazer a leitura de textos, é possível dividir o conhecimento prévio em quatro níveis: o conhecimento de mundo; o conhecimento enciclopédico; o conhecimento lingüístico e o conhecimento textual (de gênero).

O trabalho sobre tais níveis pode constituir-se em importante ferramenta tanto para análise quanto para produção textual.

## AUTO-AVALIAÇÃO

Se você entendeu toda a aula e consegue descrever, sem consulta ao texto, os diferentes níveis de conhecimento que atuam no processo de leitura e de escrita, bem como consegue indicar corretamente a importância do conhecimento prévio para o reconhecimento e a produção de gêneros do discurso, parabéns! Se, no entanto, ficou alguma dúvida a respeito do que estudou, leia de novo o conteúdo da aula, que, agora, já não será tão novo assim. Sugiro que busque, em seu pólo ou na Plataforma Cederj, a lista de leituras complementares. Depois, comunique-se conosco. Até breve!

## INFORMAÇÕES PARA A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos nos deter um pouco mais nessa idéia de gêneros do discurso e verificar como eles podem servir para a construção de eficientes ferramentas para aulas sobre usos da língua.

## Os gêneros do discurso: as teorias

# AULA 17

### Meta da aula

Apresentar as mais importantes correntes de estudo sobre gêneros no campo da linguagem.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Rever a teoria clássica dos gêneros literários a partir da tríade gênero épico, dramático e lírico.
- Nos estudos lingüísticos, distinguir a terminologia gênero textual e gênero do discurso.
- Situar o termo *gênero do discurso* na teoria do enunciado dialógico ou teoria dos enunciados humanos.

### Pré-requisito

É importante rever as Aulas 1, 2, 4 e 5, do Volume 1 de Língua Portuguesa na Educação 2, onde alguns dos conceitos evocados nestas aulas encontram sua primeira abordagem.

## INTRODUÇÃO

Nesta aula, vamos dar sequência a nossa conversa sobre noção de **gênero** no ensino da língua e saber como explorar melhor o assunto nas aulas de português.

## SIGNIFICADOS DE GÊNERO

A palavra **gênero** está associada a muitas idéias que variam de acordo com a área do conhecimento e com o contexto em que é empregada. Assim, estabelecer o conceito de gênero para a elaboração de tarefas de aula requer uma discussão inicial sobre como tal termo pode ser compreendido.



### ATIVIDADE 1

Onde primeiro se deve buscar significados possíveis de uma palavra?

Essa é muito fácil, não é?! No \_\_\_\_\_, é claro!

Em nossa consulta, encontramos dez acepções para gênero. Destacamos aqui as três primeiras na ordem em que aparecem:

(Fonte: Dicionário *Aurélio*)

Classe cuja extensão se divide em outras classes, as quais, em relação à primeira, são chamadas espécies.

Conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns convencionalmente estabelecidos.

Qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, fatos, idéias que tenham caracteres comuns; espécie, classe, casta, variedade, ordem, qualidade, tipo.

### RESPOSTA

No dicionário.

Essas são as acepções mais comuns, o que explica o fato de o termo gênero ser empregado em diferentes situações, segundo as espécies de coisas a que se esteja referindo: gênero de roupa, gênero de música, gênero alimentício etc. Gênero também comporta uma significação correspondente à designação de feminino ou masculino, relativa a gênero humano.

No que se refere à linguagem, gênero é uma palavra que circulou por muito tempo circunscrita ao campo da Literatura. Apenas no século XX, tornou-se um conceito teórico importante no campo da Lingüística Textual, que faz referências a **gêneros textuais**, e, no campo que mais recentemente se conhece como de Análise Dialógica do Discurso, a partir dos estudos de Bakhtin, faz-se referência a **gêneros do discurso**.

Em nosso curso, de certa forma, estamos realizando algumas análises de textos de acordo com os principais conceitos dessa corrente dialógica da linguagem. Nessa abordagem, são centrais:

- a concepção dialógico-ideológica de linguagem;
- os conceitos de língua, enunciado, interação verbal e dialogismo;
- as noções de gênero do discurso e estilo, significado de tema.



### ATIVIDADE 2

Se algum desses assuntos parece familiar a você, especifique-o e explique.

---



---



---



---

### RESPOSTA COMENTADA

*Deverá, porém, necessariamente, referir-se, à leitura que faz: de concepção dialógico-ideológica de linguagem; dos conceitos de texto, enunciado, interação verbal, dialogismo e plurilingüismo; das noções de gênero do discurso e estilo.*

Se você achou que nenhum desses assuntos lhe é familiar, reveja as Aulas 1, 2, 4 e 5 de Língua Portuguesa na Educação 2, Volume 1. Se ainda assim você tiver dúvidas sobre alguns conceitos, converse conosco, mandando mensagem através da Plataforma Cederj ou telefonando para o pólo. Podemos recomendar leituras de obras que possam complementar sua pesquisa.

Agora, voltemos aos campos da linguagem em que o significado de gênero assume diferentes nuances. Passemos, então, a uma breve introdução ao conceito de gênero na Literatura Clássica.



Figura 17.1

## GÊNEROS NA LITERATURA

Na Grécia Antiga, no campo da Literatura, o termo gênero literário foi usado para distinguir inicialmente três categorias de enunciado: o lírico, o dramático e o épico. Para essa categorização genérica, os gregos se basearam nas três faculdades da alma humana consideradas essenciais: sensibilidade, vontade e inteligência. Essas faculdades manifestas em obras literárias foram observadas nos três gêneros:

1. No gênero lírico, a sensibilidade se manifesta pela expressividade.
2. No gênero dramático, a vontade se manifesta pela apelação.
3. E, por fim, no épico, a manifestação da inteligência é observada na coesão e na coerência exigidas nos processos lingüístico-discursivos de se fazer referência.

É interessante verificar que podemos estabelecer relações entre essa categorização genérica do enunciado e as três funções da linguagem: a função emotiva ou expressiva; a função apelativa ou conativa e a função informativa ou referencial. Lembra-se de que já conversamos antes sobre a linguagem e suas funções?



Se ainda há dúvidas sobre as funções da linguagem, talvez seja um bom momento para reestudá-las.

## O ÉPICO, O DRAMÁTICO E O LÍRICO

Aristóteles (384-322 a.C.), conhecido filósofo grego, foi um dos autores que analisaram o conteúdo e a estrutura das obras literárias, observando que cada tipo apresentava predominantemente características de um desses três gêneros considerados fundamentais.

1. O gênero épico, grosso modo, caracteriza-se pela narrativa em verso ou prosa que expressa o modo temporal ou sucessivo dos acontecimentos. Assim, o tempo é o fator estrutural mais importante do gênero épico, do qual fazem parte a epopéia, o mito, a lenda, a saga, a legenda, o romance, a novela, o conto, a parábola etc.

2. O gênero dramático, grosso modo, caracteriza-se pelos diálogos. É planejado para ser encenado em um palco por meio de gestos e discursos dos atores. Embora apresente uma ação situada no passado, ela é reproduzida no presente pelo desempenho dos atores no palco, sob forma de tragédia, comédia, farsa, tragicomédia etc.



Figura 17.2: Aristóteles.

3. O gênero lírico caracteriza-se pela predominância de uma voz central, um “eu” lírico (que não é um “eu” individual) que se funde com o mundo e exprime seus próprios estados de alma, emoções, disposições psíquicas, concepções, reflexões, visões, sentimentos; tais estados são intensamente vividos e experimentados através de um discurso breve, conciso, denso e extremamente expressivo, construído com ritmo, musicalidade e imagens como o canto, a ode e a elegia.



### ATIVIDADE 3

Agora, dê sua opinião: essa classificação de gêneros seria suficiente para abarcar toda a riqueza e variedade dos enunciados humanos? Explique e comente sua resposta.

---



---



---



---

### RESPOSTA COMENTADA

*A pergunta quer saber sua opinião, por isso deixa livre a resposta. O mais importante é a validade do argumento que você usa.*

Diante da variedade de enunciados possíveis, essa primeira classificação de gêneros discursivos é bastante geral. No entanto, é de suma importância na medida em que nos permite compreender a origem da clássica divisão do discurso que destingue prosa; teatro e poesia.



#### ATIVIDADE 4

Você tem hábito de ler resenhas? Se talvez não tiver, procure conhecer o gênero. Nesses textos, você poderá observar o movimento discursivo dos críticos literários, construindo sua opinião sobre a obra analisada, provavelmente evocando características de gêneros literários como parte dos procedimentos argumentativos usados para sustentar a opinião defendida. Dê uma olhada em alguns cadernos de jornais como *O Globo* (Prosa e Verso, aos sábados), *Jornal do Brasil* (Idéias, aos sábados) e *Folha de S. Paulo* (Caderno Mais! também aos sábados). Estamos recomendando suplementos que conhecemos. Muito provavelmente, você conheça outros, pode ser de sua região mesmo. Por favor, mande a dica para nós.

#### RESPOSTA COMENTADA

*Não deixe de observar os elementos que se assemelham nos exemplares da resenha que leu. Como o autor e a obra resenhada são apresentados no texto? Como o resenhador recupera a organização do texto-fonte, isto é, do texto resenhado e como resgata os principais conteúdos da obra. Que aspectos da obra são avaliados? Que procedimentos argumentativos o autor usa para sustentar sua opinião?*

### GÊNEROS SOB A ÓTICA DA LINGÜÍSTICA

Por sua tradição no campo da Literatura, o termo gênero foi evitado nos estudos lingüísticos durante boa parte do século XX. Os lingüistas queriam delimitar bem uma fronteira entre a recém-criada ciência e a Literatura. Além disso, ainda não se interessavam por nada próximo ao enunciado ou ao discurso; praticavam a Lingüística da frase e, por isso, julgavam pertencer o termo gênero a uma terminologia sem relevância para seus estudos.

Você está lembrado que, no Volume 1 de Língua Portuguesa na Educação 2, vimos que a Lingüística tem como marco inicial a publicação do livro sobre os estudos de Saussure? Está lembrado também que, para ele o objeto da Lingüística é a língua, cujo estudo não precisaria recorrer à fala ou enunciado? Essa primeira lingüística – a Lingüística da língua – inaugura o período que reuniu um grupo de autores que praticou o que se conhece como Lingüística da frase.

É de se esperar que, em um estudo da frase, a questão do gênero não se coloque. Nos anos 60 e 70, na transição de uma Lingüística da frase para uma Lingüística do texto, porém, o tema dos gêneros é abordado e se faz relevante.

A Lingüística Textual surge justamente de um movimento de lingüistas que começaram a estudar fenômenos que ultrapassam os limites da frase. Seu objetivo, porém, voltou-se para construir um modelo que explicasse o mecanismo de formação de textos, permitindo-lhes elaborar uma gramática que deveria representar um modelo da “competência” do falante. Assim, apesar das intenções iniciais, o objeto de estudo na Lingüística Textual continuou a ser o componente lingüístico em si, sendo os dados contextuais e situacionais tratados como dados adicionais.



#### ATIVIDADE 5

a) O que você tem a dizer sobre o assunto? É possível estudar o fenômeno da linguagem sem considerar os dados contextuais e situacionais como constitutivos dessa linguagem? Compartilhe conosco sua resposta.

---



---



---



---

Não causa surpresa constatar que gênero seja no contexto da Lingüística Textual, portanto um termo que expressa uma categoria classificatória.

b) Levante hipótese(s) sobre como fica o lugar dos sujeitos, dos enunciadores e dos interlocutores na abordagem de gênero, descrita no parágrafo anterior?

---



---



---



---

**RESPOSTA COMENTADA**

*Com base nas teorias de linguagem hoje reconhecidas, os fenômenos situacionais e contextuais são constitutivos das formas de uso da linguagem. É produtivo estudar a linguagem sempre considerando que todo enunciado remete a um sujeito, a uma fonte enunciativa; provém de um querer dizer e é orientado ao seu interlocutor.*

*Leia o trecho a seguir para verificar se sua hipótese se confirmou ou não.*

## **GÊNEROS DO DISCURSO – A TEORIA DOS ENUNCIADOS HUMANOS**

Mikhail Bakhtin, em seu artigo *Gêneros do discurso*, observa que os gêneros, tanto na Antigüidade quanto na Pós-Modernidade, sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade. Segundo ele, essa constatação abriu espaço para que se percebesse uma falta relativa a uma teoria geral do enunciado como ato de produção humana. Assim, sob uma perspectiva antropológica, tomando o enunciado como unidade concreta da comunicação verbal, Bakhtin propõe, então, uma teoria geral do enunciado. Nela, a riqueza e a variedade dos enunciados humanos deixam de ser abordadas sob a ótica de modelos ideais de textos, para serem abordadas em sua natureza de atividade de linguagem. Bakhtin propõe uma teoria em que os gêneros literários são vistos como tipos particulares de enunciados que existem ao lado de outros não literários.

De acordo com essa concepção, todo enunciado tem em comum o fato de que remete a um sujeito, a uma fonte enunciativa, provém de um querer dizer orientado ao seu interlocutor e é regido por normas (BAKHTIN, 1979/1997).

Segundo o autor, cada domínio ou esfera de utilização da língua elabora espontaneamente tipos relativamente estáveis de enunciados orais e escritos. Assim, não inventamos formas de enunciar. Compartilhamos formas já existentes, tornando-as originais e únicas a cada ato de enunciação.

Em nosso entendimento, a noção de gênero de discurso abarca a idéia de um artefato técnico, de uma ferramenta para dizer e fazer em determinada situação. Em sala de aula é papel do professor organizar o estudo dos alunos, oferecendo-lhe essas ferramentas.

A propósito, prossegue Bakhtin:

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida (1979/1997, p. 282).

Trazer variedade de enunciados (quadrinhos, cartazes, desenhos, filmes, textos literários e não literários etc.), convidando os alunos a estabelecer correlação entre eles, torna-se, então, tarefa do professor. Afinal,

a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (1979/1997, p. 282).

Além disso, da natureza social e singular do enunciado, decorre outra noção central para o trabalho em sala de aula, sob a ótica dialógica que estamos apresentando aqui: o plurilingüismo.

## O PLURILINGÜISMO

Para apreender o conceito de plurilingüismo social, é preciso entender que, se a natureza do enunciado é social e singular ao mesmo tempo, é porque as pessoas se constituem como singulares e sociais. Leia a concepção de sujeito apresentada por Bakhtin e muito bem resumida por Faraco (2003):

(...) nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques. O mundo interior é, então, uma espécie de microcosmo heteroglótico, constituído a partir da internalização dinâmica e ininterrupta da heteroglossia social. Em outros termos, o mundo interior é uma arena povoada de vozes em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; e em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir (p. 81).



Sobre plurilingüismo, recomendamos a leitura de dois ensaios de Bakhtin: o ensaio intitulado *O discurso no romance*, escrito, parece, para uma conferência de 1940, cuja temática é recuperada no ensaio "A pré-história do discurso romanesco", ambos publicados em Moscou, pela primeira vez, em 1975, no livro intitulado *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (1975/1998).

Dessa característica heterogênea do sujeito decorre ser o plurilingüismo uma característica fundamental do enunciado. Conforme observa Di Fanti (2002), “além do plurilingüismo não se restringir à diversidade de línguas nacionais, preserva a diversidade de vozes discursivas. Tais vozes sociais trazem discursos que circulam – são pontos de vista sobre o mundo, perspectivas axiológicas – e estabelecem relações entre linguagens diversas – de profissões, de gerações, de grupos etc.” E prossegue:



Vale a pena pesquisar o sentido de axiológico.

Ao propor uma diversidade de línguas/linguagens, o plurilingüismo considera uma variedade de estruturas enunciativas em confronto, tendo em vista a variedade de coerções nas relações sociais. Há, com isso, um movimento de resgate do “plural”, em que o enunciado se materializa em diferentes dialetos, linguagens e tendências (DI FANTI, 2002, p. 40).

Acreditamos que o estudo dos gêneros e do plurilingüismo oferece materiais de reflexão para elaboração da caixa de ferramentas a ser constituída pelo professor, a fim de auxiliá-lo na formação do aluno-leitor/aluno-autor plurilíngüe. Essa caixa deve ser constituída de textos de diferentes gêneros e linguagens, nos quais também possam ser percebidas diferentes vozes e pontos de vista.



#### ATIVIDADE 6

a) Você sabe o que se diz de uma pessoa quando ela é chamada de poliglota? Se não sabe, consulte o dicionário e elabore sua resposta.

---



---



---

b) Agora, com base no conteúdo dos parágrafos anteriores, defina o que é uma pessoa plurilíngüe.

---



---



---

**RESPOSTA**

*Consulta ao dicionário.*

**RESUMO**

Na Grécia Antiga, no campo da Literatura, o termo gênero literário foi usado para distinguir inicialmente três categorias de enunciado: o lírico, o dramático e o épico. No contexto da Lingüística textual, gênero é um termo que expressa uma categoria classificatória. Já segundo a concepção dialógica da linguagem, todo enunciado tem em comum o fato de que remete a um sujeito, a uma fonte enunciativa; provém de um querer dizer orientado ao seu interlocutor; é regido por normas. Segundo Bakhtin (1979/1997), cada domínio ou esfera de utilização da língua elabora seus gêneros, isto é, tipos relativamente estáveis de enunciados orais e escritos. Os enunciados são marcados por uma especificidade do domínio de atividades de que fazem parte, além de que podem ser atravessados pelo plurilingüismo constitutivo das comunidades de fala.

**AUTO-AVALIAÇÃO**

E então, gostou da discussão? Retorne aos objetivos estabelecidos para esta aula e verifique se foram atingidos ou se é necessária uma revisão do conteúdo. Não hesite em fazer contato com nossa equipe, pela Plataforma ou pelos pólos. Na próxima aula, vamos propor algumas tarefas em que gênero do discurso é tomado como ferramenta teórica de aprendizagem.



## Os gêneros do discurso: a prática

# AULA 18

### Meta da aula

Explorar os elementos textuais e não textuais que atuam no reconhecimento de gêneros de discurso.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Definir gênero do discurso, sem consulta ao texto, visando à elaboração de tarefas de aula.
- Indicar corretamente, nos planos temáticos, da forma composicional e do estilo, o conjunto de informações que servem de amostra de que cada domínio ou esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados orais ou escritos.

### Pré-requisito

É importante rever a Aula 17, onde são abordadas definições de gênero no campo da linguagem; entre elas, a definição de gênero de discurso que orienta a aula prática de hoje.

## GÊNEROS DO DISCURSO

Tomemos, por exemplo, o texto a seguir:

### Carta ao leitor

#### O computador e as emoções

Fevereiro, o mês de planejar e conhecer a turma, passou voando. Parece incrível, mas já estamos em março e as caras novas vão ganhando nome enquanto o ano escolar esquentar! E a temperatura deve aumentar ainda mais nos próximos meses com a chegada de computadores a 6000 escolas públicas do Brasil. Você vai encontrar neste número informações, dicas e comentários a respeito do computador na sala de aula e seu impacto sobre a aprendizagem das futuras gerações. Como o assunto é informática, aproveitamos para mostrar-lhe a Nova Escola na era digital com uma página na internet. Para não reforçar a falsa idéia de que a automação elimina nosso lado mais humano, tratamos de outro tema muito atual: a redescoberta da importância do afeto e das emoções para a aprendizagem. E ainda falamos do trabalho de gente inovadora no ensino de Geografia, Matemática e outros conteúdos importantes para você e seus alunos.

Guiomar Namó de Mello

Diretora Executiva

Em primeiro lugar, imaginamos que um texto intitulado "Carta ao leitor" e assinado só pode constituir o **Editorial** de uma revista, não é? E é isso mesmo: trata-se de um editorial publicado na edição 18, de 4 de maio de 2002. Ele foi escrito pela diretora executiva desse periódico. Nessa seção, ela comenta a rapidez como o tempo passa a fim de apresentar os conteúdos tratados na edição da revista que dirige. Sabemos também que se trata de uma revista de circulação mensal, dirigida a um público de educadores, também de acordo com o que já temos de conhecimento prévio sobre isso.

Trabalhe esse assunto na monitoria ou em casa, pesquisando os editoriais de revista. Selecione exemplares de texto, como o que você acabou de ler, de revistas diferentes. Explore as semelhanças entre eles.

O conjunto de informações que certamente irá reunir, acerca de todos os exemplares de texto como este que acabamos de ver, é amostra de que cada domínio ou esfera de utilização da língua elabora tipos

**!** Nós já pesquisamos editoriais de várias revistas como *Exame*, *Isto É*, *Galileu*, *Forbes*, *Época*, *Cremerj*, *Escola*, *Quatro Rodas*, *Caros Amigos*, *Criativa* etc., e foi muito interessante as semelhanças que pudemos constatar. A principal diferença que notamos tem relação com o tipo de público alvo de cada publicação.

relativamente estáveis de enunciados orais e escritos que chamamos **gêneros do discurso**. Assim, os enunciados são marcados por uma especificidade do domínio de atividades de que fazem parte. A eles, podemos dizer, estão indissolivelmente associadas três características:

- 1) o tema;
- 2) a forma composicional;
- 3) o estilo.

Nos gêneros, os **temas** podem instaurar um campo de estabilidades, mas vivem eles mesmos no ponto de tensão entre o que é esperado e o efeito que o autor deseja produzir. Em editoriais de revistas, por exemplo, vimos que o tema tratado, em geral, é uma informação prévia sobre os principais conteúdos abordados na revista.

Observe outro exemplo de editorial:

### **Carta ao leitor**

#### **“E aí, tudo bem?”**

A pergunta é de praxe e a resposta costuma ser mecânica. “Tudo bem”, você diz, como todo mundo. Ou, então, fala da gripe, da dor de estômago. Nem passa pela sua cabeça entrar no complicado terreno das emoções. Aquele que fez a pergunta tampouco espera isso. Nós, aqui da SUPER, também sabemos o quanto é difícil definir esse lado do ser humano. O funcionamento da mente envolve muitos aspectos bem distantes das ciências exatas – o que, aliás, abre espaço para todo tipo de palpite. Mesmo assim, pesquisadores sérios e persistentes estão encontrando respostas superinteressantes sobre como os sentimentos mexem com a gente. Emoção e inteligência! traz os melhores entre esses estudos e ainda mostra como eles podem nos ajudar no dia-a-dia. Daqui para a frente, quando você disser aquele tradicional “Tudo bem”, vai poder fazê-lo com a boca cheia.

### **SUMÁRIO**

#### **A felicidade tem lógica, sim**

Saiba por que você não precisa ganhar na loteria para alcançar a satisfação pessoal.

#### **Desculpe. São os meus genes**

O que, no seu modo de agir, depende da herança genética – e o que é aprendido.

**Cara a cara com o medo**

Cientistas decifram os mecanismos do pavor e preparam remédios contra as fobias.

**Imaginação vale ouro**

Feras da criação contam como se faz para inventar o que ninguém inventou.

**Pesadelo com final feliz**

Psiquiatra ensina a transformar sonhos ruins em experiências agradáveis.

**Expressivo como um robô**

Conheça o Kismet, a máquina que faz caretas para mostrar seus sentimentos.

**O bom sexo**

A prática sexual rejuvenesce. Mas só se for temperada com afeto.

**Anjos sedutores**

Teste surpreende. Mulheres preferem homens com traços femininos.

**A cuca na oficina**

As dicas para escolher a psicoterapia que mais combina com você.

A **forma composicional** é o que se pode ver na composição dos enunciados no que diz respeito às especificidades de sua organização, como divisão em seções, com títulos e subtítulos. Assim, observamos a seguinte configuração recorrente na maior parte dos editoriais de revista:

- está localizado na parte inicial da revista, em seção geralmente intitulada Carta do editor, Carta ao leitor, Editorial, Entre nós, Diário etc; ou diretamente introduzido por um vocativo, como Querida leitora, Caro professor etc.; segundo quem seja o público-alvo da publicação.
- possui um título que visa a chamar o leitor para o assunto principal;
- contém assinatura ou endereço eletrônico do editor;
- apresenta alguma forma de ilustração (fotos, desenhos etc.).

Quanto ao **estilo**, observamos a predominância do estilo dialógico. Lançando perguntas diretamente ao leitor, usando forma direta de tratamento (você, nós...), escolhendo um registro de linguagem que o deixe mais próximo ao leitor (formal ou informal), o editorial é um gênero de discurso que instaura um diálogo com o leitor, visando a torná-lo íntimo e parceiro da publicação.

Veja quantas coisas foram levantadas para caracterizar esse texto:

- dados de sua esfera de circulação (quem publicou, para quem é dirigido, quando foi para as ruas, qual é sua periodicidade etc.);
- dados tipográficos e iconográficos (tipologias das letras, foto etc.);
- dados contextuais (a mudança efetivamente ocorrida na linha da revista, quem escreveu, por que o fez etc.);
- dados textuais (expressões mais voltadas para a exacerbação de sentimentos, frases de efeito, uso de muitos adjetivos, a própria manchete do título etc.).

Quanta coisa, não é mesmo? Isso acontece com todos os gêneros discursivos. Cada um tem a sua própria constituição e caracterização, que extrapolam, em muito, aquelas características lingüísticas e que, por muito tempo, acreditamos serem as únicas marcas que cada tipo de texto poderia carregar.

Assim, nos ensina Lombardi (2004) que

quando escrevemos um texto, precisamos saber em que gênero ele irá se constituir, partindo da preocupação com cada um dos aspectos levantados acima. “Para quem escrevo?”; “Com que objetivo?”; “Que papel assumo quando escrevo?”; “Como isso tudo deverá refletir no texto?” são perguntas que não podem deixar de ser feitas antes que comecemos. As marcas de cada um desses aspectos devem ficar claras no texto para que o leitor as recupere e possa reconstruí-lo da maneira mais adequada possível. Afinal, você nunca se perguntou se o trabalho que você iria entregar deveria ter capa ou não? Nunca se preocupou em dar mais ou menos destaque a uma ou a outra parte? A estabelecer uma hierarquia de titulagens e subtitulagens? Em escolher as expressões mais adequadas para o grau de formalidade que o seu interlocutor impõe?”

Nessa direção, é produtivo pensar em gênero do discurso como ferramenta a ser oferecida no trabalho de organização do estudo dos alunos. É importante que os alunos percebam que quando enunciamos, lançamos mão de formas de discurso constitutivas de gêneros previamente

existentes, formas que estão disponíveis para uma determinada situação, segundo princípios de natureza social. Esses gêneros fixam, em um dado meio, o regime social de funcionamento da língua. Trata-se de um estoque de enunciados esperados protótipos de maneiras de dizer ou de não dizer em um espaço sociodiscursivo.

A noção de gênero atesta a dupla vida das palavras. Por um lado, pertencem a funcionamentos sociais predizíveis e esperados aos quais o sujeito pode se ater – utilizamos língua sob forma de gêneros mas, de modo tão incorporado aos próprios atos, que só reconhecemos sua existência quando uma falha acontece, quando um uso se destaca por oposição ao esperado –; por outro lado, e ao mesmo tempo, as palavras vivem no curso do inesperado e imprevisível do desenvolvimento das trocas verbais.

A noção de gênero do discurso está associada à idéia de um sistema de normas a que os sujeitos precisam se submeter para se inscreverem na comunicação humana. É importante observar que esse sistema de normas se funda nas relações sociais, diferenciando-se, portanto, da idéia de sistema restrita a uma coerência interna de normas lingüísticas.

Em *Gêneros do discurso*, Bakhtin afirma que

os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações (BAKHTIN, 1979/1997, p. 302).

### ATIVIDADE 1

Estamos propondo que você ative seu conhecimento prévio em relação aos textos que apresentaremos a seguir, dizendo a que gênero do discurso pertencem. São 10 textos. Você pode analisá-los em 2 blocos, em dois momentos distintos. O importante é que você compartilhe conosco o resultado de sua análise, através da Plataforma Cederj ou de uma ida ao pólo.

**Questão A:** A que gênero pertence o texto 1? E o texto 2? E assim por diante.

**Questão B:** Que elementos permitiram que você chegasse à essa conclusão (em cada um dos textos)?

Recolha dados da esfera de circulação, dados tipográficos, contextuais e textuais. Ah!, Por favor, não se esqueça de completar certos elementos do gênero em questão que, propositalmente, retiramos do texto, para não levá-lo a nomear imediatamente o gênero, sem antes proceder a uma análise mais cuidadosa dos diversos elementos que o constituem.

## TEXTO 1

## Entre nós

Que tal fazer muito sucesso profissional, rapidamente, e saber aproveitá-lo com garotas bonitas, muitos amigos e tantas outras coisas boas da vida? Esse é o exemplo de Osmar Santos, um jovem que se valeu apenas do seu talento e da sua extraordinária capacidade de transmitir entusiasmo, para se tornar o locutor de futebol mais bem pago do Brasil, ganhando tanto quanto Zico. O editor geral, Galvão Ferraz, conta como vive, transa e pensa o fenômeno Osmar Santos.

E Nelson Rodrigues, o que pensa da vida e de temas como a virgindade e a liberdade sexual? Ele pensa de maneira totalmente oposta à de PLAYBOY. Mas somos, antes de tudo, contra qualquer tipo de preconceito e, assim, abrimos nossas páginas para esse escritor que se diz reacionário, embora seja o mais revolucionário dos autores teatrais brasileiros. Seus entrevistadores foram Humberto Werneck e Teresa Cristina Rodrigues.

Ao contrário de Nelson, PLAYBOY acha que as garotas de hoje são muito mais saudáveis e sinceras. Porém, para amá-las melhor, precisamos saber o que esperam de nós. A fim de que você passe a limpo seus conhecimentos nessa área, apresentamos um teste baseado nos mais recentes estudos sobre a sensualidade feminina.

(...)

**RESPOSTA**

*Editorial da revista Playboy.*

## TEXTO 2

Aprova alterações na ortografia da Língua Portuguesa e dá outras providências.

O Presidente da República

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** De conformidade com o parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, exarado a 22 de abril de 1971, segundo o disposto no art. III da Convenção Ortográfica celebrada a 29 de dezembro de 1943 entre Brasil e Portugal, fica abolido o trema nos hiatos átonos; o acento circunflexo diferencial na letra e e na letra o da sílaba tônica das palavras homógrafas de outras em que são abertas a letra e e a letra o, exceção feita da forma pôde, que se acentuará por oposição a

pode; o acento circunflexo e o grave com que se assinala a sílaba subtônica dos vocábulos derivados em que figura o sufixo *mente* ou sufixos iniciados por *z*.

**Art. 2º** A Academia Brasileira de Letras promoverá, dentro do prazo de dois anos, a atualização do Vocabulário Comum, a organização do Vocabulário Onomástico e a republicação do Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa nos termos da presente Lei.

**Art. 3º** Conceder-se-á às empresas editoras de livros e publicações o prazo de quatro anos para o cumprimento do que dispõe esta Lei.

**Art. 4º** Esta lei, que revoga as disposições em contrário, entrará em vigor trinta dias após a sua publicação. Brasília, 18 de dezembro de 1971 150º da Independência e 83º da República.

Emílio G. Médici  
Jarbas G. Passarinho.

**RESPOSTA**

*Decreto.*

### TEXTO 3

## Conflito de etnias dificulta a paz

Mark Fineman, Los Angeles Times

Os grupos étnicos do Afeganistão, tão ciosos de sua identidade e tão ferozes na defesa de sua independência, são povos cultural e linguisticamente diferentes, que há séculos desconfiam uns dos outros e só têm conseguido conviver graças a um sistema de autonomia regional. Estima-se que os pushtuns são o grupo mais numeroso. Eles predominam nas regiões do leste e do sul que limitam com o Paquistão, onde falam sua própria

língua e vivem estritamente de acordo com um antigo código, conhecido como Push Wali, herança dos antepassados nômades. É nas estratégicas províncias do norte que os tadjiques, de fala persa, que representam cerca de 35% da população nacional, assumiram total controle militar nas últimas semanas. Em aliança com minorias menos significativas de uzbeques e turcomanos, divisões da milícia e do exército regular, sob comando tadjique.

**RESPOSTA**

*Notícia de jornal.*

## TEXTO 4

## RENAULT Clio

O Renault Clio Jovem Pan é uma série limitada que tem tudo para virar um hit: rádio CD com comando satélite na coluna de direção, 4 alto-falantes, motor 1.0 16V, air bag duplo, pneus 175/65 R14, calotas Ursa, pára-choques na cor do veículo, aerofólio com break-light, ar quente, desembaçador do vidro traseiro, painel com fundo branco e conta-giros. E se você quiser um carro ainda mais equipado, pode contar com direção hidráulica e ar-condicionado, oferecidos como opcionais. Renault Clio Jovem Pan. Perfeito para você que quer curtir sua liberdade e que é movido a música.

Informações Renault: 0800-555615

[www.renault.com.br](http://www.renault.com.br)

**RESPOSTA**

*Propaganda da Renault, publicada em revista.*

## TEXTO 5

**Veja** – *Qual é a principal atividade da Opaq?*

**Bustani** – Não há mais fábricas produzindo armas químicas nos países membros da Opaq. Nós destruímos todas. Fazemos inspeções onde existem armas armazenadas, nos locais em que essas armas estão sendo destruídas e nas indústrias químicas. Os Estados Unidos, a Rússia, a Índia e a Coreia do Sul, os países que possuem armas químicas, comprometeram-se a acabar com seus arsenais e estão fazendo isso sob a supervisão da Opaq. Todos os países membros da organização que têm indústrias químicas mais desenvolvidas são inspecionadas para que a comunidade internacional tenha certeza de que não há armas novas sendo produzidas.

**Veja** – *Quando o senhor sentiu que os americanos queriam sua cabeça?*

**Bustani** – Tive problemas com os americanos desde o começo. Eles não aceitam que os funcionários da Opaq façam inspeções nos Estados Unidos. Em várias oportunidades, os inspetores tiveram dificuldades de entrar em partes das fábricas americanas. (...)

**RESPOSTA**

*Entrevista publicada na revista Veja.*

TEXTO 6

**EXECUTIVOS**

Desenvolva seu relacionamento  
no trabalho através do Mapa  
Astral.  
Tel.: 2274-4488

**RESPOSTA**

*Anúncio de classificados.*

TEXTO 7

- Xis veiz treis é iguar a nove! Qual é o valor di xis?
- Ei, Chico! Vamo pescá?
- Hum... só cê ocê dissé quar qui é o valor di xis!
- Valor de xis? Tá bão! Peraí!
- (...)
- Oi, seu Joaquim! Tem xis?
- Oia, Zé! Eu num vendo dessas coisas aqui na venda. Pru que ocê num vai numa biblioteca? Eles lá é qui intende di letra!
- (...)
- A letra xis fica daquele lado!
- I quanto qui é o valor dela?
- Olha, nenhum dos nossos títulos está à venda. Por que você não vai a uma livraria?
- (...)
- Xis!? Nunca ouvir falar disso! Por que não vai numa lanchonete? Lá tem muitos xis! X-salada, x-burger...
- (...)
- Chico, ocê só mi fez andá feito loco. Num descubri o valor do danado do xis.
- Num carece mais! A mãe mi ajudô a resorvê o pobrema!
- Quar qui é o valor do xis, afinar?
- É Treis! Pruque xis veiz treis é iguar a nove!
- Bão... agora qui ocê resorveu seu pobrema, vamo pescá. O rio deve di tá cheio de pexe!
- Aliás, Zé, pexe é cum xis o cum ceagá?
- Como ocê é chato... o xato?

**RESPOSTA**

*Diálogo da história em quadrinhos Chico Bento.*

## TEXTO 8

1. Estacione o veículo convenientemente. Sinalize o local com o triângulo de segurança.
2. Puxe o freio de estacionamento e calce a roda oposta, a fim de evitar qualquer deslocamento.
3. Introduza o macaco no respectivo encaixe quadrado, debaixo do estribo, perto do pára-lama traseiro. Em seguida, acione-o, até que o veículo comece a levantar.
4. Retire a calota, comprimindo-a junto ao aro, em um ponto de seu diâmetro.
5. Solte os parafusos da roda com a chave sextavada, enquanto o pneu estiver ainda no solo.
6. Levante o veículo.
7. Acabe de desatarraxar os parafusos e retire a roda.
8. Continue a levantar o carro, até que os furos dos parafusos da roda sobressalente coincidam aproximadamente com os do cubo.

**RESPOSTA**

*Trecho de seção de manual de carro.*

## TEXTO 9

A fundamentação teórica do presente estudo foi derivada da obra de Vygotsky e dos chamados pesquisadores neo-vygotskinianos. Para tais estudiosos, o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos não depende apenas do seu nível de maturação interna, sendo fortemente impulsionado pelas interações do sujeito com os demais participantes do contexto social. Com base em tais pressupostos, conduzi uma investigação etnográfica centrada em um grupo de estudantes secundaristas de um colégio da rede pública estadual. Conforme determina o modelo de pesquisa adotado, utilizei diferentes instrumentos de coletas de dados, que me possibilitaram confrontar minhas interpretações dos fatos com a visão dos demais participantes. Os resultados desta investigação confirmam a influência dos procedimentos sócio-interacionais para a aprendizagem, podendo favorecê-la ou eventualmente obstruí-la.

**RESPOSTA**

*Resumo de trabalho acadêmico apresentado na Dissertação de Mestrado de Gisele Abreu dos Santos. UFRJ.*

TEXTO 10

Solicitamos seu comparecimento à agência para regularizar a situação de sua conta corrente que excedeu o limite. Contamos com sua colaboração para regularizar sua situação em 48 horas, evitando problemas futuros.

Cordialmente,

**RESPOSTA**

*Carta de cobrança bancária.*

**RESUMO**

O conjunto de informações acerca de exemplares de enunciados humanos é amostra de que cada domínio ou esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados orais e escritos que chamamos gêneros do discurso. Assim, os enunciados são marcados por uma especificidade do domínio de atividades de que fazem parte. A eles, podemos dizer, estão indissolavelmente associadas três características: o tema, a forma ou estrutura composicional e o estilo. Recomenda-se a noção de gênero do discurso como ferramenta de trabalho no ensino de língua, associada à idéia de um sistema de normas a que os sujeitos precisam se submeter para se inscreverem na comunicação humana. É importante observar que esse sistema de normas se funda nas relações sociais, diferenciando-se, portanto, da idéia de sistema restrita a uma coerência interna de normas lingüísticas.

**AUTO-AVALIAÇÃO**

Se você entendeu toda a aula, deverá levantar o conjunto de informações que serve de amostra de que cada domínio ou esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados orais e escritos que chamamos gêneros do discurso, em diferentes exemplares de texto. Esse conjunto deve abarcar três características: temática, das formas composicionais e do estilo.

## Uso da língua 8 – quando a distância diminui no tempo – os textos de correspondência

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Identificar o texto de correspondência como uma variante do processo de comunicação.
- Perceber as particularidades desse tipo de texto.
- Ler os vários tipos de texto de correspondência e estabelecer as diferenças entre eles.
- Relacionar a correspondência com a leitura de mundo e a conquista do espaço social.

## INTRODUÇÃO

Nesta aula, vamos dar continuidade ao estudo das diversas formas de comunicação, que pressupõem maneiras diferenciadas de utilizar a língua. Vamos tratar, agora, dos textos de correspondência, que, como os estudados anteriormente, têm suas especificidades.

Para começar, é importante lembrarmos que estamos falando, aqui, de textos escritos, o que leva em conta é que o emissor escreva e o destinatário leia. No entanto, sabemos que nem sempre é assim. Vamos por partes.

Fazendo uma rápida viagem no tempo, vamos partir da época em que apenas uns poucos privilegiados tinham a chance de aprender a ler e a escrever. Nessa época, o estudo era um tabu para as mulheres, que tinham coisas mais “importantes” a aprender – como bordar, por exemplo. Algo semelhante se pode dizer em relação às pessoas menos abastadas, a quem ficava reservado o trabalho braçal. Nesse sentido, ler para quê? Bastava que os nobres e os aristocratas o soubessem. Assim, o texto escrito ficava restrito a um pequeno grupo, cuja única forma de comunicação, a distância, era a carta.

Na história do Brasil, temos na carta de Pero Vaz de Caminha o primeiro contato entre a colônia e a metrópole. Lembremos que Caminha estava na comitiva de Cabral especialmente para isso. Afinal, havia que se garantir um relato confiável para o Rei, e esse relato quase ninguém estava apto a redigir. Hoje, a leitura da carta de Caminha deveria estar ao alcance da esmagadora maioria de nossa população, mas nem todos conseguem compreender o que está registrado ali. Por que será? Para responder a esta pergunta, vamos dar uma lida no trecho inicial desse célebre texto:

Senhor,

posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!

Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afeiar, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e das singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza – porque o não saberei fazer – e os pilotos devem ter este cuidado.

E portanto, Senhor, do que hei de falar começo:

E digo quê:

A partida de Belém foi – como Vossa Alteza sabe, segunda-feira 9 de março. E sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grande Canária. E ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas mais ou menos, havemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber da ilha de São Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.

Na noite seguinte à segunda-feira amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com a sua nau, sem haver tempo forte ou contrário para poder ser!

Fez o capitão suas diligências para o achar, em umas e outras partes. Mas... não apareceu mais!

E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando da dita Ilha – segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas – os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos.

Neste mesmo dia, a horas de véspera, havemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!

(*Carta a El Rei D. Manuel*, Dominus, São Paulo, 1963)

O que você acha? Sabemos o conteúdo da carta, até porque, na escola, não nos pouparam essa informação. Mas, se não soubéssemos, você acredita que seria possível, com uma única leitura, resumir o que o escrivão da frota de Cabral estava relatando ao Rei? Dificilmente, e isso acontece porque a distância temporal entre a escritura da carta e a nossa leitura traz consigo uma série de obstáculos, como o

vocabulário, a diferença sintática e até mesmo o contexto. Então, ainda que letrados, nem todos somos capazes de decifrar o que Caminha está dizendo a D. Manuel.

No caso da carta que usamos como exemplo, a dificuldade se justifica pela distância temporal. Mas não podemos fingir que o mesmo não acontece com pessoas que vivem na mesma época e que, ainda assim, não são capazes de estabelecer uma comunicação plena por meio de uma carta. Novamente, estamos pisando no terreno do poder da língua, em que quanto mais qualificado um falante se torna tanto maior o domínio que ele tem da língua materna. Veja o que aconteceu a um usuário que cometeu um pequeno deslize vocabular:

Quando era ministro da Educação, Passarinho recebeu uma correspondência de um reitor de uma faculdade solicitando verbas ao “iminente ministro”, que não pestanejou. Colocou-a de volta no correio, dizendo ao solicitante que já havia sido nomeado e, portanto, não estava na “iminência de”. A referência eminente ministro” certamente tornaria menos acidentado todo o tráfego de petição do reitor.

(Revista *Veja*, 22/1/ 198, p. 51)

Mais uma vez, estamos diante de um exemplo em que o domínio da língua estabelece as relações de poder. Repare que, na reportagem, a revista comenta que, caso tivesse utilizado o vocábulo correto, o reitor talvez tivesse conseguido sem percalços o que reivindicava. Como estamos falando dos textos de correspondência, estamos nos referindo, necessariamente, a textos escritos, o que, sem dúvida, expõe muito mais o usuário da língua.

Não se pode negar que, durante séculos, a carta foi a forma de correspondência mais eficiente, mas essa troca pressupunha a possibilidade de alguém que pudesse escrever a alguém que pudesse ler. Você assistiu ao filme *Central do Brasil*? Se não assistiu, procure assistir. A personagem Olga, de Fernanda Montenegro, arrecada um bom dinheiro para viajar para o Nordeste com o menino Josué, escrevendo cartas na *Central do Brasil*. No filme, aqueles que não sabem escrever pagam um real para que ela redija seus recados aos parentes distantes – que, também, talvez precisem arrumar quem lhes possa ler a carta recebida.

Esse retrato do Brasil nos faz lembrar que, mesmo na era da internet, mais da metade da população de nosso país ainda recorre aos correios para se corresponder com pessoas queridas que estão distantes, e muitas delas dependem de outras para que essa troca de notícias aconteça, de fato.

A necessidade de escrever uma carta é diferente da urgência e da objetividade de um telegrama, por exemplo. A carta permite a eloquência, o desabafo. Nela cabem as digressões, os pensamentos, as indagações, as lamúrias, a euforia, enfim, as emoções. O telegrama, por sua vez, tem a função de dar uma informação de maneira objetiva, e tem uma forma específica, lacônica, em que a mensagem é compreendida a partir do preenchimento, pelo destinatário, das lacunas características desse tipo de texto. Assim, a opção entre escrever uma carta e um telegrama leva em conta, também, a questão afetiva, além da necessidade de detalhar informações ou de estabelecer um contato mais aprofundado.

Sabemos que se podem escrever cartas de todos os tipos: comerciais, jurídicas, de e para amigos, entre parentes, e as famosas e tão frequentes cartas de amor. Estas, segundo Fernando Pessoa, são “sempre ridículas”... É claro que a afirmação do poeta português parte do fato de que uma carta de amor é uma forma pungente de exposição – não só de sentimentos, mas da própria habilidade lingüística para expressá-los. Curiosamente, as cartas de amor atravessaram a história, e muitas delas tornaram-se documentos importantes, evidenciando relacionamentos que ficaram anos obscurecidos.

Erasmus Carlos, na década de 1960, compôs uma canção cuja letra é uma carta de amor. A canção foi regravada por Renato Russo nos anos 90, reiterando o papel desempenhado por essa forma de comunicação em nossa sociedade. Na verdade, as sociedades, em geral, dotadas de uma cultura eminentemente gráfica, ou seja, voltada para a escrita como uma das mais importantes formas de manifestação cultural, reconhecem a carta – e, especialmente, a de amor – como veículo ímpar na veiculação e documentação das relações de amor.

Vamos dar uma olhada na letra da canção de Erasmo Carlos:

### A carta

Escrevo-te estas mal traçadas linhas, meu amor  
Porque veio a saudade visitar meu coração  
Espero que desculpes os meus erros, por favor  
Nas frases desta carta que é uma forma de afeição  
Talvez tu não a leias, mas quem sabe até darás  
Resposta imediata me chamando de meu bem  
Porém o que me importa é confessar-te uma vez mais  
Não sei amar na vida mais ninguém.  
Tanto tempo faz que vi no teu olhar  
A vida cor-de-rosa que sonhava  
E guardo a impressão de que já vi passar  
Um ano sem te ver, um ano sem te amar.  
Ao me apaixonar por ti não reparei  
Que tu tiveste só entusiasmo  
E para terminar, amor, assinarei  
Do sempre, sempre teu  
Erasmo.

Se mostrarmos a letra desta canção a um adolescente do terceiro milênio, vamos ouvir, no mínimo, o adjetivo “brega”. Mas não se pode negar que, independentemente da forma, a carta de amor, nem que seja uma única vez, se faz presente na vida das pessoas. Não é sem razão que, apesar de a canção de Erasmo ter sido composta na década de 1960, foi regravada nos anos 90 por um ícone das jovens gerações.

Essas gerações também se manifestam por escrito, porém, como já se sabe e se divulga largamente, é a internet que vem se firmando como veículo de comunicação do terceiro milênio. Pela rede, é possível se comunicar por **e-mail**, pelos **chats**, pelos fóruns de discussão, e pelo famoso ICQ. Tais veículos vêm gerando uma série de discussões a respeito do uso da língua portuguesa, uma vez que muitos pais e educadores temem que o vernáculo perca espaço para o que seria um novo código, próprio da era digital. Será que esse temor se justifica? Veja o que diz a reportagem publicada no jornal *O Globo*, em 9 de novembro de 2003, no caderno Jornal da Família:

## EDUCADORES AFIRMAM QUE A LINGUAGEM CIFRADA DO ICQ NÃO VAI MATAR O BOM E VELHO PORTUGUÊS

Quer saber, em português medieval, por que a garotada de hoje está ligadona na linguagem do ICQ? “Prq é mto mais rápido.” E em icequês, o que os jovens pensam dos copistas da Idade Média? “Uns kara kbca!” No português de antigamente, escrito à mão, os copistas abreviavam para dar conta de escrever tudo o que lhes solicitavam. Hoje, os adeptos do bate-papo on line na internet abreviam e codificam para acompanhar a rapidez do pensamento. As abreviaturas da Idade Média não mataram o português. E nem o icequês vai levá-lo ao CTI, como temem alguns pais e professores. É tudo uma questão de ganhar agilidade e — claro — imprimir uma marca pessoal na linguagem de seu tempo. — A palavra mesmo, por exemplo, eu gosto de abreviar com mxm em vez do msm de todo mundo — diz Mariana Binder, de 12 anos. — O som do xis é mais carioca. Quem chama a atenção para a coincidência do uso de abreviaturas tanto no ICQ quanto no português medieval é a filóloga Raquel Valença, diretora do Centro de Pesquisas da Fundação Casa de Rui Barbosa. — Os textos daquela época são de compreensão às vezes difícil, justamente por causa da grande quantidade de abreviaturas. Os copistas escreviam tudo à mão, então abreviavam para facilitar, ou levariam um tempo muito maior escrevendo — explica. Economia de tempo. É o que todos os usuários do programinha de conversa por computador alegam para usar uma linguagem tão cheia de reduções e zês e agás e cás (sim, a letra k é escrita assim em português de jornalista). Alguns pais se apavoram, com receio de que a moda pegue e seus filhos incorporem o vício na escrita, tornando-se os piores alunos da classe. Bem... o icequês já pulou da tela do computador para os bilhetinhos trocados pela garotada na sala de aula. Mas eles juram que não confundem as coisas quando o assunto é prova ou redação séria. — Às vezes a gente enfia um vc ou mto no rascunho, mas depois revisa e passa a limpo direitinho. Ninguém quer perder ponto, e tem professor que diz que isso até pode dar suspensão — diz Leo Paulis, de 12 anos, aluno do Colégio Santo Agostinho. Camila Vilela Borges, professora de português do Centro Educacional da Lagoa, tira ponto quando um corpo estranho desses vai parar na redação. Mas não sem antes avisar e chamar a atenção da garotada para a necessidade de diferenciar as coisas: linguagem de internet é muito boa no computador, conversando com os amigos. Na prosa literária, o papo é outro. — Vejo claramente os dois lados da questão: é ruim quando a criança embarca cegamente e passa a abreviar tudo e comer letra direto, não dando a menor atenção para o que está escrevendo. Mas é muito legal o fato de eles estarem exercitando a escrita, interagindo com pessoas de culturas diferentes, aprendendo a se expressar — avalia.

— Melhor escrever assim, mesmo não sendo o jeito ideal, do que não escrever nada. Andrea Cecília Ramal, doutora em educação pela PUC/RJ e autora do livro *Educação na cibercultura*, vai além. Acha que a escola tem que valorizar também a linguagem codificada que os alunos usam no ICQ. E mostrar que se pode falar de forma diferente dependendo do contexto: gírias com os amigos, abreviaturas no computador, linguagem formal num currículo ou carta comercial. Para ela, o cidadão preparado para o futuro tem que dominar tantas linguagens quantas forem as janelas que se abrirem para ele. — Se tudo muda, por que a linguagem ficaria engessada? Há tempos se falava vossa mercê, hoje a gente diz você. Logo o vc e o cê estarão consagrados. E daqui a 50 anos seremos lembrados como aquela gente estranha que falava um português difícil em 2003 — prevê Andrea.

### **A conversa pelo ICQ ajuda na organização de idéias**

A filóloga Raquel Valença, que deu aulas de português nas décadas de 1960 e 1970, diz que, se ainda estivesse em sala de aula hoje ficaria encantada com a apropriação que os jovens fazem da linguagem do ICQ. Segundo ela, o processo é extremamente positivo para o desenvolvimento da expressão escrita. Porque, mesmo com erros e encurtamentos, eles estão organizando idéias, desenvolvendo argumentos, ampliando seu conteúdo de informações. Enfim, escrevendo. Coisa que ela penava para incentivar em seus tempos de professora e tinha muito pouco retorno. — É claro que esses códigos e os erros de grafia chocam. Porque são os que saltam à vista mais rapidamente. Mas a camada ortográfica é superficial, o que importa mesmo é a camada da organização de idéias. Isso só se aprende usando. E eles estão usando, conversando no ICQ. É uma realidade incontestável. E não somente conversando. Muitas vezes a rede formada pela garotada serve para... estudar! Olívia Vigneron, de 13 anos, já aproveitou um bate-papo via computador com os colegas de escola para fazer um trabalho de grupo de última hora. Claro, depois foi preciso traduzir para um português de sala de aula. Mas a discussão na rede funcionou exatamente como uma reunião em torno de livros e cadernos. Camilla dos Reis, de 13 anos, adotou o ICQ incentivada pela irmã mais velha, Mariana, de 17 anos, e hoje não quer outra vida. Ela confirma que parte da estratégia de escrever abreviado é mesmo para evitar bisbilhotices de pai e mãe nos assuntos dos jovens, mas diz que a mania pega mesmo pela facilidade de escrever quase tão rapidamente quanto se fala. E a mãe, Andrea dos Reis, não fica preocupada, por mais que perceba a artimanha para deixá-la boiando. — Sei que é para eu não entender mesmo, para não conseguir pegar rápido alguma coisa que leia de relance. Mas eu me tranquilizo porque elas só dão autorização para entrar no

ICQ delas aos amigos, nunca a gente estranha. E quanto ao desempenho na escola, não tenho queixa — afirma Andrea. — Elas sabem separar as coisas e continuam sendo meninas de redação nota dez. Em plena transição para a vida profissional, a estudante de comunicação Marina Saraiva, de 20 anos, uma rata de ICQ, não levou os vícios do icequês para os textos que escreve como estagiária na assessoria de comunicação da Defensoria Pública do Rio. Ao contrário, é elogiada pelo domínio da língua. O pai dela, Marino Viana Saraiva, técnico de eletrônica, sempre chamou a atenção para a necessidade de separar as coisas. Preocupação mesmo ele teve com a possibilidade de pessoas desconhecidas invadirem o computador da filha com mensagens pornográficas e coisas assim. Instalou um rastreador. Fora isso, aprendeu a dominar o programa de bate-papo e hoje é um internauta como ela. Enfim, pôs em prática o conselho que Andréa Ramal costuma dar aos pais que temem estar sendo enganados ou jogados para escanteio pela turma que, cada vez mais cria sua própria linguagem no mundo. — Assim como os pais tiveram o grupinho da praia, que também criava códigos, os meninos hoje elaboramos seus. O que os pais podem fazer é dialogarem com os filhos nesse novo meio. É uma forma incrível de se aproximar — ensina.

Estaria o computador, de uma forma insuspeitada, ressuscitando o já quase abandonado hábito de escrever? A comunicação pelo ICQ, por exemplo, pode ser comparada a uma conversa telefônica, só que por escrito. A velocidade exigida para que os interlocutores acompanhem o ritmo do pensamento leva à necessidade do uso de abreviações e encurtamentos, mas, como pudemos ler no artigo, o fato de estarem escrevendo é um exercício de organização de idéias e de argumentação.

E o que dizer, então, da identificação entre o procedimento adotado no ICQ e a técnica dos copistas medievais? Será esse um sinal tranquilizador a respeito da sobrevivência da escrita como forma de expressão? Podemos pensar que sim, e talvez seja uma boa idéia buscarmos uma interação maior com o sistema criado pelos usuários da rede para agilizar a comunicação. Esse sistema não deve ser confundido com uma nova linguagem, como ouvimos com freqüência. Afinal, já sabemos que a linguagem é uma faculdade mental, e que a língua é uma manifestação dessa faculdade. Por isso, o sistema de códigos usado no

ICQ, por exemplo, é mais uma forma de manifestação da linguagem, uma nova maneira de usar a língua visando a um objetivo específico, que é o de instaurar um processo comunicacional ágil.

Não é difícil identificar esse sistema com o telegrama, e mesmo com o bilhete, que, muitas vezes, é escrito de maneira rápida, cheio de abreviações. O importante é constatar que a escrita, em todos esses casos, é veículo de comunicação, e as variações criadas em cada caso buscam atender a um determinado fim. Dessa forma, respeitando-se as devidas peculiaridades, podemos dizer que as formas de comunicação escrita mudaram, mas mantêm, como ponto comum, o uso da língua como meio de contato.

Essa constatação nos leva, mais uma vez, a pensar a respeito do trabalho que a escola faz, quando o assunto é ensino da língua materna. Mais uma vez mencionando o artigo que lemos, é importante notar a preocupação que se tem em separar as situações de uso da língua escrita. ICQ é uma coisa, redação é outra... Na verdade, tudo é redigir. O que muda é a adequação a uma situação mais formal, diferentemente do ICQ, em que se instaura a total informalidade. Por isso, voltamos a dizer que, no trabalho com a língua portuguesa, tão importante quanto lidar com as estruturas lingüísticas é ter noção de adequação no momento de seu uso. Esse tipo de percepção tem relação estreita com a conquista de espaços sociais distintos, na medida em que tem o poder de inserir um indivíduo em contextos diversos, de acordo com sua habilidade de usar adequadamente as formas de expressão que a língua oferece.

Assim, podemos concluir que a comunicação escrita, entre dois usuários da língua, é não apenas uma estratégia de diminuir as distâncias mas também uma forma de expressão que ganha contornos pessoais, independentemente do veículo eleito para estabelecer essa comunicação.

**RESUMO**

Nesta aula, vimos:

- A importância da comunicação escrita como forma de expressão cultural.
- As várias formas de comunicação escrita.
- O relevo da carta na história das sociedades.
- A comunicação na era digital.

**AVALIAÇÃO**

1. Releia o trecho da carta de Pero Vaz de Caminha e procure fazer um resumo do que você conseguiu depreender dela.
2. Pesquise alguns dos termos utilizados no ICQ e seu significado.
3. Você já escreveu uma carta de amor? Quer tentar? Mãos à obra.



# Uso da língua 9 – quando o objetivo é: informar e opinar

AULA

# 20

## Meta da aula

Apresentar os elementos constitutivos de textos de informação e de opinião.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Distinguir texto de informação de texto de opinião a partir da análise de elementos verbais.
- Reconhecer o lugar da informação no texto de opinião.

## Pré-requisito

Nas Aulas 16, 17 e 18, procuramos construir a idéia de gênero de discurso como a forma pela qual organizamos nossa comunicação. É imprescindível, porém, que você saiba distinguir gênero de categoria. Enquanto gênero diz respeito à forma de organização dos enunciados humanos, categorias são formas pelas quais se pode fazer, com fins didáticos, uma grande divisão inicial dos textos. Na aula de hoje, opinião e informação são tomadas como categorias que podem ajudar no processo de seleção inicial de textos para a organização do estudo dos alunos.

## ATIVIDADES



1. Leia, a seguir, os textos 1 e 2; após isso, diga em qual deles predomina a intenção de informar e em qual, a intenção de opinar.

### TEXTO 1

#### Amazonas vence Palmeiras

A vitória do Amazonas por 82 a 71 ontem (dia 19), em Franca, determinou um torneio extra entre as duas equipes para a definição do título estadual de basquete, em junho. A Federação Paulista de Basquete já adiantou, ao final do jogo, a série de três jogos: um em Franca, outro em São Paulo, e o terceiro, se necessário, em quadra neutra, provavelmente em Campinas, Araraquara ou Presidente Prudente.

Marcaram pontos para o Amazonas: Zé Geraldo (19), Totô (5), Hélio Rubens (21), Fausto (13), Adilson (9) e Robertão (15). Para o Palmeiras: Ubiratã (16), Oscar (29), Gonzales (13), Carioquinha (9), Perroca (2) e Perroquinha (2). Os juízes foram José de Oliveira e Luís Carlos Carvalho e o público foi superior a 3 mil pessoas. A renda atingiu cerca de 45 mil cruzeiros. Poderia ser maior, não fosse um temporal que caiu sobre a cidade antes e durante o jogo.

A partida foi das mais violentas e, para se ter uma noção, Carioquinha e Robertão foram desclassificados com cinco faltas. O Palmeiras perdeu Carioquinha quando faltavam 8'44" e o Amazonas ficou sem Robertão a 5'41" do final do jogo.

No início do segundo tempo, Franca chegou a somar 20 pontos sobre o Palmeiras (48 a 28), mas a partir daí o time de São Paulo foi tirando a diferença e quando restavam 2'30", perdia por apenas 6 pontos. Aí Ubiratã errou um lance, sozinho, embaixo da cesta. Hélio Rubens contra-atacou e definiu o jogo.

Na partida de ontem, o Palmeiras sofreu também a ausência de Albert, que estava contundido e não pôde jogar. Mas contou com Oscar em grande jornada, o que, no entanto, não foi suficiente para evitar a derrota, até certo ponto esperada, pois Franca jogou ao lado de sua torcida.

(O Estado de S. Paulo, 20/4/1977, p. 32)



## TEXTO 2

A estréia do Corinthians em partidas internacionais dera-se em 1914, quando enfrentou o Torino, da Itália, aqui em São Paulo. O seu “batismo” em partidas fora do país, porém, deu-se em Montevidéu, contra um combinado uruguaio, no famoso estádio do “Centenário”, em 30 de julho de 1951. Portanto, 37 anos depois da estréia em pelepas internacionais.



No campo do jogo, os uruguaio, maravilhados, assistiram a um verdadeiro “baile”. Não constava em seu programa. A própria crítica foi unânime em afirmar: vitória espetacular. Afirmou mais: o resultado não espelhou com fidelidade o que foi o andamento da partida. O conjunto corinthiano teve uma atuação brilhante, e a goleada poderia ter atingido a casa dos seis, oito, que não seria injustiça ao melhor futebol do mundo.

Quando o Corinthians daqui saiu, notava-se receio nos rostos de todos. Por que os dirigentes escolheram logo o Uruguai? Logo os campeões do mundo? Seria a desgraça do Corinthians.

Eram esses os comentários. Seríamos massacrados! E, em parte, era justificável a impressão. O “onze” corinthiano era desconhecido, não só do grande público, como também da crônica do vizinho país, enquanto a equipe oriental tinha valores como Rodriguez Andrade, Moran, homens que haviam tomado parte nos mais recentes compromissos da seleção “celeste”. A zaga era formada por dois veteranos, campeões do mundo um ano antes, em 1950, dentro do próprio Maracanã, isto é, o extraordinário Mathiaz Gonzales e o magnífico Hector Vilches.

Antes do jogo, crônica e público – no Uruguai – comentavam que o Corinthians, quando muito, poderia livrar-se de uma goleada.

Assim pensavam os uruguaio. Os corinthianos, “calouros” em competições internacionais, pisaram o gramado longe do apoio de sua torcida, a mais entusiástica do Brasil. E iniciaram o jogo com acanhamento. Decorridos, porém, os primeiros oito minutos, o cenário mudou completamente. O “mais brasileiro”, com precisão cronométrica, foi se impondo, dominou e triturou sem apelação a equipe uruguaia. O Corinthians foi o “dono” do campo. E os gols se sucederam. E muitos outros teriam surgido, não fosse o guarda-valas Di Mateo, que operou defesas milagrosas.

O Corinthians, “derrotado” antes do início da peleja, enfrentando um adversário temível, obteve a mais notável vitória dos clubes nacionais fora de nossas fronteiras, e elevou bem alto o prestígio do futebol do Brasil.

(In: ALMEIDA, Antoninho de. *Corinthians: A história que o povo escreveu*. São Paulo: Edições Símbolo, 1976)

2.

a) E então, qual é sua resposta? O texto 1 é um texto em que predomina a intenção de informar? Por quê?

---

---

---

b) E o texto 2? Você acha que predomina a intenção de opinar? Por quê?

---

---

---

3. Agora, escreva nas colunas a seguir uma lista de elementos que, comparativamente, em cada texto, sustentam sua escolha entre um deles como exemplar de texto de informação e exemplar de texto de opinião:

INFORMAR	OPINAR

Como você pôde observar, podemos classificar os textos, para fins didáticos, em duas categorias: texto de opinião e texto de informação. Mas será que podemos dizer que em um texto só existe opinião ou só informação?

---

---

---

4. Leia os textos 3 e 4, a seguir, a fim de responder a essa pergunta.

### TEXTO 3

#### Badminton

Você não conhece esse jogo?

Então descubra e se apaixone

Sonia de Castilho

Tem quadra e raquete, mas não é tênis. Tem rede e set de 15 pontos, mas não é vôlei. Tem peteca, mas não é tamboréu. É badminton, um divertido jogo que, apesar de ainda pouco difundido no Brasil, é praticado por milhares de pessoas em mais de 100 países, principalmente na Inglaterra, Dinamarca e nos países asiáticos. E mais: aprovado pelo COI (Comitê Olímpico Internacional), o badminton será disputado oficialmente nos próximos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, com premiação em quatro categorias.



A história conta que, por volta de 1870, oficiais da Marinha britânica descobriram na Índia, um jogo chamado poona. Levado para a Inglaterra – mais especificamente para a cidade de Badminton, o jogo ganhou adeptos, regras e o nome que o acompanha até hoje. No Brasil, o badminton vem ganhando destaque desde 1984, com a criação da Associação Paulista de Badminton, filiada à IBF (International Badminton Federation), entidade internacional que existe desde 1934.

O badminton é disputado em uma quadra de 13,4m de comprimento por 6,10m de largura, dividida por uma rede de 76cm fixada a uma altura de 1,55m. Usa como “bola” uma levíssima peteca, agilmente golpeada no jogo por raquetes, mais leves e mais longas que as usadas no tênis – devem medir entre 64 e 67cm e pesar de 90 a 140g. A peteca tem 8,8cm de comprimento e pesa entre 4,73 e 5,5g. A de melhor qualidade é feita com penas de ganso, mas é cara – custa cerca de 1 dólar – e dura muito pouco – em média, um set. A peteca de nylon é a opção mais barata e durável. O uniforme dos jogadores de badminton é predominantemente branco (70%), no melhor estilo tenista. No Brasil, a regra ainda não é obrigatória, mas deve se tornar oficial no próximo ano.

Também como no tênis, o badminton pode ter partidas individuais ou de duplas. O objetivo do jogo é devolver a peteca para o lado do adversário, tentando fazer com que ele caia no chão, dentro dos limites da quadra.

(...)

(Revista *Boa forma*, nº 5)

a) Como você definiria texto de informação? Texto de informação é

---

---

---

b) O texto 3, anterior, é de informação? Por quê?

---

---

---

c) Na sua opinião, como o texto de informação se diferencia do texto de opinião?

---

---

---

d) Observe o modo como se faz referência ao jogo no texto. De “badminton” (que aparece no título) a todas às outras ocorrências, levante todas as formas de designação do jogo (por exemplo, construções como “esse jogo” etc.).

---

---

---

e) O jogo é constituído como objeto do discurso e quase não se percebe nenhuma avaliação ou comentário da autora (por exemplo, em construções como “acho muito interessante”, “eu acho que...”). Quais são as consequências dessa ausência?

---

---

---

f) Em algum momento aparece uma opinião? Qual é e como é dada?

---



---



---

## TEXTO 4

### Museus de portas abertas

É bem provável que grande parte dos freqüentadores de museus no Brasil não procure voluntariamente essa instituição cultural. Ao contrário, as visitas a museus, no Brasil, parecem estar invariavelmente associadas a trabalhos e obrigações escolares, em excursões “protegidas” por uma escolta de professores e funcionários em missão obrigatória.

É compreensível, então, que nessas circunstâncias reste pouca simpatia da parte do estudante para com o acervo de museus; o resto dessa disposição vai ser pulverizado por todo um aparato que sugere quais devem ser as atitudes e comportamentos adequados ao ambiente. Ao visitante dos museus é transmitida a noção de que nesse local carregado de respeitabilidade o melhor a ser feito é observar “muito respeito”, “pouca conversa” e lembrar que “esse é um lugar de contemplação”. Atitude semelhante à que se tem numa igreja, só que nesse caso esse conjunto de normas vai contribuir decisivamente para estabelecer preconceitos em relação à obra de arte que dificilmente serão eliminados.

Com a autoridade institucional de que foi investido, o museu de arte representou, pela sua condição privilegiada, uma oportunidade única para sacralizar os objetos selecionados segundo os sonhos e fantasias de uma classe dominante. O museu, em sua forma tradicional, serviu como elemento mistificador da criação artística, além de local onde as pessoas vão à procura de obras “consagradas” feitas por uma elite da qual a maioria da população se sente afastada.

Tornou-se, então, uma tarefa obrigatória dos museus de arte a luta para desmistificar certos conceitos que distanciam o trabalho artístico do “homem comum”. É o que vem sendo feito, de várias formas, por várias instituições brasileiras, entre as quais o Museu de Arte Moderna (do Rio de Janeiro), o Museu de Arte Contemporânea da Usp (SP) e o Museu Lasar Segall (SP).

(Museus de portas abertas (fragmento). Revista *Movimento*, nº 93, 1977, p. 14)

5.

a) Como você definiria texto de opinião?

Texto de opinião é \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

b) Você considera que o texto 4, acima, é de opinião? Por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

c) Para você, em que o texto de opinião se diferencia do texto de informação?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

d) Dentre as frases que se seguem, qual delas constitui um enunciado do texto 4?

( ) Grande parte dos freqüentadores de museus no Brasil não procurar voluntariamente essa instituição cultural.

( ) Grande parte dos freqüentadores de museus no Brasil pode não procurar voluntariamente essa instituição cultural.

( ) Grande parte dos freqüentadores de museus no Brasil talvez não procure voluntariamente essa instituição cultural.

( ) É bem provável que grande parte dos freqüentadores de museus no Brasil não procure voluntariamente essa instituição cultural.

( ) É indiscutível que grande parte dos freqüentadores de museus no Brasil não procura voluntariamente essa instituição cultural.

#### **RESPOSTA COMENTADA**

*O enunciado que você deve ter selecionado acima é revelador da presença do autor que, ao explicitar para o leitor seu grau de certeza (que, no caso, não é muito alto) sobre o que está declarando, o faz em defesa da opinião apresentada.*

## INFORMAR *VERSUS* OPINAR

Para finalizar a aula, convidamos você a refletir sobre a possibilidade de existir um texto em que só haja informação ou em que só haja opinião. Essa é uma pergunta que fazem, de certo modo, outros autores como Maria del Carmen Daher em prefácio de um livro sobre notícias de jornal:

...o que é informar? Que conceitos há sobre o que venha a ser informação? O que é socializar informações? Será possível “informar objetivamente” fatos/temas de nosso cotidiano? Será viável contar algo sem se posicionar a partir de um determinado ponto de vista? (*In*: SANT’ANNA, 2004, p. 9 – grifo nosso)



### ATIVIDADE 6

Assim, responda:

a) Será possível “informar objetivamente” fatos/temas de nosso cotidiano?

---

---

---

b) Será viável contar algo sem se posicionar a partir de um determinado ponto de vista?

---

---

---

## RESUMO

Podemos classificar os textos, para fins didáticos, em duas categorias: texto de opinião e texto de informação. Vimos que o texto de informação pode transmitir também uma posição do autor, mas essa posição não é central. Em contrapartida, vimos também que o texto de opinião transmite uma informação, mas estão a serviço da opinião.

## AUTO-AVALIAÇÃO

Se você não teve dúvidas ao responder às perguntas formuladas na Atividade 6, parabéns! Porém, se hesitou ou não conseguiu chegar a uma conclusão, releia toda a aula, procurando rever as respostas que deu aos exercícios que foram propostos.

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Estudar o modo como o autor aparece no texto será o nosso objeto de estudo na próxima aula.

Até lá!

# Uso da língua 10 – construindo a opinião: como o autor aparece nos textos

## AULA 21

### Meta da aula

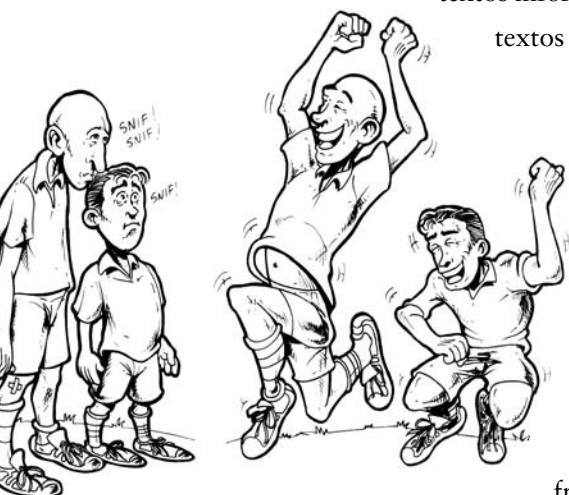
- Observar e reconhecer alguns recursos lingüísticos usados para a construção da opinião.
- Relacionar a construção de um ponto de vista sobre processos argumentativos.

### Pré-requisito

Retorne à aula anterior e leia novamente o trecho do texto *Corinthians: A história que o povo escreveu*, de Antoninho de Almeida. Como você viu, trata-se de um texto em que uma partida de futebol é constituída como objeto do discurso, ou melhor, o desempenho de um dos times é o principal foco do discurso. Nele, o autor utiliza o material narrativo e descritivo que o evento fornece para construir sua opinião.

Nesta aula, vamos utilizar exemplos desse texto para dar início à observação e ao exame de recursos lingüísticos de que se pode lançar mão para a construção da opinião. São recursos que, por sua natureza explicitamente avaliativa, são reveladores de modos possíveis de um autor aparecer em seu texto. Aparecer em seu texto? Como é isso? Todo texto não é escrito por alguém?

Sim, exatamente. Porém, há modos de utilização da língua que servem à intenção de produzir um efeito de neutralidade ou de isenção. Há situações em que o autor visa a focalizar o objeto de discurso como se este pudesse falar por si só, sem deixar nenhum rastro de um possível enunciador/autor. Tais procedimentos são constitutivos dos textos que têm a pretensão de ser, ao máximo possível, genuínos exemplares de textos informativos. Nas próximas aulas, analisaremos esses efeitos em textos jornalísticos e científicos.



Neste momento, ao contrário, nosso foco são os elementos indicadores de atitude ou estado psicológico com que, no texto de opinião, o autor se apresenta construindo sua posição sobre o objeto de discurso em questão. Eles expressam julgamentos, opiniões, apreciações. Veja os exemplos a seguir:

1. O Corinthians, “derrotado” antes do início da peleja, enfrentando um adversário temível, obteve a mais notável vitória dos clubes nacionais fora de nossas fronteiras...

2. O conjunto corinthiano teve uma atuação brilhante, e a goleada poderia ter atingido a casa dos seis, oito, que não seria injustiça ao melhor futebol do mundo.

3. Brilhantemente, o trabalho do time confirmou a criatividade e a força do futebol brasileiro.

### ATIVIDADE 1



a) Destaque, nos enunciados acima, os itens que você isolaria como exemplos desses elementos indicadores de atitude ou estado psicológico relativo ao objeto tratado.

---

---

---

---

b) De início, chamou sua atenção algum sinal que, sem interromper a ordem da sintaxe, enquadra tipograficamente o elemento sobre o qual recai?

---



---



---

Isso mesmo! As aspas que recaem sobre, no caso, o adjetivo “derrotado” são um recurso usado pelo enunciador para indicar que suas palavras não correspondem bem à realidade. Nesse tipo de uso específico das aspas, o enunciador delega ao leitor a tarefa de compreender o motivo pelo qual ele está assim chamando sua atenção. No exemplo 1, o leitor irá pressupor que “derrotado” vem entre aspas porque o enunciador está transferindo a responsabilidade de seu emprego a outra pessoa. Lembra-se? No texto em questão, eram os outros ou a conjuntura que antecipavam a derrota do Corinthians, não necessariamente o autor. Nesse sentido, as aspas representam uma atitude explícita do autor, dirigindo a leitura do leitor.

### ATIVIDADE 2



Há outras possibilidades de se interpretar o uso das aspas. Reflita sobre alguma delas e responda que leitura é possível fazer de seu uso nos seguintes casos:

a) Gritou sem hesitar: “Socorro! Ajuda aqui!”

---



---



---

b) “Montanha” é um substantivo concreto.

---



---



---

Bem, depois dessa reflexão sobre as aspas como sendo um sinal a ser interpretado que demonstra uma atitude do autor, analisemos o plano das palavras que expressam julgamento.



### ATIVIDADE 3

Volte aos exemplos que antecedem à Atividade 1 e destaque as palavras que expressam uma avaliação do autor.

---

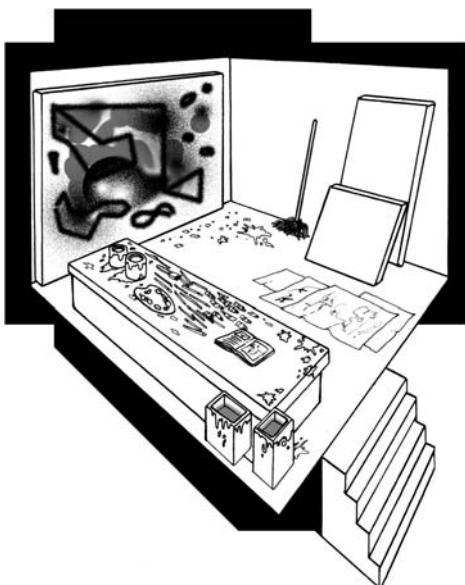
---

---

Certamente, ao realizar essa atividade, você assinalou, entre outras classes, alguns adjetivos. Ao fazê-lo, você poderá ter pensado: “Mas isso é obvio demais! Afinal, o adjetivo não é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidade, estado ou modo de ser?” Assim, qualquer um destacaria o adjetivo *brilhante* em atuação brilhante; *temível* em adversário terrível; e *notável* em notável vitória.

No entanto, note que mais do que atribuir uma qualidade à atuação, ao adversário ou à vitória, esses adjetivos expressam o julgamento do autor diante das coisas que vê. E isso é feito de modo subjetivo.

Compare essa função do adjetivo àquela desempenhada no texto a seguir:



Entremos. Tem-se primeiro que subir uma escada. No alto da escada há uma pequena sala de recepção, forrada de azul, bem arranjada, que dá pra uma outra sala muito clara, muito arejada, com janelas para a rua e fisionomia de *atelier*. Grande mesa ao centro, coberta de pincéis, palhetas, tintas; rolos de tela, frascos de óleo e aguarrás, em ativa confusão. Por volta, as paredes encobertas sob uma nuvem de quadros bem acabados, mas sem moldura. Nos cantos, diversos cavaletes com pinturas para concluir, dos quais destacava-se um maior sobre o qual se via uma grande tela já riscada e com algumas pinceladas a esmo... Era a casa de Calo Giacometto...

(In: Pompéia, Raul. *O modelo do anjo*)

Faça a lista dos adjetivos que aparecem no texto acima acompanhados dos substantivos a que fazem referência. Por exemplo: pequena sala, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

#### ATIVIDADE 4



a) Você observa alguma diferença com relação aos adjetivos do exemplo anterior? Qual?

\_\_\_\_\_

b) Em qual dos dois grupos tem-se a impressão de uma presença mais ativa do autor no sentido de se perceber mais sua reação-resposta face ao que descreve?

\_\_\_\_\_

c) Em qual dos dois grupos observa-se uma orientação mais voltada para o referente em si, no sentido de dar destaque às características do objeto referido?

\_\_\_\_\_

Esses usos do adjetivo com orientações diferenciadas (mais voltadas à impressão do enunciador ou às características do referente que se quer caracterizar) são mais uma prova de como não basta definir o adjetivo como sendo elemento que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidade, estado ou modo de ser.

Nesse sentido, professor, achamos que o seguinte procedimento pode ser muito produtivo para o trabalho com as classes de palavras:

1) Selecionar os textos a ser trabalhados com os alunos, segundo predomine a tendência à informação ou à opinião (sem, é claro, dizer isso aos alunos).

2) Elaborar tarefas de leitura com vistas a perceber, na atitude dialógica, a opinião que o autor está construindo sobre as coisas, tanto no plano da percepção objetiva (descrição de objetos e de seres, por exemplo) quanto no plano da percepção subjetiva: o que o autor acha disso ou daquilo. Nesse processo, o aluno deverá perceber a função do adjetivo



Discutimos isso em Língua Portuguesa na Educação 1, Volume 2, Aulas 22 e 23. Se não está lembrado, você deve reler essas aulas.

no próprio uso que faz da língua, reconhecendo-o como categoria de palavra diferente de outras, podendo, porém, com elas compartilhar a mesma função, tendo em vista a intenção principal do autor de mostrar a opinião que tem sobre as coisas.

Nessa direção, eles poderão ser levados a perceber que a opinião, ou seja, as atitudes apreciativas se concretizam no discurso por meio de diferentes tipos de:

### Verbos

A equipe **surpreende** pela qualidade técnica.

O time **abrilhanta** o futebol brasileiro com mais esta atuação.

Esse desempenho **supera** o anterior, que decepcionou os fãs do time.

### Adjetivos e Substantivos

A própria crítica foi unânime em afirmar: vitória **espetacular**.

Afirmar que este **surpreendente** jogo foi um **marco** na história do futebol sul-americano é pouco, em vista da qualidade técnica mostrada pelos jogadores.

Não é demais destacar a **valorosa** contribuição do preparador físico, que constitui o ponto de partida para essa **excelente** vitória.

### Advérbios

**Infelizmente**, o time uruguaio não confirmou seu talento nesta partida.

O seu último gol, **surpreendentemente**, seduziu a torcida de maneira arrebatadora.

**Estranhamente**, não foi citada a excelente atuação do juiz.

Bem, até aqui exploramos algumas possibilidades de o autor demonstrar seu ponto de vista, fazendo uso de alguns elementos da língua. Mas existem outras construções lingüísticas, um pouco mais complexas que essas, cuja função também é construir um posicionamento sobre os fatos ou idéias. Deixaremos, porém, para discutir mais sobre o assunto em outra oportunidade. Nossa intenção, agora, é convidar você para examinar mais de perto os procedimentos argumentativos que nos ajudam a construir nossa opinião.

## DISSERTAR E ARGUMENTAR

Não é possível discutir a construção textual da opinião sem fazer referência a duas ações que a esse processo se ligam: dissertar e argumentar. Observe que, segundo a orientação dialógica assumida em nosso curso, dissertar e argumentar são atividades de linguagem constitutivas de gêneros discursivos de orientação opinativa.

A dissertação, entendida como exemplar de gênero, é o texto produzido por candidatos a mestre nos cursos de pós-graduação. Fora desse campo de atividade acadêmica de nível superior, a dissertação é vista como um gênero escolar cuja realização se justifica não em termos de finalidade comunicacional propriamente, mas, sobretudo, em termos de finalidade didática.

Esses significados possíveis para o termo dissertação – ou como gênero acadêmico em nível de pós-graduação ou como gênero com finalidade estritamente didática – são importantes de ser observados. Porém, nesta aula, é mais importante distinguir a atividade de dissertar da de argumentar, ressaltando o quanto a competência no lidar com essas atividades pode se constituir em importante ferramenta para o domínio de gêneros opinativos.



### ATIVIDADE 5

Como você estabeleceria essa diferença entre dissertar e argumentar?

---



---



---

Se você respondeu que a atividade de dissertar tem como propósito principal expor e explicar, explicar ou interpretar idéias, acertou na mosca. No ato de dissertar, expressamos o que sabemos ou o que acreditamos saber sobre um determinado assunto; externamos nossa opinião sobre o que é ou o que nos parece ser.

Na atividade de argumentar, visa-se, sobretudo, a convencer, persuadir ou influenciar o leitor ou ouvinte. Assim, por meio desse procedimento, procuramos principalmente formar a opinião do leitor

ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade. Podemos, então, afirmar que argumentar é, em última análise, convencer ou tentar convencer mediante apresentação de razões, em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente.

Acreditamos ser uma prática importante, no sentido de alcançar o objetivo de formar o aluno leitor, promover situações em que se exige do aluno sustentar suas opiniões e posicionamentos, a partir de argumentos ou da contraposição de argumentos. Com esse intuito, devemos buscar também dialogar em termos argumentativos e evitar respostas do tipo “Porque sim ou porque não” a perguntas como “Por que não posso brincar agora?” ou “Por que vamos ler este livro?” apenas para citar alguns exemplos.

Então, quer descansar um pouco? Faça isso e depois prossiga o estudo desta aula acompanhando nossa análise de alguns procedimentos constitutivos da argumentação.

## PROCEDIMENTOS ARGUMENTATIVOS

Leia novamente trechos do livro *Corinthians*: A história que o povo escreveu (Aula 20). Você não agüenta mais ler esse texto? Vamos lá! Um pouco de paciência! Acreditamos valer a pena trabalhar bem um texto com finalidades diferentes.



No campo do jogo, os uruguaios, maravilhados, assistiram a um verdadeiro “baile”. Não constava em seu programa. A própria crítica foi unânime em afirmar: vitória espetacular. Afirmou mais: o resultado não espelhou com fidelidade o que foi o andamento da partida. O conjunto corinthiano teve uma atuação brilhante, e a goleada poderia ter atingido a casa dos seis, oito, que não seria injustiça ao melhor futebol do mundo.

Nesse parágrafo, em que Antoninho de Almeida avalia o desempenho do time brasileiro, você percebe claramente marcada a posição dele a respeito do jogo, que se apóia também naquela da crítica especializada. Em outras palavras, podemos

dizer que está explícita aí a posição do autor que, além de avaliar a partida, recorre a uma outra avaliação que corrobora e confere validade à sua, já que se trata de pessoas “autorizadas” a comentar jogos de futebol. Essa é uma estratégia discursiva muito recorrente em textos de opinião que se valem de procedimentos argumentativos, como você já deve ter visto em outros textos que leu. É o que chamamos de *argumento de autoridade*.

Quando o Corinthians daqui saiu, notava-se receio nos rostos de todos. Por que os dirigentes escolheram logo o Uruguai? Logo os campeões do mundo? Seria a desgraça do Corinthians.

Eram esses os comentários. Seríamos massacrados! E, em parte, era justificável a impressão. O “onze” corinthiano era desconhecido, não só do grande público, como também da crônica do vizinho país, enquanto a equipe oriental tinha valores como Rodriguez Andrade, Moran, homens que haviam tomado parte nos mais recentes compromissos da seleção “celeste”. A zaga era formada por dois veteranos, campeões do mundo um ano antes, em 1950, dentro do próprio Maracanã, isto é, o extraordinário Mathiaz Gonzales e o magnífico Hector Vilches.

Já nesse parágrafo, Almeida recupera dados sobre o contexto da situação que antecedia ao jogo. Primeiro, traz as vozes que, do lado brasileiro, tomavam o assunto como objeto de discussão, apontando como bastante provável a derrota brasileira. Em outras palavras, ao recuperar outras vozes ou ditos de outras pessoas, o autor cria um espaço dialógico explícito no âmbito de seu texto. Esse tipo de estratégia é também muito comum em textos do tipo opinativo que se constrói com base em argumentos: o embate dialógico revelador de que o enunciador, em sua reflexão, considerou o pensamento dos outros e, assim, dialogicamente, construiu o seu. Recuperando o contexto desfavorável para o Corinthians nos momentos que antecediavam ao jogo, trazendo as vozes dos que desacreditavam no time, o autor consegue fazer com que seus comentários ganhem força. E mais, ao concordar “em parte” (**E, em parte, era justificável a impressão...**) com esses comentários, constrói a imagem de alguém ponderado, ganhando pontos assim junto ao leitor quanto à pertinência de sua avaliação.

Antes do jogo, crônica e público – no Uruguai – comentavam que o Corinthians, quando muito, poderia livrar-se de uma goleada. Assim pensavam os uruguaiois. Os corinthianos, “calouros” em competições internacionais, pisaram o gramado longe do apoio de

sua torcida, a mais entusiástica do Brasil. E iniciaram o jogo com acanhamento. Decorridos, porém, os primeiros oito minutos, o cenário mudou completamente. O “mais brasileiro”, com precisão cronométrica, foi se impondo, dominou e triturou sem apelação a equipe uruguaia. O Corinthians foi o “dono” do campo. E os gols se sucederam. E muitos outros teriam surgido, não fosse o guarda-valas Di Mateo, que operou defesas milagrosas.

Nesses outros dois parágrafos, em que Almeida se volta para a opinião da outra parte envolvida na partida, ou seja, a do time oponente, aparecem novamente os elementos que apontavam para um resultado diferente daquele ocorrido. Essa estratégia visa ainda mais a confirmar a pertinência do modo entusiasmado como o autor avalia o jogo. Nesse ponto, depois de explorar bastante todos os argumentos contrários a uma possível vitória, ele relata a “virada”, “o inesperado”, dessa vez com exemplificação do que está sendo criticado. Assim, mostra que não está fazendo um comentário banal, pois, realmente, se o jogo constituiu-se em uma sucessão de gols que deu a vitória ao Corinthians, imagine que sua posição é mais do que coerente.

O Corinthians, “derrotado” antes do início da peleja, enfrentando um adversário temível, obteve a mais notável vitória dos clubes nacionais fora de nossas fronteiras, e elevou bem alto o prestígio do futebol do Brasil.

E, para concluir essa parte de seu texto, Almeida lança mão de uma síntese de tudo que era esperado anteriormente ao jogo, cujos detalhes foram explorados em parágrafos anteriores para, então, também sintetizar sua posição crítica sobre o jogo. Desse modo, a partir de estratégias argumentativas cuidadosamente elaboradas, visou a levar o leitor a aderir à sua opinião, colocando o time num patamar bem alto na história do futebol brasileiro.

**ATIVIDADE 6**

Para finalizar, pedimos que você escreva um texto, utilizando-se de um gênero opinativo, em que você expresse sua opinião sobre o material didático de Língua Portuguesa na Educação 2. Não fique tímido! Lembre-se de que, no processo dialógico de comunicação, nada é definitivo. Tudo é passível de uma contra-resposta. O importante é investir na consistência dos argumentos. Seu texto deve ser compartilhado conosco por meio da Plataforma Cederj ou com o tutor da disciplina em seu pólo.

**RESUMO**

Há vários recursos lingüísticos de que se pode lançar mão para a construção da opinião. São recursos que, por sua natureza explicitamente avaliativa, são reveladores de modos possíveis de um autor aparecer em seu texto em gêneros opinativos. Exemplos desses gêneros são a dissertação acadêmica e escolar, bem como aqueles que são construídos por meio da argumentação. Enquanto, nos gêneros do primeiro tipo, tem-se como objetivo principal expor e explanar, explicar ou interpretar idéias, nos do segundo, visa-se sobretudo a convencer, persuadir ou influenciar o leitor ou ouvinte, em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente.

**AUTO-AVALIAÇÃO**

Se você conseguiu alcançar o objetivo previsto para o texto da Atividade 6, expressando sua opinião por meio da utilização dos recursos apreciativos da linguagem e de procedimentos argumentativos, parabéns! Caso contrário, releia esta aula e tente outra vez. Até a próxima aula!



# Uso da língua 11 – quando a palavra é notícia: o jornalismo informativo

## AULA 22

### Meta da aula

Descrever as categorias do jornalismo impresso e relacioná-las ao processo de construção social da imprensa.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Compreender o jornalismo como processo social de natureza política.
- Distinguir o jornalismo a partir das categorias da informação e da opinião.
- Reconhecer os procedimentos avaliativos no jornalismo de informação.



### Pré-requisito

Os conteúdos das Aulas 20 e 21 devem ser revisados com atenção. Afinal, o jornalismo se constrói na tensão entre informar e opinar.

## O jornal e suas metamorfoses

Um senhor pega um bonde depois de comprar o jornal e pô-lo debaixo do braço. Meia hora depois, desce com o mesmo jornal debaixo do mesmo braço.

Mas já não é o mesmo jornal; agora, é um monte de folhas impressas que o senhor abandona num banco da praça.

Mal fica sozinho na praça, o monte de folhas impressas se transforma outra vez em jornal, até que um rapaz o descobre, o lê, e o deixa transformado num monte de folhas impressas.

Mal fica sozinho na praça, o monte de folhas impressas se transforma outra vez em jornal, até que uma velha o encontra, o lê e o deixa transformado num monte de folhas impressas. Depois, leva-o para casa e no caminho aproveita-o para embrulhar acelga, que é para o que servem os jornais depois dessas excitantes metamorfoses.

(Júlio Cortázar, em *Histórias de Cronópios e de Famas*)



## METAMORFOSE DO FATO: AS VÁRIAS LEITURAS DE UM ACONTECIMENTO

### O menino e o jacaré

Uma piada que circulou por aqui nos últimos dias dá a medida do engajamento político-ideológico dos portugueses. Conta-se que um redator do *Diário* estava visitando o zoológico quando viu um menino cair num lago onde havia um jacaré. Imediatamente imaginou a manchete:

**Administração incompetente dos socialistas de MÁRIO SOARES provoca morte de miúdo no parque**

De repente, porém, um cidadão arranca a camisa e atira-se na água.

O redator imediatamente recriou a manchete:

**Camarada intrépido salva miúdo que ia ser comido por jacaré**

Infelizmente, para o redator do *Diário*, o camarada intrépido, entrevistado, revelou-se salazarista. A manchete mudou para:

**Fascista desumano tira alimento de jacaré faminto**

(mimeografado)

### MÁRIO SOARES

Nascido em 1924, é militante histórico de oposição às ditaduras portuguesas de Antônio Salazar e de Marcelo Caetano. Foi fundador do Partido Socialista Português, Primeiro-ministro e Presidente da República de Portugal; é considerado um dos principais articuladores da adesão de seu país à Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1985.

Boa piada, não é? Porém, mais do que isso, ela focaliza duas importantes questões. A primeira delas diz respeito às diferentes leituras que podemos fazer dos fatos, segundo qual seja nossa visão de mundo e nossa intenção. A segunda questão, implicada na primeira, diz respeito a posicionamento ético frente aos fatos que nos cercam. Tudo bem, que um exagero aqui e ali no modo de comunicar um acontecimento pode não ser grave. Porém, em se tratando da conduta de um jornalista, o problema muda de figura; portanto, essa piada nos suscita algumas questões a respeito do jornalismo:

O jornalista deve informar ou opinar? Informar de que maneira? Há gêneros jornalísticos que se constituem mais em torno do propósito de mostrar uma preocupação real com os fatos, optando por “imprimir notícias como notícias, sem comentários, para se manter longe da polêmica” (OLSON, *apud* MELO, 1983, p. 31).



### ATIVIDADE 1

a) Escreva livremente sua opinião sobre isso. Depois, leve-a ao pólo para discutir com colegas e tutores.

---



---



---

b) Responda rápido: como seria uma manchete essencialmente informativa para o acontecimento narrado, isto é, o do menino que caiu no lago onde havia um jacaré? Faça a sua manchete. Compartilhe conosco sua proposta pela Plataforma Cederj ou com o seu tutor no pólo.

---



---



---

Agora que você já formulou uma primeira opinião sobre a atividade do jornalista e a tensão existente entre informar e opinar, convidamos você a prosseguir na leitura desta aula. Com as questões que abordaremos a seguir, esperamos que possa reunir elementos que o ajudem a distinguir o jornalismo, a partir das categorias da informação e da opinião.

## JORNALISMO: CONCEITO E CATEGORIAS

Leia o resumo que fizemos de parte do capítulo intitulado Jornalismo: conceito e categorias, da tese de livre docência *Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*, de José Marques de Melo. Os demais capítulos dessa tese versam sobre vários gêneros jornalísticos e são muito esclarecedores. Vale a pena conhecer!



A tese de José Marques de Melo pode ser encontrada na biblioteca da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Consulte o catálogo de fontes bibliográficas em [www.sibi.ufrj.br/cfch.html](http://www.sibi.ufrj.br/cfch.html) do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ.

### Jornalismo: conceito e categorias

As primeiras manifestações do jornalismo, no século XV, ganhando força no século XVI, atendem à necessidade social de informação dos habitantes das cidades. O autêntico jornalismo, porém, – processos regulares, contínuos e livres de informação sobre a atualidade e de opinião sobre a conjuntura – tem origem no início do século XVII com a aparição das primeiras folhas periódicas impressas, emergindo com a ascensão da burguesia ao poder e a abolição da censura prévia. Nesses primeiros momentos de sua afirmação, o jornalismo caracteriza-se pela expressão de opiniões. A nova classe dominante, porém, procurou instituir mecanismos que lhe garantissem o controle do debate público, inibindo o jornalismo de opinião e estimulando o jornalismo de informação. Essa distinção, portanto, entre categoria informativa e opinativa corresponde a um artifício profissional – significando o limite em que o jornalista se move, circulando entre o dever de informar e o poder de opinar – e também político: ontem, o editor burlando a vigilância do Estado; hoje, desviando a vigilância do público leitor em relação às matérias que aparecem como informativas, mas na prática possuem vieses ou conotações.

### ATIVIDADE 2



E então? Interessante, não? Você já tinha parado para pensar sobre o contexto social que fez emergir o jornalismo? Comente.

---

---

---

Ainda no texto de José Marques de Melo, **MADELEINE D'AINVELLE** é retomada para descrever a ambientação sócio-política que determina a gênese da imprensa francesa:

O cidadão participa da vida urbana: ele precisa conhecer o que concerne ao seu grupo. O mercador fica aflito sem notícias: ele precisa, para a gestão de seus negócios, de uma imensidão de informações sobre as regiões com as quais negocia, próximas ou longínquas, e os acontecimentos que podem afetar a conjuntura comercial. Os súditos do rei, ansiosos por saberem a sorte dos seus, estão ávidos de notícias precisas sobre a campanha da Itália, e os comunicados oficiais os asseguram de rumores. O rei, para defender suas atividades militares e seus empreendimentos diplomáticos, sente a necessidade de formar uma opinião para influenciar o equilíbrio dos partidos. Enfim, como propagar idéias novas quando a interdição pesa sobre elas, senão recorrendo a estas folhas que deslizam tão facilmente de mão em mão, sem que se chegue a apreendê-las, pois são finas e rapidamente escondidas?

(MELO, 1983, p. 27)

Estudiosa do jornalismo, **MADELEINE D'AINVELLE** Varin é autora do livro *A imprensa na França* – gênese e evolução de suas funções psicossociais.

Assim, o jornalismo impresso caracteriza-se como um processo social de natureza política que surgiu da necessidade de informação de diferentes representantes sociais: o cidadão comum, o mercador, os súditos do rei e o próprio rei. Guardadas as diferenças entre a Idade Moderna e o mundo contemporâneo, ainda hoje, cada qual busca o jornal com uma intenção diferente. Isso explica a variedade de seções, ou melhor, de editorias, para usar o termo técnico, em que se divide um jornal. Além de contar, no caso dos jornais de grande circulação, com cadernos semanais que tratam especificamente de determinado assunto, como Informática, Carros, Turismo etc., em cada uma das editorias pode haver predominância de um certo gênero do discurso jornalístico. A escolha do gênero será determinada pela intenção do jornal ou do jornalista. Já o estilo do gênero sofrerá influência do tipo de público a que preferencialmente se destina.



### ATIVIDADE 3

a) Responda rápido: Se você pega um jornal para saber sobre os últimos acontecimentos, que parte lê primeiro? Por quê?

---

---

---

b) Ao ler um jornal com a mesma finalidade, isto é, de saber sobre os últimos acontecimentos, qual, dentre os gêneros do discurso jornalístico apresentados a seguir, na sua opinião, é o mais indicado para se ler? Editorial, chamada, notícia ou comentário?

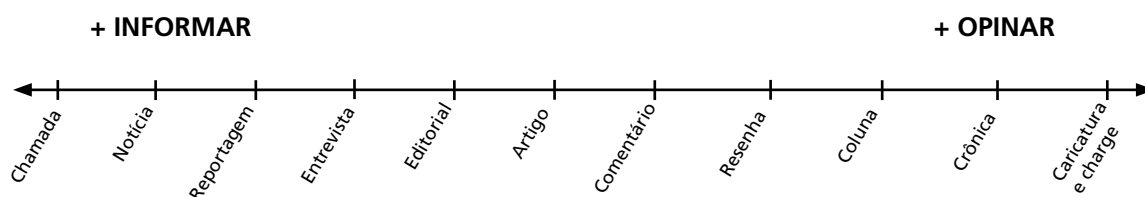
---

---

---

Você já conhecia esses gêneros do discurso (editorial, chamada, notícia ou comentário)? Provavelmente conhecia, mas não os tinha como exemplares de gêneros do discurso, não é mesmo?

No jornalismo impresso circulam inúmeros gêneros de discurso. Cada um deles é publicado em um espaço específico do jornal ou da revista e tem objetivos definidos. Podem ou não possuir uma autoria identificada, mas, em geral, essa autoria é a empresa jornalística, o jornalista, o colaborador ou até mesmo o leitor. Certos gêneros identificam um autor (ou mais) que assume um papel de responsabilidade no texto de acordo com a sua posição de origem ao escrevê-lo. Em cada um desses gêneros, predomina a intenção de informar ou de opinar. A seguir, apresentamos um *continuum* ilustrativo da tendência predominante em cada um deles:





#### ATIVIDADE 4

Continue preenchendo o quadro abaixo, no sentido de construir um esquema que recupere, em parte, esses aspectos em diferentes gêneros de discurso do jornalismo impresso. Compartilhe conosco suas respostas e questões sobre essa atividade pela Plataforma Cederj ou com o seu tutor no pólo.

##### Quem escreve:

- (A) Jornalista
- (B) Colaborador
- (C) Leitor

##### Tendência:

- (D) + informação
- (E) + opinião

##### Com que objetivo escreve:

(1) Atrair o leitor, na primeira página, para a continuação da notícia no interior do jornal.

(2) Difundir o consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da instituição jornalística.

(3) Difundir informações e opiniões captadas de um protagonista do acontecer, possibilitando um contato direto com a coletividade.

(4) Fazer o leitor tomar conhecimento da opinião oficial da empresa jornalística; ironizar o cotidiano, satirizando seus personagens.

(5) Situar o leitor diante de certos acontecimentos com reforço analítico e documental; trazer fatos, idéias e julgamentos de primeira mão.

(6) Oferecer uma apreciação das obras de arte ou dos produtos de cultura; orientar o público na escolha dos produtos culturais.

(7) Expressar seus pontos de vista, suas reivindicações, sua emoção.

(8) Explicar as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas conseqüências.

(9) Relatar e comentar o real de forma poética.

(10) Desenvolver um fato ou uma idéia sobre o momento histórico vivido e apresentar sua opinião.

(11) Relatar integralmente um fato que eclodiu no organismo social; informar sobre a atualidade;

(12) fazer a narrativa cotidiana das novidades.

##### 1. Gênero: **Notícia**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

##### 2. Gênero: **Artigo**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

3. Gênero: **Chamada**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

5. Gênero: **Reportagem**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

7. Gênero: **Entrevista**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

9. Gênero: **Editorial**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

11. Gênero: **Comentário**

- ( ) Quem escreve:
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

4. Gênero: **Resenha**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

6. Gênero: **Coluna**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

8. Gênero: **Crônica**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

10. Gênero: **Caricatura e Charge**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

12. Gênero: **Carta**

- ( ) Quem escreve
- ( ) Com que objetivo escreve
- ( ) Tendência

Além dessas variáveis, ressalta Lombardi (2004), existe também uma outra muito importante: o tipo de suporte que o texto terá. Em outras palavras, se ele será veiculado em uma revista, ou em modo mimeografado, ou em jornais dirigidos a diferentes públicos. Isso deve ser sempre levado em conta porque, muitas vezes, há normas muito rígidas para a publicação de um trabalho, por exemplo, em uma revista. Essas normas devem ser seguidas e isso, sem dúvida, interfere no texto que será desenvolvido.

## O JORNALISMO INFORMATIVO

A opção por um jornalismo informativo teve como motivação, no passado, a tentativa de burlar a vigilância do Estado. Na Inglaterra, por exemplo, recupera Melo, “as primeiras manifestações de jornalismo impresso limitavam-se, segundo Kenneth Olson, a ‘descrever um crime, uma catástrofe, batalha ou morte importante, evitando notícias políticas e relatando apenas trivialidades, elaboradas para o divertimento solitário do leitor, de modo a escapar, por via das dúvidas, da censura oficial’” (1983, p. 27).

No século XIX, a imprensa norte-americana aumenta seu ritmo, adotando o modo de produção industrial. A informação de atualidade torna-se, então, mercadoria. Segundo Melo ainda, em obra já citada, desde então, o jornalismo continua possuindo caráter de participação política, de influência na vida pública, mas é, acima de tudo, transformado em negócio. Nesse contexto, o jornalismo informativo torna-se categoria hegemônica, isto é, preponderante. O jornalismo opinativo, porém, não desaparece, mas tem seu espaço reduzido e sua presença circunscrita a certos gêneros de discurso publicados em determinadas seções.

Sobre esse assunto, damos a palavra à lingüista Vera Lucia Sant’Anna:

...podemos afirmar que, hoje, na sistemática de organização de um jornal diário que pretende atingir um grande público, existe a preocupação de apresentar textos não opinativos – nos quais a informação é recriada discursivamente, mas pretende-se apresentada como relato do fato real tal como ocorreu – e textos opinativos, nos quais o leitor sabe que encontrará pontos

de vista, que tanto ele poderá identificar com os do jornal, ou seja, o editorial, quanto com os de alguém devidamente autorizado a se identificar, a saber, o artigo (SANT’ANNA, 2004, p. 144).



### ATIVIDADE 5

a) Por que será que, ao referir-se aos textos não opinativos, a autora emprega o verbo pretender em “pretende-se apresentada como relato do fato real tal como ocorreu”?

---

---

---

b) Retome sua resposta à pergunta anterior, de modo que faça sentido com a afirmação de Melo ao se referir ao jornalismo informativo como recurso que pode visar a “desviar a vigilância do público leitor em relação às matérias que aparecem como informativas, mas na prática possuem vieses ou conotações” (1983, p. 32)?

---

---

---



Será importante que você volte a dar uma olhada na Aula 4 do Volume 1 de Língua Portuguesa na Educação 2, na qual discutimos a natureza constitutivamente ideológica da linguagem.



### ATIVIDADE 6

Leia o texto a seguir:

Olimpíada de 2012

**Falhas em segurança,  
transporte e hotéis acabam  
com chances do Rio**

O Comitê Olímpico Internacional excluiu o Rio de Janeiro do grupo de cinco cidades que permanecem na disputa para tornar-se sede da Olimpíada de 2012. As razões invocadas pelo relatório do COI são, essencialmente, a ineficácia do esquema de segurança pública, as carências da hotelaria, deficiências no sistema de transportes e falhas no saneamento básico.

Após uma rápida leitura, em primeiro lugar, imaginamos que um texto – completado por títulos –, geralmente de primeira página, que resume uma notícia, para atrair o leitor e remetê-lo ao seu desenvolvimento no interior do jornal só pode constituir uma **CHAMADA** de jornal, não é? E é isso mesmo: trata-se de uma das chamadas do *Jornal do Brasil on-line*, publicada na edição de 18 de maio de 2004. Sabemos também que esse jornal, existente desde 1891, tem sede no Rio de Janeiro, com vendagem diária de cerca de 80.000 exemplares (cf. BONDIM, 2001). Trata-se de um jornal que é, segundo o ponto de vista econômico dos investimentos publicitários, considerado de qualidade, consumido preferencialmente por leitores das classes A, B e C1.

A notícia trata de um acontecimento recente, visto que a desclassificação do Rio de Janeiro como cidade-sede das Olimpíadas de 2012 aconteceu neste ano de 2004. Você provavelmente resgatou seu conhecimento relativo a elementos textuais e contextuais (os títulos "Olimpíada 2012 e Falhas na segurança, transporte e hotéis acabam com chances do Rio").

Essa narrativa de algo que sucedeu (ou virá a suceder) aproxima-se daquilo que os estudos da Comunicação costumam delimitar como “informação objetiva”, sem expressão de opinião, modelo a ser atingido por todo profissional que queira dominar o fazer jornalístico (SANT’ANNA, 2004, p. 181). Notícias como essa, porém, observa ainda a autora, mostram-se importantes em seu intuito de compreender a notícia como instituída na tensão entre informar e opinar.

Observe que se trata de relato que atribui claramente a ação e o citado a alguém:

- O Comitê Olímpico Internacional excluiu...
- As razões invocadas pelo relatório do COI são...

Essa é uma forma muito recorrente de se construir a notícia. Apresentam-se marcas lingüísticas que apontem para as vozes consideradas autorizadas a ser incluídas na enunciação, ocorrendo o apagamento da presença do enunciador-jornalista. Esse recurso produz o tom de isenção, de imparcialidade. Estaríamos diante do fato e não de uma determinada visão sobre ele, característica essencial do jornalismo informativo.

#### CHAMADA

Nome técnico atribuído à notícia de primeira página.



De acordo com Juarez Bahia, “jornal de qualidade é aquele de informação sóbria, pormenorizada e séria, de conceito editorial de alta renda de publicidade... (BONDIM, 2001, p. 49).

No entanto, não se pode negar que a escolha do título da notícia é amostra de um processo avaliativo da parte do enunciador-jornalista. Tendo em vista o tamanho e o destaque que ocupam na página, os títulos constituem-se como os mais importantes elementos de uma primeira página. Nesse sentido, aquilo que no enunciado da notícia constitui-se como falhas “invocadas” – As razões invocadas pelo relatório do COI são a ineficácia do esquema de segurança pública, as carências da hotelaria, deficiências no sistema de transportes e falhas no saneamento básico. No título, aparecem como elementos dados de realidade: **Falhas em segurança, transporte e hotéis acabam com chances do Rio.**

A seleção vocabular é outro recurso lingüístico utilizado em processos avaliativos. O título da chamada é iniciado por substantivo de carga semântica negativa (FALHA); além disso, o próprio significado lexical do verbo acabar em ... *acabam com chances do Rio* não deixa dúvida de que o jornalista avaliou e se posicionou diante do acontecido.

Quanta coisa, não é mesmo? Isso acontece não só com gêneros que compõem o jornalismo informativo, mas também – e principalmente – com os gêneros do jornalismo opinativo. Cada um tem sua própria constituição e caracterização, que extrapolam, em muito, aquelas características lingüísticas que, por muito tempo, acreditamos ser as únicas marcas que cada tipo de texto poderia carregar.

A seguir, apresentamos outro exemplo da tensão constitutiva entre informar e opinar em gêneros que se pretendem imparciais.

Infelizmente, trata-se de notícia recente, visto que se refere a episódio relacionado à guerra entre traficantes para obter o domínio da favela da Rocinha na cidade do Rio de Janeiro. Ela foi publicada no *Jornal do Brasil on-line*, no dia 16 de abril de 2004.

**Polícia caça traficante que  
tentou invadir a Rocinha**



Policiais civis entram na  
Favela da Grota, onde  
estaria refugiado o  
traficante Eduíno  
Eustáquio de Araújo

A polícia chegou ao morro por volta das 7h. Momentos depois, os policiais foram recebidos com tiros e fogos de artifícios. Investigando informação sobre o esconderijo do traficante, policiais chegaram até uma casa na Travessa Joaquim de Queiroz, na Grota. No local, a polícia surpreendeu um grupo de traficantes armados com pistolas. Segundo policiais da Delegacia de Repressão a Armas e Explosivos (Drae), os olheiros soltaram fogos para alertar os bandidos, que conseguiram escapar.

No interior da casa, que tem três cômodos e um pequeno banheiro, a polícia encontrou três quilos de cocaína e material para comercialização da droga. Na fuga, os traficantes deixaram um par de chinelos e algumas peças de roupa. Na casa, que estava sem móveis, havia 13 caixotes. Nas paredes, inscrições faziam alusão à facção criminosa Comando Vermelho (CV). Um bilhete pregado na parede dizia “A humildade sempre”.



### ATIVIDADE 7

No trecho “A polícia chegou ao morro por volta das 7h. Momentos depois, os policiais foram recebidos com tiros e fogos de artifícios. Investigando informação sobre o esconderijo do traficante, policiais chegaram até uma casa na Travessa Joaquim de Queiroz, na Grota”, existe a pretensão de relato do fato real tal como ocorreu, não sendo observados elementos avaliativos. No entanto, em outros momentos, esses recursos são evidenciados. Levante hipóteses sobre quais são esses elementos.

---



---



---



---



---

### RESPOSTA COMENTADA

A seleção de palavras e expressões de cunho interpretativo ocorrem:

- no título (Polícia caça traficante... );
- na legenda (Policiais civis entram na Favela da Grota, onde estaria refugiado o traficante);
- na própria matéria (a polícia surpreendeu um grupo de traficantes armados com pistolas);
- no discurso que atribui voz a outro (Segundo policiais da Delegacia de Repressão a Armas e Explosivos, os olheiros soltaram fogos para alertar os bandidos...), e, por fim,
- na escolha do foco da narrativa (Na fuga, os traficantes deixaram um par de chinelos e algumas peças de roupas. Na casa, que estava sem móveis, havia 13 caixotes. Nas paredes, inscrições faziam alusão à facção criminosa

*Comando Vermelho (CV). Um bilhete pregado na parede dizia “A humildade sempre”, que aponta para uma leitura subjetiva da situação. No trecho, o objeto do discurso não focaliza elementos imprescindíveis para que o eleitor tome conhecimento do acontecido. O relato, neste ponto, assume um caráter altamente subjetivo, ao mesmo tempo em que deixa espaço para que o leitor se pergunte o que isso quer dizer (na parede dizia “A humildade sempre”).*

## RESUMO

Do jornalismo fazem parte duas categorias jornalísticas historicamente localizadas: 1ª) o jornalismo informativo; 2ª) o jornalismo opinativo. Admitir essa convivência não significa desconhecer que o jornalismo continua a ser um processo social dotado de profundas implicações políticas em que a expressão ideológica assume caráter determinante. Nesse sentido, é pertinente perguntar até que ponto o jornalismo informativo efetivamente limita-se a informar?

## AUTO-AVALIAÇÃO

Se você compreende o jornalismo como processo social de natureza política, a partir das categorias da informação e da opinião e reconhece os procedimentos avaliativos no jornalismo de informação, parabéns! Porém, se hesitou ou não conseguiu chegar a uma conclusão, releia a aula, desde o início, procurando rever as respostas que deu às atividades que foram propostas.

# Uso da língua 12 – quando a palavra comenta: o jornalismo de opinião

## AULA 23

### Meta da aula

Descrever as características da primeira página e das editorias de jornais e apresentar os gêneros do jornalismo de opinião.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Descrever as características constitutivas da “arquitetura” da primeira página de jornais.
- Observar a organização de jornais em termos de suas diferentes editorias e dos temas abordados.
- Reconhecer e analisar os processos avaliativos em gêneros do jornalismo de opinião.

### Pré-requisitos



Volte a estudar os processos avaliativos em textos de cunho opinativo estudados nas Aulas 20 e 21 e não-opinativo estudados na Aula 22.

Quando o editor inglês Samuel Buckley decidiu a separação entre *news* e *comments* no *Daily Courant*, ele iniciou a classificação dos gêneros jornalísticos, já no princípio do século XVIII. Desde então, a mensagem jornalística vem experimentando mutações significativas, em decorrência das transformações tecnológicas que determinam as suas formas de expressão, mas sobretudo em função das alterações culturais com que se defronta e que se adapta a instituição jornalística em cada país ou em cada universo geocultural (MELO, 1983, p. 55).

Esta aula está muito interessante. Vamos continuar nosso diálogo sobre gêneros jornalísticos. Estamos convencidas de que esse conteúdo pode oferecer materiais para você planejar modos de organizar o estudo de seus alunos, fazendo uso dessas folhas que fazem parte de nossa vida cotidiana. Leia a página de jornal que apresentamos ao lado:

The image is a screenshot of the CSN website from Saturday, April 17, 2004, Edition 3.678. The website has a dark header with the CSN logo and a cityscape image. On the left, there is a vertical navigation menu with categories like TEMPO REAL, CIDADE, POLÍTICA, POLÍCIA, ECONOMIA, ESPORTES, CARTAS, MOSAICO, COLUNAS, GERAL, NACIONAL, INTERNACIONAL, SOCIAL, LAZER & CIA, CHARGES, CADERNOS, CLASSIFICADOS, ARQUIVO, and EXPEDIENTE. The main content area features several news items. The top item is under 'TEMPO REAL' with the headline 'As últimas notícias da região, do Brasil e do Mundo'. Below it is a 'POLÍCIA' section with the headline 'Policiais estouraram firma suspeita de adulteração de combustível', accompanied by a photo of police officers. Further down, there are sections for 'OUTROS JORNAIS' with headlines from 'Correio da Barra' and 'Jornal do Brasil', including topics like 'Meohas anuncia proposta à Petrobras para refinaria', 'Prefeitura promove novo 'Sabadão de Vantagens'', 'Setor volta a gerar empregos na região', 'Amigos de Lulu podem ser indiciados', and 'Volta Redonda é o Brasil do futuro'.

CSN

Sul Fluminense, Sábado, 17 de abril de 2004 – Edição 3.678

TEMPO REAL

CIDADE

POLÍTICA

POLÍCIA

ECONOMIA

ESPORTES

CARTAS

MOSAICO

COLUNAS

GERAL

NACIONAL

INTERNACIONAL

SOCIAL

LAZER & CIA

CHARGES

CADERNOS

CLASSIFICADOS

ARQUIVO

EXPEDIENTE

TEMPO REAL

As últimas notícias da região, do Brasil e do Mundo

POLÍCIA

Policiais estouraram firma suspeita de adulteração de combustível

Policiais da DRACO (Delegacia de Repressão às Ações Criminosas Organizadas) estouraram ontem a firma Petrotiba, no Km 265 da Rodovia Presidente Dutra, onde foram encontrados 710 mil litros de combustíveis, supostamente adulterados. Pelo menos 100 mil litros de gasolina encontrados num tanque, prontos para ser transferidos para uma carreta, estavam misturados a solvente.

OUTROS JORNAIS

POLÍTICA

Meohas anuncia proposta à Petrobras para refinaria

ECONOMIA

Prefeitura promove novo 'Sabadão de Vantagens'

ECONOMIA

Setor volta a gerar empregos na região

ESPORTES

Amigos de Lulu podem ser indiciados

NACIONAL

Volta Redonda é o Brasil do futuro

Ao ler a página de jornal apresentada, você provavelmente resgatou seu conhecimento relativo a elementos textuais (a manchete principal que traz uma declaração de efeito – Policiais estouram firma suspeita de adulteração de combustível –, visando atrair a atenção do leitor, as chamadas com a indicação das editorias em que a notícia continua); elementos visuais (diferenciação de tamanhos e tipos de letra, o uso das cores no cabeçalho e no sumário das editorias – se não estiver colorido, colora você mesmo –, a organização da página com destaque para a lista de editorias na lateral); elementos contextuais (a região em que o jornal, em sua modalidade impressa, é veiculado, público a que se dirige etc.); elementos de propaganda (da Companhia Siderúrgica Nacional), para qualificá-la como a primeira página do jornal *on-line Sul Fluminense*, com sede em Volta Redonda.

### ATIVIDADE 1



#### CHAPÉU

É palavra ou expressão, sempre sublinhada, colocada acima do título de uma matéria, para caracterizar o assunto da notícia.

#### OLHO

Tem a mesma função do subtítulo, mas se distribui entre 3 e 5 linhas. É também um intertítulo, pequeno trecho destacado na matéria, em corpo maior, para o arejamento e divisão dos textos longos (BONDIM, 2001).

a) Pesquise as primeiras páginas de diferentes jornais e observe as regularidades, ou seja, os elementos que se repetem e os que são diferentes, imprimindo uma identidade particular em cada periódico. Explore aspectos da diagramação (espaços; imagens como fotos, cenários, desenhos, fotomontagem; as aspas; recursos gráficos de desenhos, boxes; fios, bordas, localização das chamadas na página, utilização de cores e dos tipos), bem como os recursos de ênfase utilizados (títulos como nome do jornal; manchetes, subtítulos, sobretítulos, **CHAPÉU** e **OLHO**). O resultado de sua pesquisa deve ser compartilhado conosco por meio da Plataforma Cederj ou com o tutor da disciplina em seu pólo.

b) Retorne à primeira página de jornal reproduzida nesta aula e copie a seguir a lista de editorias.

---



---



---



---



---

Quanta variedade, não é mesmo? Essa variedade se refere à natureza comunicacional do texto noticiado. As próprias redações dos jornais se organizam em editorias com um editor responsável por cada uma delas.

A seguir, apresentamos um trecho muito interessante de depoimento sobre o processo de trabalho na redação feito à pesquisadora Renata Bondim (2001) pelo editor de um jornal do Rio de Janeiro:

Aqui o trabalho é em grupo, em conjunto. Tem vários mecanismos para a gente chegar lá. De manhã, a gente tem uma secretária de redação que abre o jornal. Ela se reúne com o chefe de reportagem, nas diversas editorias – cidade, polícia, saúde, mundo, esporte – e vê o que se está produzindo para aquele dia. Aí já vai fazendo a primeira seleção do material que vai chegar à edição do jornal no final do dia. No meio do dia, tem uma outra reunião, já comigo e com alguns editores executivos do jornal, e já começa a definir em cima da rede que o pessoal lançou para colher informações, onde a gente vai apontar para a primeira página, que é consolidada por volta das 6 horas da tarde. Umas 18 horas, a gente começa uma última reunião aqui, aí, eu vou para uma reunião mais privada com o diretor da redação. Ou ele aprova, ou ele muda. Mas, geralmente, o entendimento já passa pelo material previamente definido (p. 22).

Quanto trabalho acontece em uma redação, não é? Analisando alguns jornais cariocas, percebe-se que, embora ocorra correspondência de assuntos tratados na primeira página, em cada jornal as informações têm, geralmente, valor diferente. Tanto a organização em editorias quanto o número de ocorrência de chamadas de primeira página relativas a determinadas editorias variam. De acordo com os dados apresentados por Bondim (2001), o *JB*, por exemplo, apresenta as seguintes editorias, diariamente: País, Internacional, Cidade, Esporte, Economia e Caderno B; uma vez por semana, cada uma em um dia da semana: Internet, Revista Programa, Idéias, Vida, Carro e Moto, Viagem e Revista de Domingo. Em contrapartida, um jornal popular, como O Povo, apresenta as seguintes editorias sem periodicidade regular: Cidade, País, Polícia, Esporte, Internacional, Rio Alegre, Saúde, Educação, Emprego, Obituário, Publicidade e Promoção.

Segundo ainda os dados da pesquisa de Bondim, a principal diferença entre jornais considerados de qualidade e jornais populares é o fato de que, nesses últimos, “a editoria Cidade é mais representada na primeira página que a editoria País; há representação da editoria Polícia e a editoria Internacional é bastante inexpressiva” (p. 78).

### ATIVIDADE 2



Na pesquisa que Bondim realizou em quatro jornais – *Jornal do Brasil*, *O Dia*, *O Globo* e *O Povo* –, a editoria de Esporte é uma, entre outras características, que mistura os jornais de qualidade com os jornais populares. Apesar de ser a Editoria que equipara jornais de qualidade a jornais populares, a editoria de Esporte “acaba sendo restritiva quanto à diversidade de cobertura seja de tipos de esporte” (BONDIM, 2001, p. 78), seja dos jogadores e técnicos, times, campeonatos e lugares em que acontecem.

Que leitura você faz desse fato? Qual é o tipo de esporte que recebe maior cobertura?

---



---



---

### RESPOSTA COMENTADA

*Ao pensar sobre a resposta a dar à questão acima, você deve ter verificado que há na imprensa, em relação aos Esportes, uma concentração de enunciados e imagens sobre futebol, que é definitivamente o esporte nacional. Nesse sentido, podemos afirmar que é a lógica do mercado. Em outras palavras, o esporte privilegiado é o produto que vende e por isso deve ser bem publicizado.*

## TEMAS PRIVILEGIADOS NA IMPRENSA

Os temas que recebem ênfase nas chamadas de primeira página também são elementos importantes na direção de perceber o jornalismo como processo social de natureza política. A seguir, reproduzimos, em ordem alfabética, a lista de ocorrências registradas por Bondim (2001, p. 83) durante o mês de maio de 2000 e alguns dias das edições do mês de junho, nos quatro jornais já citados:

1. Alimentação – consumo de alimentos, receitas, dietas, fiscalização etc.



Na Aula 5 do Volume 1 de Língua Portuguesa na Educação 2, discutimos a relação entre tema e significado na construção do sentido. Se você não se lembra, deve reler a aula.

2. Ambiente urbano – segurança, limpeza, patrimônios culturais, espaços públicos etc.
3. Comportamento – preconceitos, tendências ou novidades.
4. Roubo – corrupção, escroqueria, furto, sonegação.
5. Dinheiro – orçamentos, receitas, salário, custo de vida, preços, juros, dólar, câmbio.
6. Educação – escolas, universidades, concursos, outros.
7. Emprego – vagas, concursos públicos, demissões etc.
8. Entretenimento – segundos cadernos de cada jornal, as revistas, as chamadas sobre televisão, cultura, cinema, teatro, música e museu, os cadernos de moda, os programas do fim de semana.
9. Esporte – todas as chamadas relativas aos diferentes esportes, jogos, disputas, campeonatos etc.
10. Humor – charges e caricaturas referentes a acontecimentos imediatos, geralmente políticos, vinculando crítica.
11. Infra-estrutura – manutenção e abastecimento dos serviços básicos como alimentos, energia, combustível, assistência médica, habitações, instituições escolares etc.
12. Internet – informática, vírus, computadores etc.
13. Internacional – comércio, relações diplomáticas, acontecimentos em países vizinhos ou com os quais se mantém vínculos políticos, econômicos, culturais etc.
14. Movimentos sociais – greves, paralisações, reivindicações, protestos etc., organizados por toda sorte de representação.
15. Olimpianos – vida privada de políticos, nacionais ou internacionais, artistas, atletas e outras personalidades públicas.
16. Pessoas – comportamentos e vida privada de pessoas não públicas.
17. Poder Executivo – atos administrativos de autoridades das esferas federal, estadual e municipal.
18. Poder Representativo – igrejas, sindicatos, ordens profissionais.
19. Política – partidária, fofocas, disputas de poder, negociações entre forças políticas.
20. Promoção – anúncio de gratuidade.
21. Propaganda – anúncio pago para venda de algum produto.
22. Publicidade – anúncio pago para venda de alguma idéia.
23. Tempo/Meio ambiente – tempo cronológico e questões ambientais.

24. Terra Nostra – universo ficcional.
25. Tráfico – universo social.
26. Transporte – leis, multas, trânsito, motoristas, veículos etc.
27. Violência – lutas, assassinatos, abandono, assalto, rebelião, revolta etc.
28. Religião – santos, orações, crenças etc.
29. Saúde – doenças, tratamentos, terapias, instituições.

Interessante, não?! Embora se perceba a ausência de alguns temas (devemos ter em mente que se trata das ocorrências relativas a um certo período de tempo), como ciência e, comemorações, essa tipologia temática recobre os assuntos que fazem parte de nosso dia-a-dia.

### ATIVIDADE 3



Volte a pesquisar a primeira página, tabulando as ocorrências temáticas a que as manchetes se referem de, pelo menos, dois jornais de sua região. Compare suas anotações com a tabela que apresentamos. O resultado de sua pesquisa deve ser compartilhado conosco por meio da Plataforma Cederj ou com o tutor da disciplina em seu pólo.

## O JORNALISMO OPINATIVO

Estudamos na Aula 22 que a notícia, gênero do discurso jornalístico que se pretende essencialmente informativo, vive na tensão entre opinar e informar. Vimos também que tal tensão se deve à própria história do jornalismo, mas se deve principalmente à própria natureza constitutivamente ideológica da linguagem verbal. As palavras na língua são “prenhes” de significados que assumem diferentes nuances no curso dialógico das trocas verbais. Elas são o exemplo mais genuíno de signos ideológicos, como vimos na Aula 4 do Volume 1 de nosso curso.

Além desse aspecto, Sant’Anna (2000), em obra já explorada em nosso curso, estudou o que dizem os manuais de estilo publicados por dois jornais de grande circulação, um no Brasil e outro na Argentina, respectivamente, a *Folha de S. Paulo* e o *Clarín*. Observou que esses manuais, com respeito à expressão da opinião, prescrevem que ela só deve ocorrer em lugares previamente definidos, embalada em gêneros do discurso específicos, apontando para a possibilidade de o autor assinar ou não.



### ATIVIDADES

4. Você costuma ler esses tipos de texto? Quais especificamente? Editoriais, artigos, críticas, crônicas, resenhas? Comente sua preferência.

---

---

---

### RESPOSTA COMENTADA

*Retorne à aula anterior (Aula 22) e consulte o quadro que você preencheu sobre os diversos gêneros do jornalismo impresso, a fim de recuperar as informações que você selecionou a respeito dos editoriais, artigos, críticas, crônicas, resenhas.*

5. Leia os fragmentos de textos apresentados a seguir e depois responda às perguntas propostas:

#### TEXTO 1

##### Universidades Generalização Leviana

O Ministro da Educação, Tarso Genro, cometeu o imperdoável pecado da generalização ao classificar pejorativamente de “privataria” o conjunto das universidades particulares, na entrevista publicada pelo *JB*, no último domingo.

Convém ao governo, sobretudo ao ministro encarregado de cuidar do setor específico, fazer a indispensável distinção entre máquinas de distribuir diplomas e instituições sérias, indiscutivelmente respeitáveis que, dirigidas por particulares, agem na área do ensino superior. Genro não o fez. Optou pelo perigoso caminho da generalização. (...)

*(Jornal do Brasil, editoria Opinião, 27 de maio de 2004)*

#### TEXTO 2

##### O Governo tem pouca escolha

Novos choques batem pesado na economia brasileira. São basicamente dois. Um se transmite, simultaneamente, pela subida das taxas de risco Brasil, taxas de câmbio e taxas de juros de mercado. Outro, originado do petróleo, pela iminente subida dos preços internos dos combustíveis.

O que deve preocupar menos é o do petróleo. Não que, na raiz, o problema seja trivial. Segundo analistas de renome internacional, há maior escassez de petróleo frente à expressiva demanda. A diferença é que hoje o Brasil é quase auto-suficiente, e é a União, que está sedenta por novos recursos, quem vai se beneficiar de mais um realinhamento de preço dos combustíveis. Se fosse nos idos de 70, quando se deram as duas grandes e famosas crises, e produzíamos bem menos, a população teria motivo para ficar mais assustada.

(...)

(VELLOSO, Raul. *Jornal do Brasil*, editoria Outras Opiniões, 27 de maio de 2004)

### TEXTO 3

(...)

*História da Alimentação* é um livro agradável, mas há algumas falhas. O leitor notará o excessivo eurocentrismo – que na maior parte da obra, se restringe ainda mais, detendo-se exclusivamente na alimentação da França e da Itália –, como se o resto do mundo fosse um mero complemento da Europa, excetuando-se o último capítulo dedicado aos Estados Unidos. Há um certo tom nacionalista em várias passagens do livro. Um exemplo: “Todos nós sabemos que os franceses, depois de terem aprendido com os italianos, têm o gosto mais requintado do mundo”. Coincidentemente, os organizadores são um italiano e um francês.

(...)

(VILLA, Marco Antonio. Olhos, bocas e barrigas *Folha de S. Paulo*, 6 dez. 1998, 5º Caderno – Mais! p. 5)

a) O texto 1, assinado, traz interpretação e opinião do autor, sendo, portanto, um exemplar do gênero artigo. Comente.

---



---



---



---



---

b) Qual dentre os textos 1 e 3 pertence a um gênero opinativo – gênero resenha –, cuja intenção consiste em avaliar e criticar uma determinada obra? Justifique.

---

---

---

c) Qual dos textos lidos pertence ao gênero editorial, isto é, representa o ponto de vista da empresa jornalística em relação a um fato ou acontecimento importante? Comente.

---

---

---

d) Retorne às Aulas 20 e 21 e consulte a parte que já vimos sobre procedimentos avaliativos empregados em textos de opinião. Depois proponha uma análise desses procedimentos em cada um dos três textos acima. Compartilhe conosco essas análises através da Plataforma CEDERJ ou com seu tutor e eventuais colegas de pólo.

#### **RESPOSTA COMENTADA**

*Você costuma ler esses gêneros do discurso jornalístico? Se sua resposta for negativa ou, se foi positiva, mas você nunca parou para pensar no caráter opinativo desses tipos de texto, este é o momento oportuno para começar. Selecione alguns exemplares desses gêneros e analise-os sob o ponto de vista dos recursos avaliativos e argumentativos de que se utilizam. Compartilhe conosco essas análises também através da Plataforma Cederj ou com seu tutor de pólo.*

## **RESUMO**

As características constitutivas da “arquitetura” da primeira página de jornais. A variedade de editorias que estruturam a organização dos jornais. Temas que, recorrentemente abordados pelo jornalismo, confirmam seu caráter de processo social de cunho político. E, ainda, a natureza dos recursos avaliativos empregados nos editoriais, artigos e resenhas jornalísticas, apresentados como exemplares de jornalismo essencialmente opinativo.

## AUTO-AVALIAÇÃO

Se você não teve dúvidas ao selecionar e analisar os textos propostos na Atividade 6, parabéns! Porém, se mesmo depois de ter compartilhado os resultados de seu trabalho ainda não conseguiu chegar a uma conclusão, releia toda a aula, procurando rever as respostas que deu às atividades e busque leituras complementares através da Plataforma Cederj ou do tutor da disciplina no seu pólo.



# Uso da língua 13 – quando o conhecimento é dirigido a especialistas: o texto científico

## AULA 24

### Meta da aula

Apresentar o texto científico a partir de sua oposição ao texto jornalístico e de uma revisão sobre o que é Ciência e quem são os cientistas.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz:

- Distinguir o texto jornalístico do texto científico.
- Definir Ciência a partir da análise do fazer científico.
- Compreender a natureza do trabalho científico.

### Pré-requisito

Na Aula 22, você estudou o jornalismo como processo social de natureza política. Se esse assunto não estiver bem compreendido, você deve voltar a estudá-lo de modo a poder reunir elementos de comparação entre o jornalismo e a ciência.





Nesta aula, vamos dar continuidade ao estudo dos diferentes usos que fazemos da língua. Vamos tratar, dessa vez, dos usos da língua em ambiente acadêmico-científico, que pressupõe diversas formas de comunicação oral e escrita.

Para começar, é importante lembrar que, embora a Ciência seja uma forma de produzir conhecimento em prol da qualidade de vida, nem todos conseguem compreender os conteúdos veiculados em textos acadêmico-científicos. Por que será? Para responder a essa pergunta, vamos ler os textos 1 e 2, visando distinguir entre eles qual é dirigido a um público geral e qual é dirigido a um público em particular:

### TEXTO 1

Pouco maior do que um par de ameixas secas, com formato semelhante ao de uma gravata borboleta e pesando entre 15-25 gramas, ela comanda algumas das mais importantes funções do nosso corpo. Exemplos? A capacidade de respirar, mover as pernas, regular a temperatura corporal, manter o coração batendo no ritmo certo, o raciocínio pronto para qualquer desafio... É preciso mais? Claro que não. Está comprovadíssima a nobreza da pecinha de que estamos falando. E para não espichar o assunto, vamos logo à ficha da moça. Trata-se da glândula tireóide (ou tireóide), domiciliada à frente da traquéia, bem abaixo do pomo-de-adão, ou gogó, para os íntimos.

(...)

(Armando Luiz Antenore, *Saúde!* 12/1990, p. 71)

### TEXTO 2

**Tireóide:** é a maior das cartilagens laríngeas, mediana e única. Apresenta duas lâminas com fusão incompleta na linha média. O ângulo entre as lâminas apresenta um dimorfismo sexual, sendo de 90° no homem e de 120°, na mulher, em média, o que torna a proeminência laríngea (“pomo-de-adão”) mais evidente no sexo masculino. As porções laterais e superiores das lâminas têm prolongamentos, formando os cornos superiores e inferiores. Os cornos inferiores articulam-se com facetas no arco posterior da cartilagem cricóide, formando uma articulação sinovial (e, portanto, sujeita à artrite, resultando em odinofonia). As lâminas da cartilagem tireóide possuem um reparo anatômico superficial nos seus  $\frac{3}{4}$  posteriores, a linha oblíqua, que corresponde ao ponto de

inserção de vários músculos extrínsecos da laringe – omo-hióideo, esternotireóideo e constritor inferior. Internamente, as lâminas são revestidas por mucopericôndrio, exceto na comissura anterior (porção interna do ângulo). Neste local, temos a inserção de 5 pregas laríngeas (em direção caudal): ligamento tireoepiglótico mediano, pregas vestibulares (2) e pregas vocais (2). Esses ligamentos penetram no pericôndrio, formando uma estrutura denominada ligamento de Broyle, que contém vasos sanguíneos e linfáticos, consistindo em um local de disseminação de tumores laríngeos. (...)

(<http://www.imagemdavoiz.hpg.ig.com.br/Anatomia.ht>)



### ATIVIDADE 1

a) E então, qual é sua resposta? O texto 1 é dirigido a um público geral, leigo no assunto? Por quê?

---



---



---



---

b) E o texto 2, você acha que ele é dirigido a um público específico? Por quê?

---



---



---



---

c) Agora, escreva nas colunas a seguir uma lista de elementos que, comparativamente, em cada texto, sustentam sua escolha entre um deles como exemplar de texto dirigido a um público geral e exemplar de texto dirigido a público mais especializado:

PÚBLICO LEIGO, GERAL	PÚBLICO MAIS ESPECIALIZADO

Como você deve ter percebido, ambos os textos tratam de um assunto de natureza científica. Porém, como você também deve ter podido perceber, segundo quem seja o público-alvo e o veículo de divulgação, o texto assume particularidades distintas.

Quando a intenção é direcionar a comunicação ao público em geral, tanto o suporte terá de ser específico quanto a forma de embalar o conteúdo terá de ser adaptada aos níveis de conhecimento desse leitor leigo. Por isso mesmo, no texto 1, podemos observar que:

- foi publicado na revista *Saúde!* dirigida a um público geral e vendida em jornaleiros;
- inicia-se por uma frase que, visando a descrever a glândula tiróide, a compara com ameixas secas e com uma gravata-borboleta, elementos próximos ao cotidiano de qualquer leitor, portanto, facilmente apreendidos;
- faz uso de expressões como *Exemplos?*, *É preciso mais?*, cuja função é aproximar o leitor do conteúdo do texto, antecipando seus possíveis questionamentos e estabelecendo explicitamente com ele um diálogo;
- substitui o termo *tiróide* por palavras de uso comum como *pecinha* e *moça*;
- substitui o vocábulo *pomo-de-adão* por outro de alcance mais popular, como *gogó*;
- emprega um registro informal de língua padrão, como em “E para não *espichar* o assunto, vamos logo à *ficha da moça*”.

Você já tinha parado para pensar nessa quantidade de recursos que a língua oferece para tornar um assunto, de certa forma árido, mais acessível a um público geral? Provavelmente sim, apesar de que, muitas vezes, empregamos esses recursos e estratégias em nossos textos sem nos darmos conta de sua natureza.

Em contrapartida, você certamente já se deparou com textos que ofereceram a você maior dificuldade de leitura e compreensão. Você já parou para pensar que talvez essa dificuldade se deva ao fato de que não foi escrito para pessoas com seu perfil de vivência ou experiência textuais?

No texto 2, por exemplo, que descreve a tiróide, não se observa o uso de recursos ou estratégias que facilitem a compreensão. Isso porque ele é dirigido a pessoas já iniciadas em textos que apresentam descrições fisiológicas, como podemos perceber a partir das seguintes características:

- define a tiróide como uma “cartilagem laríngea”, termo que pode não ser elucidativo para um grande número de pessoas (o que é uma cartilagem? o que significa o adjetivo laríngea?);
- pressupõe conhecimentos lingüísticos específicos que permitam compreender expressões como *dimorfismo sexual*, *cartilagem cricóide*, *articulação sinovial*;
- pressupõe conhecimento enciclopédico, a fim de que se possa entender as razões pelas quais certo ligamento é denominado ligamento de Broyle.

Concluindo: o texto 2 define e descreve a glândula tiróide de modo muito distinto ao do texto 1, indicando claramente a diferença de público a que se dirige, não é mesmo? Nesse sentido ainda, por exemplo, observe que o termo “pomo-de-adão”, substituído por “gogó” no texto 1, aparece no texto 2 entre aspas e entre parênteses como substituição sinonímica de “proeminência laríngea”. Ou seja, o termo pomo-de-adão no texto 2 é considerado de fácil compreensão, enquanto no texto 1 é avaliado como um termo que necessita “tradução” (para gogó) para uma linguagem mais acessível para o leitor.

Por essas e outras razões, você já deve ter ouvido alguém comentar que o discurso dos cientistas é o discurso de doutores, estudiosos ou seres “iluminados”, não acessível a pessoas “comuns”. No entanto, com base na teoria dos gêneros do discurso, você já pode entender que não se trata disso. Trata-se de um discurso proveniente de aprendizado específico, relativo a uma linguagem também específica, utilizada com propósitos específicos, que identifica um determinado domínio de atividade humana.

A fim de reunir elementos para melhor compreender as características dessa linguagem e dos gêneros de discurso a ela associados, propomos a você buscar respostas para a pergunta O que é Ciência?, a partir da leitura do próximo texto desta aula:



### O que é a Ciência?

John Sommerville

Caro Senhor

Tomo a liberdade de me dirigir ao senhor rogando-lhe que seja o juiz numa disputa entre mim e uma pessoa minha conhecida que já não posso considerar um amigo. A questão em discussão é a seguinte: É a minha criação, a guardachuvalogia, uma ciência? Permita-me que explique a situação. De dezoito anos para cá que, conjuntamente com alguns fiéis discípulos, venho recolhendo informações relacionadas com um objeto até agora negligenciado pelos cientistas — o guarda-chuva. O resultado da minha investigação, até a presente data, encontra-se reunido em nove volumes que lhe envio separadamente. Deixe-me, antecipando a sua leitura, descrever brevemente a natureza dos conteúdos aí apresentados e o método que empreguei na sua compilação. Comecei pelas ilhas. Passando de quarteirão em quarteirão, de casa em casa, de família em família, de indivíduo em indivíduo, descobri: 1) o número de guarda-chuvas existentes; 2) o seu tamanho; 3) o seu peso; 4) a sua cor. Tendo coberto uma ilha, passei às restantes. Depois de muitos anos, passei à cidade de Lisboa e, finalmente, completei toda a cidade. Estava então pronto a continuar o trabalho passando para o resto do país e, posteriormente, para o resto do mundo.

Foi neste ponto que me aproximei do meu amigo de outrora. Sou um homem modesto, mas senti que tinha o direito de ser reconhecido como o criador de uma nova ciência. Ele, por outro lado, afirmou que a guardachuvalogia não era de todo uma ciência. Primeiro, disse ele, é uma tolice estudar guarda-chuvas. Este argumento é mau, uma vez que a ciência se ocupa de todo e qualquer objeto, por muito humilde e abjeto que seja, até mesmo da “perna de trás de uma pulga”. Sendo assim, por que não guarda-chuvas? Depois, ele afirmou que a guardachuvalogia não poderia ser reconhecida como uma ciência porque não trazia qualquer benefício ou utilidade para a sociedade. Mas não será a verdade a coisa mais preciosa na vida? E não estão os meus nove volumes repletos de verdades acerca do meu objeto de estudo? Cada palavra é verdadeira. Cada frase contém um fato firme e frio. Quando ele me perguntou qual era a finalidade da guardachuvalogia, senti-me orgulhoso em dizer “Procurar e descobrir a verdade é finalidade suficiente para mim”. Sou um cientista puro; não tenho motivos ulteriores. Daqui se segue que a verdade seja suficiente para me sentir satisfeito. A seguir afirmou que as minhas verdades estavam datadas e que qualquer uma das minhas descobertas poderia deixar de ser verdadeiras amanhã. Mas isto, disse eu, não é um argumento contra a guardachuvalogia, é sim um argumento para

mantê-la atualizada, que é precisamente o que pretendo fazer. Fazemos levantamentos mensais, semanais, ou mesmo diários, de modo a que o nosso conhecimento se mantenha atualizado. A sua objeção seguinte foi afirmar que a guardachuvalogia não continha hipóteses e que não tinha desenvolvido leis ou teorias. Isto é um grande erro. Utilizei inúmeras hipóteses no decurso das minhas investigações. Antes de entrar num novo quarteirão e numa nova seção da cidade, coloquei hipóteses relacionadas com o número e com as características dos guarda-chuvas que aí seriam observados, hipóteses essas que foram, de acordo com o correto procedimento científico, ou verificadas ou anuladas pelas minhas subseqüentes observações. (De fato, é interessante notar que posso comprovar e documentar cada uma das minhas respostas a essas objeções com numerosas citações de trabalhos fundamentais, de revistas importantes, de discursos públicos feitos por cientistas eminentes etc.) No que diz respeito a teorias e leis, o meu trabalho é abundante. Mencionei, a título de exemplo, apenas algumas. Existe a Lei da Variação da Cor Relativa à Posse pelo Gênero. (Os guarda-chuvas que são posse das mulheres tendem a ter uma grande variedade de cores, ao passo que aqueles que são posse dos homens são quase sempre pretos.) Apresentei, para esta lei, uma exata formulação estatística. (Veja-se vol. 6, apêndice 1, quadro 3, p. 582.) Existem as Leis dos Possuidores Individuais de uma Pluralidade de Guarda-chuvas e as Leis da Pluralidade dos Possuidores de Guarda-chuvas Individuais, leis curiosamente inter-relacionadas. A inter-relação, na primeira lei, assume a forma de uma quase direta “ratio” com o rendimento anual, e a segunda, uma quase relação inversa com o rendimento anual. (Para uma formulação exata das circunstâncias modificadoras veja-se vol. 8, p. 350.) Há também a Lei da Tendência para Adquirir Guarda-chuvas em Tempo Chuvoso. Para esta lei forneci verificação experimental no capítulo 3 do volume 3. Realizei, igualmente, numerosas outras experiências relacionadas com a minha generalização.

Por conseguinte, creio que a minha criação é, em todos os aspectos, uma ciência genuína, e apelo para a sua comprovação de minha opinião.

(Disponível em [www.criticanarede.com/filos\\_ciencia2.html](http://www.criticanarede.com/filos_ciencia2.html))



## ATIVIDADE 2

Depois de ler o texto, responda às seguintes questões:

a) Você concorda com o autor do texto O que é Ciência? O que ele faz é ciência ou não? Por quê?

---

---

---

Se você teve dúvidas para responder à questão anterior, vamos por partes. Analise as sete características do fazer científico apresentadas e disponíveis em

<http://onto.provocation.net/ciencia-po.htm> e responda às questões propostas:

**Característica 1** – A pesquisa científica pode estruturar-se em torno de perguntas especulativas (O que é o arco-íris? O que é loucura? Como viviam as primeiras comunidades humanas?), ou grandes perguntas metafísicas (O que é o Tempo? Como se originou o Universo? Qual o sentido da Vida?) ou ainda, perguntas aplicadas à solução de problemas práticos da realidade social ou natural (Como resolver o problema da delinquência juvenil? Como impedir a erosão nos loteamentos periféricos urbanos? Como encontrar uma cura para a Aids?). Nesses últimos casos, trata-se de pesquisa de orientação tecnológica, uma vez que se destina à resolução de problemas técnico-práticos.



b) De acordo com essa primeira característica, a guardachuvalogia é uma ciência? Por quê?

---

---

---

**Característica 2** – Toda pesquisa deve se basear em um método científico, ou seja, em um conjunto específico de regras, conceitos e procedimentos criados para auxiliar o raciocínio no julgamento da verdade ou da falsidade das afirmações sobre os fatos do mundo.

c) A pesquisa descrita no texto O que é Ciência? segue um método? Se a resposta for afirmativa, descreva esse método.

---



---



---

**Característica 3** – Para começar uma investigação científica, é preciso descrever com precisão os fatos sobre os quais se deseja desenvolver um conhecimento. E, para isso, é preciso observá-los sistemática e criteriosamente. Essa observação, por sua vez, pode se dar numa situação de ocorrência natural, ou seja, observando-se os fatos tal como ocorrem na Natureza ou na sociedade; ou em situação de experimentação, mediante o controle obtido por intervenção planejada sobre a sua ocorrência.

d) E então, esse quesito é contemplado na pesquisa de John Sommerville? Exemplifique.

---



---



---

**Característica 4** – Partindo de hipóteses, afirmações sobre fatos do mundo, chega-se, através da demonstração, a novas afirmações sobre esses mesmos fatos.

e) Recupere isso no texto, se for o caso.

---



---



---

E continuando nossa busca por compreender o que é Ciência e, portanto, os elementos temáticos que são constitutivos do discurso científico, leia o trecho a seguir:

**Característica 5** – O resultado desse processo é a construção de um argumento. O argumento construído precisa conseguir reunir adequadamente a descrição dos fatos com a demonstração da verdade das afirmações feitas sobre estes mesmos fatos. Essa demonstração chama-se argumento de prova das afirmações (teses ou leis) em questão.

f) O autor apresenta argumentos que sustentem suas teses ou leis? Quais?

---

---

---

**Característica 6** – Todo o processo de pesquisa deve ser registrado e posteriormente deve ser divulgado na comunidade científica.

g) Houve preocupação na guardachuvalogia com o registro e a divulgação da pesquisa? Comente.

---

---

---

h) Analise esta última característica do fazer científico antes de responder à questão a seguir:

**Característica 7** – O objetivo básico da atividade científica não é o de descobrir verdades ou ser uma compreensão plena da realidade, mas sim o de fornecer um conhecimento que, ao menos provisoriamente, facilite a interação com o mundo, permitindo previsões confiáveis sobre eventos futuros e indicando mecanismos de controle para que se possa intervir favoravelmente sobre os mesmos.

i) De acordo com essa última característica, podemos afirmar que a guardachuvologia é uma ciência? Por quê?

---

---

---

Quanta coisa tem de ser levada em conta para se produzir conhecimento considerado científico, não é mesmo? Porém, não podemos deixar de ressaltar que todos esses elementos e características cumprem, no discurso, um importante papel de persuasão, ou seja, de levar o outro a crer na validade das afirmações expressas. Existe, assim, um padrão científico de organização discursiva que também parte de recursos lingüísticos usados em consonância com cada uma das características do fazer científico acima descrito.

## Quem são os cientistas

Ainda predomina na sociedade a idéia de que fazer ciência é inventar algo ou descobrir algo novo. Cientistas são, segundo essa maneira de pensar, aqueles que inventam coisas, como máquinas malucas, naves que quebram a barreira do tempo e do espaço. Isso lhe parece familiar?

### THOMAS KUHN

(1922-1996)

Filósofo da ciência, diz que o progresso na Ciência se dá por meio de revoluções científicas. Isso quer dizer que uma teoria que é aceita numa época (“paradigma”) é aprofundada até não poder mais (períodos longos de “ciência normal”, em que se produzem problemas que a teoria é capaz de resolver), até que esse paradigma entra em crise, surgem problemas que ele não responde, e é apresentada uma teoria nova (“revoluções científicas”) que acaba predominando sobre a antiga.

Por outro lado,

há a idéia do cientista como um ser especial, que “milenariamente” descobre algo. Imagem esta, tanto divulgada nos filmes de Hollywood quanto muito difundida pela personalidade de Einstein. Por isso, os jovens pesquisadores ficam perplexos quando lêem THOMAS KUHN e descobrem que estão apenas confirmando um paradigma, fazendo ciência normal, e não algo revolucionário. No fundo, o sonho do jovem pesquisador é ser um Einstein, é descobrir algo novo e muito relevante.

(ARAÚJO, John Fontenele. *Para fazer ciência é fundamental ler.*)



### ATIVIDADE 3

a) Pense em sua prática de sala de aula ou no seu modo de lidar com os jovens. Será que você também não associa a Ciência à imagem de gênios e loucos? Comente.

---



---



---

Do mesmo modo que a prática científica é comumente associada a figuras como Einstein, o discurso científico é visto como um texto de difícil acesso. É bem verdade que, se não pertencemos ao campo de conhecimento a que o discurso se refere, poderemos não entender bem sua mensagem. No entanto, isso não pode nos impedir de acreditar que, uma vez escolhida uma carreira acadêmica e científica, possamos nos comunicar como membros legítimos da comunidade. Isso certamente fará parte de um aprendizado.

## **RESUMO**

O texto científico se difere do texto jornalístico de divulgação de Ciência. Enquanto o primeiro é dirigido a um público em particular, isto é, a membros de uma determinada comunidade acadêmica e científica, o segundo se dirige a público, em geral, leigo no assunto. O fazer científico pressupõe alguns procedimentos específicos e a produção de conhecimento, mesmo adotando esses procedimentos, segundo a corrente científica adotada, pode não ser válida.

## **AUTO-AVALIAÇÃO**

Se você não tem dúvidas sobre os aspectos que caracterizam o fazer científico e que diferenciam o discurso científico do discurso jornalístico, parabéns! Porém, se hesitou ou não conseguiu formular com segurança as respostas dadas às perguntas, compartilhe suas dúvidas conosco ou através da Plataforma Cederj ou com seu tutor no pólo.

# Uso da língua 14 – quando o conhecimento é expresso de diferentes formas: os gêneros do discurso acadêmico e científico

## AULA 25

### Meta da aula

Apresentar os gêneros do discurso acadêmico e científico, discutindo alguns de seus aspectos constitutivos.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Nomear os gêneros acadêmicos e científicos.
- Identificar os elementos textuais e situacionais constitutivos desses gêneros.



### Pré-requisito

Com a finalidade de compreender a organização do texto científico, é importante que você consiga fazer uma lista de algumas características constitutivas da investigação de natureza científica. Se não se lembrar de nenhuma delas, retome o trecho que trata desse assunto na Aula 24.

## OS GÊNEROS DO DISCURSO ACADÊMICO E CIENTÍFICO

Nas universidades, nos centros de pesquisa e nos ambientes a eles relacionados circulam inúmeros gêneros do discurso. Cada um deles transita em um contexto específico, tem objetivos definidos, um autor (ou mais) que assume um papel de responsabilidade no texto de acordo com a sua posição de origem ao escrevê-lo. Alguns desses gêneros podem ter como público o próprio autor, como é o caso de resumos e fichamentos, quando são realizados com a finalidade de facilitar a recuperação posterior de conteúdos como enredos, teses, dados, idéias e argumentos dos mais variados tipos de texto.

Textos dessa natureza, ou seja, com finalidade didática, são textos exclusivamente acadêmicos. Além de resumos e fichamentos, há textos genericamente denominados “trabalhos acadêmicos”, que são apresentados por alunos de graduação com o intuito de serem avaliados por seus professores. Os demais gêneros são dirigidos a interlocutores específicos, com objetivos também muito específicos. São esses gêneros:

**PROJETO DE PESQUISA, RELATÓRIO DE PESQUISA, MONOGRAFIA, DISSERTAÇÃO, TESE, ARTIGO, ENSAIO, RESENHA E RESUMO.**



### ATIVIDADE 1

a) Você já teve de se expressar por meio de algum desses gêneros de discurso? Qual?

---

---

---

b) Se respondeu afirmativamente à questão anterior, esclareça-nos: sentiu alguma dificuldade para escrever? Que tipo de dificuldade: falta de idéia ou dificuldade em colocá-la no papel, organização dos conteúdos, divisão e organização do trabalho, a redação propriamente dita, uso da norma culta, recuperação ou síntese do pensamento de outros atores?

---

---

---

Caso tenha sentido dificuldades, você não pensou que isso pudesse estar relacionado à falta de inteligência, não é? A escrita acadêmica e científica exige muito de quem está iniciando. A aquisição das competências necessárias à sua expressão, porém, é importante conquista para quem deseja participar do universo acadêmico.

Ter domínio sobre a expressão acadêmica e científica, seja ela oral ou escrita, nos permite expor nosso ponto de vista sobre teses, teorias, métodos, resultados e, principalmente, sobre a importância ou não do que está sendo produzido em termos de conhecimento e de tecnologia, numa linguagem aceita pela comunidade acadêmica e científica. Fazer parte dessa comunidade, ou de qualquer outra, aliás, implica dominar os gêneros do discurso por meio dos quais as pessoas nela se comunicam. Esse domínio se verifica na adequação dos gêneros ao plano dos conceitos e conteúdos apresentados, à ordem em que eles são apresentados, ao modo como o autor se apresenta no texto, como apresenta os outros, ao emprego da norma culta padrão (os gêneros acadêmico e científico devem necessariamente ser expressos respeitando-se a norma culta da língua), ao vocabulário utilizado, às normas técnicas.

Além dessas características, independentemente da área de conhecimento, no texto científico, em geral, é preciso:

1. justificar a pesquisa, definindo e delimitando de forma clara e objetiva o problema a ser abordado ou que já foi;
2. explicitar os objetivos que se tem ou se teve, bem como os resultados obtidos ou esperados com a pesquisa;
3. permitir que o leitor compreenda o referencial teórico que o ajudou ou ajudará a conduzir a investigação, definindo precisamente os conceitos adotados;
4. especificar a metodologia que foi ou a que será empregada, caracterizando o universo considerado para o estudo, as estratégias, os instrumentos necessários ou empregados para a realização da pesquisa – questionários, entrevistas, medições e outros –, os procedimentos de apuração, de coleta e análise de dados.

No caso de projetos de pesquisa, é preciso ainda apresentar o cronograma de atividades, bem como os recursos humanos e financeiros necessários para o desenvolvimento do estudo.

Quanta coisa, não é mesmo? Vamos nos deter em algumas dessas características dos gêneros do discurso científico, a partir da análise de alguns exemplos.

O primeiro deles, escrito pela professora doutora Maria Del Carmen Daher, refere-se ao seu trabalho de doutoramento em Lingüística Aplicada, no qual recuperou o acervo de discursos presidenciais de 1º de maio (1938-1998), tendo como objetivos de análise: (a) identificar imagens de governo/trabalhador que se inscrevem por meio da enunciação nesses discursos; (b) compreender como, do ponto de vista enunciativo, se estabelece a interação entre esses interlocutores; (c) identificar outros direcionamentos discursivos de apoio e/ou rechaço voltados para forças atuantes no mundo do trabalho. Intitulado *Pronunciamentos presidenciais de 1º de maio: uma abordagem discursiva do mundo do trabalho*, esse estudo teve como macrocategoria de análise a noção de *cenografia discursiva* (MAINGUENEAU, 1989/2000) e envolveu o estudo das marcas de pessoa e de discurso relatado.

Leia como a professora Maria del Carmen justifica sua escolha pelo tema e esclarece outros aspectos sobre a pesquisa que realizou:

#### TEXTO 1

(...)

Nosso interesse por esses pronunciamentos deveu-se ao fato de esses textos caracterizarem uma situação *sui generis*: num dia originariamente destinado a congregar forças, protestar contra abusos, divulgar lutas e reivindicações dos trabalhadores, promove-se uma transformação que institui a referida data como dia de comemorações festivas, onde passa a ter destaque um novo ator social – o Presidente da República. Revisitar essas produções nos permitiria, a nosso ver, conhecer um pouco mais sobre a construção discursiva da história do mundo do trabalho no Brasil, sobre as lutas operárias e a instituição da tutela governamental.

As conclusões de pesquisa apontaram para a identificação de diversas imagens discursivas que articulam, numa relação de correspondência, características (qualidades/crenças) e comportamentos (papel na interação/ações) atribuídos ao enunciador/governo e ao co-enunciador/trabalhador. Apontaram, ainda, papéis imputados aos interlocutores, organizados em torno de uma *topografia* e de uma *cronografia* da ordem (MAINGUENEAU, 1987/1993), que estabelecem os limites

entre os quais se situam governo e trabalhadores. As imagens de enunciador e co-enunciador identificadas como mais recorrentes foram as seguintes: ENUNCIADOR – amigo, leal, sincero, emotivo, devoto, esperançoso, rígido, demandante, defensor, conselheiro, ouvidor, porta-voz, messiânico, atuante, candidato, trabalhador e governo; CO-ENUNCIADOR – amigo, capaz, sacrificado, reivindicador e trabalhador.

Podemos dizer que as identidades/imagens levantadas encontram-se enlaçadas de variadas formas na dinâmica do enunciado, corroborando situações interativas diferenciadas. Os pronunciamentos formalizam uma interação legitimada, a partir da indissociabilidade de lugares enunciativos atribuídos ao par da interlocução. O governo deve mostrar seu empenho, seu compromisso em manter as relações de amizade e/ou fidelidade ao outro e/ou a determinada doutrina. Por sua vez, o co-enunciador como “bom” brasileiro deve aceitar/reconhecer/apoiar esse esforço do governo por encontrar formas de mudar sua condição de “necessitado”. Dentro de um quadro interativo ordenado, se estabelece a concessão de conquistas ao co-enunciador; fora dele, o governo fica respaldado para agir de forma a coibi-lo, assim como a OUTROS que estão fora da interação e que são designados como “anarquistas”, “sabotadores”, “maus brasileiros”, “comunistas” “...os que não são amigos nem do governo, nem do trabalhador”.

Como você deve ter percebido, o trecho em questão se inicia com o sujeito enunciador se apresentando explicitamente: “Nosso interesse por...”. Sabendo que se trata de um único autor, talvez você deva estar se perguntando a que se deve o uso do pronome pessoal no plural. Vamos por partes, está bem?

Segundo convenções científicas, o sujeito enunciador deve assumir, ou pelo menos tentar, a postura de um observador distante do objeto observado como que provando sua imparcialidade no processo da experiência científica. Por essa razão, é comum que, em grande parte dos enunciados científicos, o sujeito agente seja apresentado como o próprio objeto de análise. Segundo Coracine, “é ele que se apresenta, ele que age e reage, ele que leva a esta ou àquela conclusão” (1983, p. 178). No texto acima, isso pode ser verificado no trecho “As conclusões de pesquisa apontaram para a identificação de diversas imagens discursivas que articulam...”. Ora, conclusões não necessariamente apontam, mas, no discurso científico, os dados observados são responsáveis pela interpretação introduzida, produzindo o efeito de isenção do pesquisador.

Outro recurso comum a serviço da intenção de aparentar objetividade e imparcialidade é o recurso a formas nominais de processo como em “As imagens de enunciador e co-enunciador identificadas como mais recorrentes foram as seguintes...”. Pense: quem identificou as imagens a que se faz referência? O pesquisador, é claro. No entanto, o uso que se faz de nominalizações como essa atenua a atividade do pesquisador-enunciador, realizada no momento da análise.

Algumas vezes, como prova de que, mesmo se quisesse, o sujeito enunciador não consegue se esconder totalmente por detrás dos enunciados que profere, no discurso científico, os pronomes pessoais explicitam a origem enunciativa. Porém, essa explicitação ocorre mais raramente como “eu” do que como “nós”. Essa ocorrência de *nós* também representa uma forma de atenuar a interferência subjetiva explícita do pesquisador no texto.

Isso não quer dizer que seja impossível encontrar o uso do pronome “eu” em gêneros do discurso científico. No entanto, de acordo com a área de conhecimento a que o texto se refere, esse ocorrência será mais ou menos rara. Hoje em dia, a tendência nas Ciências Humanas é de assumir a subjetividade constitutiva do discurso científico. Afinal, a ciência não é a expressão de uma verdade inabalável que fala por si só. Ela é fruto do trabalho de pessoas que interagem e sofrem influência de seu meio político, social e cultural.

### Sobre os tempos verbais

Também no trecho do texto sob análise, você deve ter observado a ocorrência do tempo verbal que remete os fatos ao passado:

“Nosso interesse por esses pronunciamentos deveu-se ao fato de...”

“As conclusões de pesquisa apontaram...”

Associando, nesse caso, o uso do tempo verbal com a tentativa, no discurso, de fidelidade ao tempo real da sucessão dos fatos, o uso do pretérito perfeito indica que a pesquisa a que o texto se refere já ocorreu e, nesse caso, a autora pretende relatar a experiência realizada. Esse aspecto nos permite levantar a hipótese de que este trecho possa ter sido destacado de um artigo científico, relatório de pesquisa, monografia,



Você deve estar lembrado que estratégias como essa são utilizadas nos gêneros jornalísticos que se pretendem essencialmente informativos. Se não se lembra, retome o assunto na Aula 22.

dissertação ou tese. Volte ao começo desta aula e verifique quais os gêneros de discurso que não entraram em nossa lista de possibilidades. Pergunte-se por que não entraram. Apresente sua hipótese para seu tutor e colegas de Pólo.

Convém observar também as situações de uso do tempo presente nos enunciados acadêmicos e científicos. Normalmente, esse tempo serve para (1) caracterizar o objeto de pesquisa, (2) o objetivo da pesquisa ou (3) para se referir a pesquisas anteriores, como nos exemplos respectivamente apresentados por Coracini (1983, p. 169-170):

(1) “Quanto à dose de radiação, delineiam-se três faixas... as doses baixas caracterizam-se pelas pequenas alterações no crescimento...”

(2) “O presente trabalho visa a... não só observar ...como também detectar a capacidade de um ou mais tecidos originar uma nova plantinha.”

(3) “Na literatura são inúmeros os casos...” “Sabe-se ainda que...” “Souza-e-Silva afirma que...”

Além de se prestar à apresentação do que foi acima comentado, o tempo presente serve, sobretudo, à intenção do enunciador de, no discurso científico, tecer comentários, discutir, expressar seu envolvimento e, dessa forma, envolver o leitor. Porém, o tempo presente, segundo Coracini (1983, p. 173), juntamente com o tipo de constituição de frases, a significação dos verbos e a pessoa verbal, transforma o texto numa série de asserções à primeira vista irrefutáveis e inquestionáveis. Sob esse aspecto, o texto que estamos analisando oferece os seguintes exemplos:

“...as identidades/imagens levantadas encontram-se enlaçadas de variadas formas na dinâmica do enunciado...”

“Os pronunciamentos formalizam uma interação legitimada...”

Você já tinha parado para pensar nesses diferentes usos e efeitos discursivos produzidos pelo simples uso do presente? Quando nos tornamos leitores analistas do discurso, os usos da língua se revelam como sendo estratégias do enunciador (conscientes ou não).



## ATIVIDADE 2

O texto a seguir foi escrito pela mesma pesquisadora que escreveu o trecho que apresentamos e analisamos anteriormente. Com base nos aspectos considerados nessa análise, proponha uma leitura do gênero do discurso científico a que corresponde, levantando alguns dos aspectos constitutivos do gênero de discurso científico.

### TEXTO 2

Buscando avançar nas reflexões teóricas sobre o tema *mundo do trabalho e práticas de linguagem*, pretendo expandir meu foco de observação e análise das marcas de subjetividade a outros gêneros do discurso que não só o discurso político, observando outras formas de inscrição da subjetividade que variarão em função das características genéricas do(s) texto(s) selecionado(s).

Nossa reflexão considerará, então, outros *corpora* de análise – tais como notícias de jornais, provas de seleção/ingresso de docentes, relatos de trabalhadores – que tenham como tema questões relacionadas à linguagem e ao mundo do trabalho e que nos permitam identificar a ocorrência de formas da inscrição de subjetividades dos enunciadores.

(...)

Nossa fundamentação teórica considera os estudos que envolvem a relação sujeito-linguagem. Os estudos de Benveniste e de Bakhtin, embora caminhem por trajetórias e perspectivas teóricas não necessariamente coincidentes, são os que inauguram importantes contribuições para a área da linguagem. Podemos dizer que o ponto de partida são as considerações presentes em Benveniste (1966/1993 e 1974/1989) sobre a concepção de subjetividade na linguagem. Em estudo clássico, o autor derruba propostas estruturalistas ao demonstrar que a tradicional classificação de “pronomes pessoais” apresentada pela gramática está voltada para a conjugação de verbos e não para o papel ativo desempenhado pelas pessoas na interlocução.

(...)

(*Passim*, DAHER, Maria del Carmen, 2002)

a) Compare o texto 1 ao texto 2 e indique a principal diferença entre eles, relativa ao emprego do tempo verbal.

---

---

---

b) Com base nessa diferença, dentre a lista de gêneros do discurso acadêmico e científico apresentada no início desta aula, levante uma hipótese sobre o gênero de discurso a que o texto 2 pertence. Comente.

---

---

---

c) Por tudo que estudamos nesta aula e com base nas características de Ciência, que estudamos na Aula 24, retire de cada um dos textos elementos que os caracterizam como exemplares de gêneros do discurso científico.

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

*Compare suas respostas às de outros colegas, discutindo-as com o tutor da disciplina em seu pólo.*

Para concluirmos esta aula, estude as tabelas a seguir, a fim de preencher o quadro proposto.

#### Quem escreve:

- (A) Graduandos de iniciação científica.
- (B) Pesquisadores vinculados à instituição de financiamento.
- (C) Pós-graduandos.
- (D) Candidato a curso de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado).
- (E) Pesquisadores.
- (F) Candidatos a bolsas de iniciação científica.
- (G) Estudantes.
- (H) Mestrandos.

#### Para quem escreve:

- (L) Pares de um grupo de pesquisa.
- (M) Orientador.
- (N) Avaliadores de instituição de financiamento.
- (O) Avaliadores de banca de seleção de ingresso em mestrado e doutorado.
- (P) Componentes do departamento de pesquisa da instituição a que se está vinculado.
- (Q) Pares do Seminário de Pesquisa ou Orientação.

- |   |  |
|---|--|
| (I) Doutorandos.                              | (R) Orientadores que acompanham bolsistas de iniciação científica. |
| (J) Graduandos em fase de conclusão de curso. | (S) O próprio elaborador.  |
|   | (T) Avaliadores de banca examinadora.                              |
|   | (U) Leitores da academia em geral.                                 |
|   | (V) Corpo editorial de revistas especializadas.                    |
|   | (X) Comunidade acadêmica e científica.                             |
|   | (Z) Estudantes.  |
|   | (*) Professores.   |

### **Com que objetivo escreve:**

- ( 1 ) Estudar; discutir leituras.
- ( 2 ) Divulgar parte da pesquisa.
- ( 3 ) Obter título de Mestre; discutir um objeto do conhecimento, com base em uma fundamentação teórica e uma metodologia.
- ( 4 ) Documentar o andamento da pesquisa que está realizando; manter ou prorrogar bolsa de estudo ou de pesquisa (no caso de projetos temáticos); concluir o processo institucional de bolsa.
- ( 5 ) Obter título de Doutor; defender um ponto de vista sobre um determinado problema.
- ( 6 ) Expor e discutir idéias sobre um determinado tema.
- ( 7 ) Fazer comentário crítico de uma obra; elaborar fundamentação teórica de dissertações e teses; expor, avaliar e propagar idéias.
- ( 8 ) Estudar um tema específico; investigar determinado assunto em profundidade; obter título de Bacharel.
- ( 9 ) Ser admitido em instituição de ensino superior – pós-graduação *stricto sensu*; planejar pesquisa de grupo; expor tema e objeto de sua pesquisa, bem como o modo como vai abordá-los para cumprir pré-requisito do curso; investigar, produzir e atualizar conhecimentos; traçar o caminho que irá percorrer na investigação que se propõe a realizar; submeter a proposta de trabalho em seminários para apreciação de colegas; solicitar financiamento às agências de apoio à pesquisa.
- (10) Sintetizar o conteúdo de uma obra; auxiliar o leitor na escolha de fontes bibliográficas.

**Em que esfera circulam:**

- ( ) Instituições de ensino superior.
- ( ) Instituições de financiamento.
- ( ) Grupos de pesquisa (em termos institucionais, reconhecidos e, eventualmente, financiados).
- ( ) Instituições de ensino superior que tenham cursos de pós-graduação.
- ( ) Uso privado.
- ( ) Imprensa acadêmica.

**Continue completando as informações abaixo, a partir das tabelas anteriores.****1. Gênero: Projeto de pesquisa**

Quem escreve: D, F, G, H e K

Para quem escreve: P, S,

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**2. Gênero: Relatório de pesquisa**

Quem escreve:

Para quem escreve:

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**3. Gênero: Fichamento**

Quem escreve:

Para quem escreve:

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**4. Gênero: Resumo**

Quem escreve:

Para quem escreve:

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**5. Gênero: Dissertação**

Quem escreve:

Para quem escreve:

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**6. Gênero: Dissertação**

Quem escreve:

Para quem escreve:

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**7. Gênero: Tese**

Quem escreve:

Para quem escreve:

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**8. Gênero: Artigo**

Quem escreve:

Para quem escreve:

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**9. Gênero: Resenha**

Quem escreve:

Para quem escreve:

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**10. Gênero: Ensaio**

Quem escreve:

Para quem escreve:

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**11. Gênero: Monografia**

Quem escreve:

Para quem escreve:

Com que objetivo escreve:

Em que ambiente circula:

**RESPOSTA COMENTADA**

*Você poderá obter o gabarito do exercício anterior com o tutor da disciplina em seu pólo.*

**RESUMO**

Na universidade e nos centros de pesquisa circulam uma variedade de gêneros do discurso acadêmico e científico. São eles: monografia, dissertação, tese, artigo, ensaio, projeto de pesquisa, relatório de pesquisa, resenha, resumo e fichamento. Esses gêneros têm em comum o fato de se pretenderem textos imparciais, nos quais se tenta apagar as instâncias enunciativas reveladoras de subjetividade.

**AUTO-AVALIAÇÃO**

Se você é capaz de nomear, sem retornar ao texto, pelo menos seis tipos de gêneros acadêmicos e científicos, bem como de reconhecer alguns dos aspectos que os definem como tais, parabéns! Porém, se hesitou ou não conseguiu chegar a uma conclusão, retome seus estudos a partir da aula anterior.

**Uso da língua 15 –  
quando o texto é arte –  
o texto literário**

**AULA 26**

**objetivos**

Ao final desta aula, o aluno deverá ser capaz de:

- Conhecer noções básicas a respeito do texto literário.
- Estabelecer relações entre o texto literário e o texto não-literário.
- Compreender a importância do texto literário na construção da identidade cultural.

## INTRODUÇÃO

Estamos chegando ao fim de nossa disciplina. Daqui para a frente, esperamos que você possa ter um enfrentamento mais seguro dos vários tipos de textos utilizados nos processos de comunicação. Como professores, não podemos deixar de abrir um espaço para falar do texto literário. Embora saibamos que você terá um contato mais estreito com esse assunto em uma disciplina futura, acreditamos ser importante introduzir noções que nos permitam navegar na literatura não apenas como leitores, mas também como mediadores na construção de futuros leitores.

Nesse sentido, queremos conversar um pouco a respeito de algumas teorias que buscam caracterizar o texto literário como um discurso diferenciado. É claro que, para falarmos do assunto de forma completa, teríamos de fazer uma espécie de viagem no tempo, mas essa viagem fica para a disciplina que vai tratar, especificamente, do trabalho com o texto literário no ensino fundamental. Nesse momento, vamos apenas pincelar algumas noções a respeito da literatura, levando em conta tudo o que você já viu até agora.

Para iniciarmos nossa conversa, é importante deixar claro que a questão que tem ocupado os especialistas, nos últimos tempos, é a determinação de elementos que possam caracterizar um texto como literário. Nesse sentido, vários estudiosos procuraram elaborar critérios para aferir o caráter literário das produções textuais. Alguns desses trabalhos disseminaram conceitos cuja aplicabilidade, ainda que não se mostre de todo suficiente para reconhecer um texto literário, no mínimo aponta para algumas especificidades discursivas.

Em primeiro lugar, torna-se importante compreender que a literariedade dissocia-se do critério valorativo, ou seja, não se trata de considerar tal ou qual literatura boa ou má. A singularidade do discurso literário deve ser buscada no nível de sua organização estrutural. Uma das teorias que aborda essa especificidade sob essa perspectiva é a de Roman Jakobson sobre as funções da linguagem, que você já viu nas Aulas 6 e 7 desta disciplina. Só para lembrar, o estudioso parte das três funções determinadas por Karl Bühler – a representativa, a expressiva e a apelativa – e passa a redenomina-las, acrescentando mais três. Cria-se, dessa forma, a seguinte relação:

BÜHLER	.....>	JAKOBSON
Representativa	.....>	Referencial
Expressiva	.....>	Emotiva
Apelativa		Conativa
		Fática
		Metalingüística
		Poética

Lembra-se? Quando tratamos desse assunto, dissemos que podemos identificar a predominância de uma determinada função em um discurso, uma vez que várias delas podem ser utilizadas num mesmo texto ou num mesmo enunciado.

As funções, tal como foram identificadas por Jakobson, estabelecem pontos de contato com outros estudos a esse respeito, e sua relevância, no estudo da literatura, está diretamente ligada à presença da função poética, que, para Jakobson, é a que predomina no texto literário, que é, em última instância, uma linguagem de conotação. Por esse caminho, pode-se considerar que a criação literária pressupõe a utilização de recursos que vão além da tradição lingüística. O texto literário é criado, segundo esse ponto de vista, a partir de uma multiplicidade de códigos – ideologia, retórica – que vão levá-lo a redefinir informações absorvidas de outros textos. É, dessa forma, um texto heterogêneo, conotativo, semanticamente autônomo, com uma verdade própria.

Investido de uma carga conotativa, que consiste em atribuir valores significativos que circundam e penetram o núcleo intelectual de significados de uma palavra – o núcleo denotativo –, o texto literário é plurissignificativo, já que como portador de múltiplas dimensões semânticas, distancia-se do grau zero da linguagem. Assim, ao descobrir as possibilidades latentes que o esperam, esse tipo de texto tem no leitor um agente que descobre, em consequência, a pluralidade do texto, pois, que, ao admitir a multiplicidade de leitura, ele admite também os vários significados que sua estrutura latente guarda.

Essa estrutura latente constitui aquele nível de leitura que nos leva a “ler nas entrelinhas”, atingindo vários patamares de compreensão. A capacidade de ler, inclusive o não dito, caracteriza o que chamamos de proficiência do uso da língua, e esse uso se mostra plenamente atingido

justamente a partir do desenvolvimento das habilidades de leitura. Nesse sentido, o texto literário mostra-se especialmente fértil para esse desenvolvimento, na medida em que traz possibilidades várias.

A literatura passa a constituir uma importante manifestação cultural, uma vez que é entendida como o conjunto de textos que têm como característica básica a prevalência da conotação, da função poética da linguagem, gerando uma gama de possibilidades de entendimento. Na disciplina Língua Portuguesa na Educação 1, nas Aulas 5 e 6, sobre identidade cultural, você leu o texto O segundo verso da canção, de Affonso Romano de Sant'Anna. Esse texto traz, em sua estrutura superficial, a história de Jensen, um dinamarquês que há cinquenta anos mora nos pampas argentinos e não tem com quem falar sua língua, até que um dia recebe a visita de um compatriota e resgata, ao relembrar o segundo verso de uma canção dinamarquesa, toda a identidade cultural que ficara adormecida durante o tempo de seu “exílio agudo dentro do silêncio”, como o próprio narrador define.

Na estrutura latente, ou seja, nas entrelinhas, fala-se muito mais – fala-se da questão da própria identidade cultural, representada pelas manifestações que caracterizam um povo, uma nação, um país. Essas manifestações, principalmente artísticas, incluem a literatura, que, por sua vez, tem na língua seu ponto de partida, seu instrumento, seu veículo.

Assim, o texto literário constitui uma das mais importantes manifestações culturais de um povo; além de ser, por suas características específicas, uma fonte inequívoca de aquisição das estruturas da língua, esse tipo de texto é capaz de formar usuários proficientes a partir do desenvolvimento das habilidades de leitura plena. A aquisição dessas habilidades é um caminho importantíssimo para se chegar a conquistas várias, incluindo a da própria cidadania.

Lembra-se da nossa Aula 12, sobre letras de música? Naquela aula, mostramos que uma canção tem, em sua letra, uma manifestação literária, na medida em que muitas letras são poemas de fato. Usamos, como exemplo, a canção "Fanatismo", que junta um poema de Florbela Espanca e uma música de Raimundo Fagner. Na história recente de nosso país, a literatura, inclusive as letras de muitas canções, foi veículo de protesto e forma de conscientização. O problema é que nem todos conseguiam compreender – ou melhor, *ler* – a mensagem desses artistas.

Na contramão da conscientização, o poder, pouco interessado em habilitar o povo a ler e escrever, resolveu cortar o mal pela raiz. Muitos artistas foram censurados, outros exilados, sem falar nos torturados...

O exemplo talvez mais conhecido desse contexto é a canção "Pra não dizer que não falei de flores", de Geraldo Vandré. Leia a letra:

Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Somos todos iguais, braços dados ou não  
Nas escolas, nas ruas, campos, construções  
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Vem, vamos embora que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer  
Pelos campos há fome,  
em grandes plantações  
Pelas ruas marchando, indecisos cordões  
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão  
E acreditam nas flores vencendo canhão  
Há soldados armados, amados ou não  
Quase todos perdidos de armas na mão  
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição,  
De morrer pela pátria e viver sem razão

Nas escolas, nas ruas, campos, construções  
Somos todos soldados, armados ou não  
Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Somos todos iguais, braços dados ou não  
Os amores na mente, as flores no chão  
A certeza na frente, a história na mão  
Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Aprendendo e ensinando uma nova lição.

(Fonte: site [www.secrel.com.br](http://www.secrel.com.br))

Embora escrita na década de 1960, a letra de Vandré é extremamente atual. A literatura, muitas vezes, tem esse caráter atemporal, ou seja, ela se aplica a qualquer tempo e a qualquer lugar. Releia os seguintes versos:

“Pelos campos há fome,  
em grandes plantações”

“Ainda fazem da flor seu mais forte refrão  
E acreditam nas flores vencendo canhão”

Eles lhe fazem lembrar alguma coisa? Os dois primeiros versos já remetem à antiga e atualíssima questão da reforma agrária, como você deve ter notado. Essa questão é bem nossa, tem feito parte do nosso cotidiano, do dia-a-dia dos brasileiros. Lendo os outros dois versos, recordamos uma cena recente: o jovem chinês que, com uma rosa na mão, postou-se diante de um tanque. Affonso Romano de Sant’Anna escreveu uma crônica sobre o episódio. Dê uma lida:

### **O homem diante dos tanques**

Tem 19 anos. E vai morrer.

Vai morrer porque ousou parar com seu corpo uma fileira de tanques que avançava na praça da Paz Celestial, em Pequim.

Da janela de nossas televisões o vimos. Os tanques vinham com suas lagartas de aço para massacrar a borboleante multidão e, súbito, um homem se destacou da massa e se postou diante do tanque da frente. Ele ali, firme. O carro de combate diminuiu a marcha, parou.

Parou e tentou se desviar do homem. O homem se moveu para a esquerda e, de novo, ficou parado diante da máquina. De novo a máquina se movimentou, de novo o homem com seu corpo a faz parar.

E ousou mais o homem. Subiu ao tanque e foi falar ao soldado oculto na carapaça de metal. De nossas poltronas, em todo o mundo, assistimos à cena e nos comovemos.

Pois agora anuncia-se que o homem que parou os tanques vai ser morto (ou já foi?). Ele tem nome – Wang Weilin – e morrerá com seus 19 anos de ousadia. Certamente o matarão como estão matando os outros líderes da manifestação pró-democracia: com um tiro na nuca. E mandarão a conta da bala para sua família, como se faz na China desde há muito.

Esta conta não está sendo mandada apenas para sua família, senão para uma família maior – a dos que lutam pela liberdade e democracia. A conta dessa e de outras balas deve ser paga por todos nós.

Por que as entidades que lutam pelos direitos humanos ainda não organizaram um dia mundial de protesto para dar um basta à barbárie institucionalizada na China?

Por que as praças de outros países não se enchem de gritos e faixas em defesa desses jovens estudantes que tombam como moscas na China?

Um pouco mais adiante, ali em Paris, e com reproduções em muitas capitais do mundo, estamos celebrando a liberdade e a democracia trazidas pela Revolução Francesa. Fogos de artifício, bailes, discursos e muito marketing para se festejar o passado. Contudo, ali na China, a anti-história, a contra-história, destrói o presente e o futuro de milhões.

Penso nesse jovem de 19 anos que vai morrer com uma bala na nuca.

Ter feito um gesto, de repente, deu sentido à sua vida, ainda que tão curta. Se tivesse vivido 80 anos colhendo arroz numa província qualquer teria apenas dado um exemplo da inútil pacificidade.

Uma coisa, por isso, me inquieta. Como, por que e quando um homem se destaca na multidão? Como, por que e quando um corpo se destaca do anonimato e faz história?

Tivesse se atrasado 15 minutos, tivesse tomado uma outra rua naquele dia, talvez não tivesse, com seu frágil corpo, desafiado o maior exército da Terra.

Mas quando decidiu com seu desprovido e poderoso corpo pôr-se à frente dos tanques, estava pronto para morrer. Como, aliás, aqueles seis que se deitaram nos trilhos em Xangai e foram destróçados pelo trem da contra-história.

Certos gestos o homem faz sem saber que os gestos é que o farão.

Os carrascos não sabem. Todos os carrascos se iludem. Uns se dizem: estou apenas cumprindo minha função. Outros afirmam: sou o zelador da história. Como se houvesse uma só história, a deles.

Os carrascos não sabem história. Disparando um tiro na nuca, dependurando na forca um corpo ou decepando na guilhotina uma cabeça, outra vez e sempre estarão fazendo o contragesto que sublimará o gesto alheio.

Malditos carrascos.

Benditos carrascos.

Eles pensam que estão abatendo um corpo inimigo. *Estão construindo a aura de um herói.*

Eles pensam que estão apagando uma vida indigna. *Estão criando um mito.*

Então, repito. Tem 19 anos. Chama-se Wang Weilin e vai morrer o jovem que com seu corpo desarmado paralisou uma fileira de tanques e deixou o mundo perplexo com sua coragem.

Amanhã seu nome será praça, avenida ou monumento. Por ora é apenas uma poça de sangue e esperança em nossas consciências.

(Fonte: *Fizemos bem em resistir*. Editora Rocco, 1997)

A crônica de Affonso Romano de Sant’Anna é, também, fonte de informação de um acontecimento que mobilizou o mundo todo. O autor fez da literatura um veículo de protesto, remetendo-se de forma clara a um fato. Em comparação com a canção de Vandrê, podemos dizer que o texto de Affonso apresenta tudo mais às claras, sem prescindir dos elementos de literariedade.

Que elementos seriam esses? No mínimo, podemos destacar algumas metáforas que ele utiliza para enfatizar o contraste entre o homem e os tanques enfrentados. Uma primeira imagem metafórica pode ser exemplificada pelo trecho: “Os tanques vinham com suas lagartas de aço para massacrar a borboleante multidão.” Levando em conta que você já viu como se constrói uma metáfora, fica mais simples desconstruí-la no trecho escolhido: os tanques são comparados a lagartas de aço, pois se arrastam pelas ruas em direção às pessoas que ali se aglomeram. A multidão de pessoas, por sua vez, é “borboleante”, ou seja, tem leveza, contrastando com o peso criado pela imagem das lagartas de aço.

Um outro exemplo de metáfora pode ser encontrado na última frase do texto: “Por ora é apenas uma poça de sangue e esperança em nossas consciências.” Remetendo ainda ao campo semântico do peso, ao qual pertence a metáfora anteriormente analisada, o narrador utiliza a imagem da poça de sangue de forma figurada, como recurso para identificá-la com o peso na consciência dos que, diante de fatos como o narrado, nada fazem, seja por desinteresse, seja por impossibilidade.

Além das metáforas, é importante lembrar que o texto literário lida com as múltiplas possibilidades de leitura. Nesse sentido, os jogos de palavras ganham um espaço privilegiado nesse tipo de discurso, já que facultam a permuta de campos semânticos. Um bom exemplo desse procedimento está no seguinte trecho: “Certos gestos o homem faz sem saber que os gestos é que o farão.” Aqui, o verbo fazer é a chave do jogo de palavras, pois possui sentidos diferentes em cada uma das ocorrências. No primeiro momento, equivale a *agir*, enquanto no segundo momento tem o valor de *celebrizar*, *eternizar*. Por permitir que se passe de um campo semântico a outro, utilizando a mesma palavra, o discurso ganha singularidade, trabalhando com a conotação e criando, conseqüentemente, vários níveis de leitura.

O mesmo fato narrado por Affonso Romano de Sant'Anna numa crônica, de forma conotativa, foi certamente notícia em jornais e revistas. A diferença está na forma: a notícia é objetiva, despida de recursos estilísticos; a crônica parte da notícia como pretexto para a criação de um texto com imagens que vão além do simples fato. Se a notícia ficou esquecida nos jornais da época, o texto literário não nos deixará esquecer o acontecimento.

Entre outras coisas, é essa atemporalidade do texto literário que o caracteriza como peça fundamental na construção da identidade cultural. Vamos voltar só um pouquinho à letra da canção de Vandrê, lendo o que nos diz Paulo César de Araújo, em seu livro *Eu não sou cachorro, não – música popular cafona e ditadura militar*, a respeito da repercussão dessa canção:

(...) Rio de Janeiro, Maracanãzinho, 29 de setembro de 1968, *Pra não dizer que não falei de flores!*. Ali, em pleno regime militar, Geraldo Vandrê apresentou ao público e ao júri do III Festival Internacional da Canção a mais contundente crítica jamais feita ao Exército brasileiro numa letra de música popular – e num momento em que as Forças Armadas controlavam os poderes da República.(...) A repercussão da música foi imediata (Editora Record, 2002, p. 104).

A repercussão a que se refere o autor diz respeito, sobretudo, à reação dos militares, que gerou no povo brasileiro a pergunta sobre Vandrê e que Paulo César Araújo reproduz: “O que foi que fizeram com ele?” (p. 103).

Perguntas como essa e as respostas que se possam eventualmente obter constituem tijolos que vão construindo a história de um povo. A literatura atualiza a memória dessa construção e oferece alicerces para que se desenvolva, então, a identidade cultural.

## RESUMO

Nesta aula, demos início a informações sobre o texto literário:

- Suas especificidades.
- Suas múltiplas possibilidades de leitura.
- Algumas formas de manifestação.
- Sua importância no resgate da memória social.
- Seu papel na construção da identidade cultural.

## ATIVIDADES FINAIS

Releia o texto de Affonso Romano de Sant'Anna e responda às questões que se seguem, de modo a realizar a desconstrução semântica do texto. Com isto, você poderá verificar de que maneira um texto literário se constrói.

1. "Tem 19 anos. E vai morrer."

O narrador faz questão de dizer a idade do rapaz antes de afirmar que ele vai morrer. Entre as afirmativas abaixo, qual a que melhor explica esse procedimento?

- a) A crônica lida é um relato de fatos conhecidos de todos, por isso o narrador tem o cuidado de enumerar os pormenores de maneira neutra.
- b) É comum, na China, que os jovens morram cedo, por isso o narrador menciona a sua idade antes de dizer que ele vai morrer.
- c) Na verdade, poderíamos substituir a afirmação pela seguinte: "Tem dezenove anos, mas vai morrer", pois não é natural alguém morrer tão jovem.
- d) O narrador percebe que a punição será inevitável, e faz a afirmação da morte para mostrar essa certeza.

Resposta: \_\_\_\_\_

2. Ao usar a expressão “inútil pacificidade”, o narrador cria um paradoxo, ou seja, usa, lado a lado, palavras de sentidos antagônicos. Ser pacífico é diferente de ser passivo.

a) Explique a diferença entre “passividade” e “pacificidade”:

---

---

---

b) Levando em conta o contexto abordado pelo narrador e o significado explicado por você, responda: O que significa, no texto, a expressão “inútil pacificidade”?

---

---

---

3. “Esta conta não está sendo mandada apenas para sua família, senão para uma família maior – a dos que lutam pela liberdade e democracia. **A conta dessa e de outras balas deve ser paga por todos nós.**”

Ao fazer a afirmativa em destaque, o narrador não sugere que todos paguem com dinheiro. De que maneira todos devem pagar essa conta?

---

---

---



## Uso da língua 16 – quando a poesia é folheto ou cantoria dos repentistas: a Literatura de Cordel

### Meta da aula

Apresentar um panorama de leitura plurilíngüe com base na Literatura Popular em Verso ou Literatura de Cordel.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Conhecer noções básicas a respeito da Literatura de Cordel.
- Observar e reconhecer elementos que possam caracterizar um texto como poema de cordel.
- Reunir elementos para a prática de leitura plurilíngüe.

## INTRODUÇÃO

Na aula de hoje, abrimos mais um espaço para falar do texto literário, mais especificamente da Literatura Popular em Verso ou Literatura de Cordel.

Sabemos que em disciplina futura você terá um contato mais estreito com esse assunto. Mesmo assim, não queríamos terminar nosso curso sem uma conversa sobre o que é leitura plurilíngüe e escolhemos a Literatura Popular em Verso ou Literatura de Cordel como fio condutor. A prática de leitura plurilíngüe prevê a mescla de textos de História, Geografia e Arte, em diferentes linguagens.



### ATIVIDADE 1

Leia o cartaz ao lado.

**CORDEL NA CORTEZ**

Você é nosso convidado a participar do  
**Sarau e Coquetel de Abertura do III Cordel na Cortez**  
Dia 14 de junho (segunda-feira) das 19 às 21h

De 14 a 26 de junho estaremos realizando Oficinas de Xilogravura, Exposição e Venda de Livros e CDs sobre o tema, Folhetos, Saraus, Lançamentos e Apresentações de Artistas Populares, acompanhado de bebidas e comidas típicas do sertão nordestino

Confira a programação completa no site:  
[www.livrariacortez.com.br](http://www.livrariacortez.com.br)

**Visite-nos**

**LIVRARIA CORTEZ**  
*A sua referência*

Rua Bartira, 317 – Perdizes  
São Paulo – SP – Inf.: (11) 3873-7111  
e-mail: [eventos@livrariacortez.com.br](mailto:eventos@livrariacortez.com.br)

apoio: **URCA** **SEDMA** **PAULUS**

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARUÍ  
Secretaria de Meio Ambiente de Juazeiro do Norte  
Coordenação de Letras Portugais COMEL da PUC SP

Figura 27.1

Você leu o conteúdo do cartaz da Cortez apresentado anteriormente, não leu? Se você leu, estará de acordo que se trata de um cartaz-convite para o sarau e o coquetel de abertura do III Cordel na Cortez, evento com a apresentação de artistas populares, acompanhado de bebidas e comidas típicas do sertão nordestino.

Responda rápido: Você sabe o que é cordel? Literatura de Cordel?

---

---

---

Literatura popular típica do nordeste brasileiro, a Literatura de Cordel compreende o conjunto da poesia impressa nos folhetos de cordel, e o da oral improvisada nas cantorias dos repentistas.



Figura 27.2: Capas dos folhetos de cordel.

*Cantoria* é o desafio, em versos, entre dois cantadores de improviso, ao som da viola, rabeca, pandeiro e ganzá. A denominação *Literatura de Cordel* se deve ao fato de os folhetos ficarem à venda, dependurados em barbantes ou cordéis.



Leitura de mapa: lembrar que o Nordeste brasileiro se compõe dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, abrangendo aproximadamente 1.220.000km e contando com uma população de mais de 20 milhões de habitantes.



Porém, para o poeta, a razão do nome é outra:

Porque o cordel não é aquele que está pendurado num cordão.

É aquele que foi escrito com as cordas do coração.

(CABOCLO, Manoel. 1916-1986. Museu do Ceará)



## ATIVIDADE 2

Vamos estudar os elementos que caracterizam um texto como um poema de cordel. Entre eles, encontram-se elementos da tradição trovadoresca medieval.

Como se explica a presença desses elementos? Alguma idéia?

---

---

---

Há, pelo menos, duas razões para a presença e continuidade da tradição trovadoresca medieval no Nordeste. A leitura de textos de História e de Geografia da região Nordeste do Brasil ajudam a entender essas razões.

## UM POUCO DE HISTÓRIA E DE GEOGRAFIA DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL

Desde as primeiras décadas depois do descobrimento do Brasil, foi o Nordeste que se tornou centro do interesse dos portugueses. A cultura da cana-de-açúcar tornou-o, no fim do século XVI, a parte mais importante da América portuguesa. Em 1560, quando os índios caetés foram exterminados no rio São Francisco, toda a costa do Nordeste estava nas mãos dos conquistadores. A matança dos índios continuou até o início do século XVIII. A guerra foi, por mais de 200 anos, a situação normal do sertão, no interior do Nordeste brasileiro (DAUS, 1982).

Depois de tomarem e dividirem a terra, os brancos criaram nova forma de atividade no sertão, a pecuária. Criou-se a junta de bois, que foi usada irrestritamente para o transporte do açúcar para os portos. Segundo Daus (1982), o sertão tornou-se (já no século XVII) uma região econômica, sem a qual a estreita faixa de litoral, onde se empregou cada trecho de terra na cana-de-açúcar, não teria podido sobreviver.

A base econômica assegurada fez nascer uma variedade da sociedade açucareira, a sociedade sertaneja. É uma sociedade dominada por aristocratas com traços autoritários fortemente marcados. Podem distinguir-se três classes (DAUS, 1982, p. 17):

1 – a maior parte da terra pertence aos aristocratas sesmeiros (pessoas que receberam do rei uma “sesmaria”, direito de posse sobre determinado pedaço de terra). Estes são os senhores econômicos e políticos do sertão;

2 – há uma pequena camada intermediária que se compõe de arrendatários (parcelas de terras tiradas de um latifúndio), pequenos proprietários e comerciantes;

3 – a grande maioria da população (mais ou menos 80%) é proletária e precisa, por isso, colocar-se a serviço dos dois outros grupos. A esta camada pertencem os poucos índios sobreviventes e grande número de mestiços.

O poeta popular se origina, sem exceção, da mesma camada social de seu público. Proletário e sem outra ocupação, ele se sustenta de seus poemas. Ele é realmente o porta-voz de sua classe e articula uma consciência coletiva.

### **POR QUE PÔDE DESENVOLVER-SE NO NORDESTE DO BRASIL UMA POESIA ÉPICA INDEPENDENTE?**

Ao lado da poesia culta e erudita, veio também para o Brasil, em grande escala, a literatura popular da Península Ibérica, em geral, oralmente, em forma de canções, romances e contos. Vários autores referem-se à “extraordinária sobrevivência no Nordeste de lendas antigas, de contos herdados da Europa, adaptados ao meio e modificados, evidentemente, ao correr do tempo”.

De origem ibérica incontestável, a poesia sertaneja do Nordeste, porém, adquire feição peculiar, adaptando, criando novas formas. A caixa de ressonância da poesia popular épica é constituída pelas duas camadas mais baixas da população do sertão. Assim, algumas designações dos gêneros cantados se relacionam diretamente com os elementos do viver sertanejo, como se pode verificar nos exemplos, entre os vários existentes, que são apresentados a seguir:

Galope – sextilha composta de decassílabos dos quais só têm rima os de ordem par, segundo o esquema rímico ABCBDB.

Gemedeira – estrofe de seis versos de sete sílabas, em que o cantador intercala entre o 5º e o 6º versos o estribilho “ai-ai, ui-ui”.

Galope por dentro do mato – estrofe de dez versos, na fórmula clássica ABBAACDC, tratando de assuntos do sertão.

Interessante, não?

Segundo Yvonne Bradesco-Goudemand (1982), até início dos anos oitenta, o meio rural nordestino apresentava muitas características medievais: comunicações precárias, raras e péssimas estradas separavam os grupos humanos. O Nordeste vivia em regime de economia fechada e a célula dessa sociedade agropastoril era a fazenda de gado; em menor escala, o sítio.

Nesse mundo rural tão singular,  
as manifestações folclóricas, a arte popular, danças, cerimônias,  
contos, poesia não são simples distrações destinadas a embelezar  
a vida ou a exprimir sonhos, necessidades, desejos e sofrimentos  
de um povo, mas representam papel real na estrutura da vida.  
A poesia popular reflete a mentalidade peculiar do cantador,  
intérprete e reflexo do povo: frescura de invenção, imaginação,  
riqueza verbal...

(BRADESCO-GOUEMAND, 1982, p. 14.)

Assim, da poesia popular portuguesa no Brasil formou-se uma poesia popular nordestina com traços inteiramente próprios: cantoria épica no Nordeste, a literatura de cordel, a literatura das massas pobres do Nordeste do Brasil.

## **OS TEMAS**

Essa poesia de cordel encontrou suas mais fecundas e originais expressões nos seus ciclos dominantes: o ciclo dos animais, dos cangaceiros e o religioso.

### **O ciclo dos animais**

Nas narrativas, tanto as antigas quanto as modernas, os heróis de quatro patas não são animais como os outros. Segundo destaca Bradesco-Goudemand (1982),

são apresentados como autênticos, como se tivessem existido, com todas as referências possíveis, sua origem, seus proprietários, suas

proezas, seu fim, mas nem por isso deixam de ser sobrenaturais, pelos seus dons físicos e seus liames manifestos com as força do Bem e do Mal (p. 20).

Assim, na poesia de cordel, os poetas podem recorrer a uma tradição estabelecida, em que se dá voz a um animal, como no poema "A morte do padre Vieira e o discurso do jumento", de Antônio Klévisson Viana, apresentado, em parte, a seguir:

Jegue, transporte sagrado  
 Preferido de Jesus,  
 Na história universal  
 Um capítulo lhe faz jus:  
 Por ter sensibilidade  
 É nosso irmão de verdade,  
 Pois nosso fardo conduz.

O mesmo jumento que  
 Escreveu a Jô Soares,  
 Fez protesto na mídia  
 Nos mais altos patamares;  
 Sempre puro e sem malícia,  
 Sofreu com a triste notícia  
 que invadiu todos os lares.

Sabendo que sou poeta  
 Veio, então, me perguntar  
 Se eu podia escrever  
 Para ele recitar,  
 Um poema p'ra Vieira;  
 E o jegue, desta maneira,  
 Começou a me falar:

Quando a TV deu notícia  
 Que morreu Padre Vieira,  
 Fiquei muito transtornado:  
 Reuni a turma inteira;  
 Falando a meus semelhantes  
 Com frases emocionantes,  
 Discursei, desta maneira:

Nosso irmão Padre Vieira,  
Incansável defensor  
De nossa classe sofrida,  
Lutou em nosso favor;  
Cumprindo sua trajetória  
Sai da vida, entra na história,  
Como um herói de valor!

O Padre Antonio Vieira  
Tinha amor no coração:  
Em defesa do jumento,  
Teve a força de um Sansão!  
Talentos, tinha de sobra:  
Morre o homem, fica a obra  
'O Jumento Nosso Irmão'.  
(...)

(VIANA, "A morte do padre Vieira e o discurso do jumento",  
abril de 2003, pp. 1-3.)

Nesse ciclo temático de animais, o boi e o cavalo são os que aparecem mais. Múltiplos folhetos contam episódios meio reais, meio imaginários da vida dos vaqueiros e de seus animais. Pesquise, com seus alunos, poemas de cordel que tratem do boi e do cavalo.

### **O ciclo dos cangaceiros**

O êxito do ciclo dos cangaceiros no sertão foi e ainda é enorme. Trata-se de número considerável de folhetos escritos em forma de autobiografia fictícia. Esses folhetos descrevem os feitos e a personalidade de Antônio Silvino e Lampião, dois dos mais temidos chefes cangaceiros do sertão. Como observa Ronaldo Daus (1982), trata-se de um tema especificamente nordestino, “que na sua forma especial não tem nenhuma relação com os temas literários de Portugal nos anos de 1400 a 1800” (p. 20).

O sertanejo não via à sua volta senão miséria. Períodos de seca matavam o gado em intervalos irregulares, exterminavam as raras plantações que, com o maior esforço, haviam brotado no solo estéril. A partir da indignação de não poder mudar nada na vida normal, como vítima de homens que não conhece, o sertanejo se volta, por motivos inconscientes, para a idéia do cangaço.

Os textos do ciclo dos cangaceiros tornam públicos acontecimentos sensacionais, traduzem as notícias da imprensa das capitais para a linguagem do habitante do sertão e as interpretam como o público gostaria de ouvi-las, mudando-as muitas vezes e dando-lhes nova função. Possuem três ciclos temáticos:

- 1) a infância do protagonista (o cangaceiro);
- 2) o relacionamento dos chefes cangaceiros com seus camaradas;
- 3) o fim de suas carreiras, a prisão e a morte.

Tais textos diferenciam-se de todos os outros da poesia épica nordestina por uma particularidade formal: a 1ª pessoa do singular na narrativa dos acontecimentos.

Nasci em setenta e cinco  
 Num ano de inverno forte  
 No dia 2 de novembro  
 Aniversário da morte  
 Por isso o cruel destino  
 Deu-me de bandido a sorte.  
 (...)

(BATISTA; SILVA, "O interrogatório de Antonio Silvino")

## O ciclo religioso

Com relação ao ciclo religioso, Mesquita (2004) refere-se ao catolicismo popular rústico, próprio da formação cultural do sertão nordestino, como uma religião popular que se apropriou da figura histórica exponencial do Padre Cícero (1844-1934), elegendo-o como um dos seus santos. Na Literatura de Cordel, alguns aspectos desse catolicismo popular se colocam em evidência e perduram no folclore com a lembrança de Padre Cícero como um dos seus personagens. Mesquita refere-se ao imenso volume de textos criados pela imaginação popular nos quais o Padre Cícero figura como personagem, sempre em destaque:

percebe-se a dimensão que ele ainda mantém como maior santo do catolicismo popular brasileiro. (...) O fato que faz com que a pessoa do Padre Cícero e sua história sejam sempre de interesse da imensa maioria dos leitores de Cordel não é apenas a sua importância para a história nordestina, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, mas também a manutenção de uma religiosidade de raízes populares, na qual o Padre Cícero foi canonizado à revelia do poder decisório da Igreja Católica Romana e de sua hierarquia (2004, p. 2).

Por sua popularidade, mesmo passado mais de meio século de sua morte, o Padre Cícero é provavelmente o personagem mais constante na Literatura de Cordel. Segundo Mesquita (2004), ele aparece como um porta-voz dos valores mais arraigados da população de origem nordestina, como “o trabalho, o respeito ao homem, a proteção aos que sofrem, a igualdade, a ausência de fome, desprendimento de dinheiro, respeito às donzelas, boa convivência, humildade, equilíbrio de conduta” (p. 2).



Você estudou algumas características do texto literário na Aula 26 e sabe que ele se constitui como uma das mais importantes manifestações culturais de um povo. Nesse sentido, não estabelece compromisso com a utilização da variante padrão da língua.

Viva o Bom Jesus dos Passos,  
Viva Santo Antônio também,  
Viva o santo Juazêro  
Que é nosso Jerusalém,  
Viva o Padrim Padre Cicho  
Pra todo sempre, Amém!  
(João Mendes)

Além dos três ciclos comentados, a Literatura de Cordel conta com outros grandes ciclos: o Grande Ciclo das histórias fabulosas, o Grande Ciclo das histórias de amor, o Grande Ciclo das histórias sobre acontecimentos históricos e atuais, entre outros. Vale a pena conhecer!

### **ALGUNS ASPECTOS FORMAIS DA CANTORIA E DA LITERATURA DE CORDEL (RETIRADOS DA OBRA *POÉTICA POPULAR DO NORDESTE*, DE SEBASTIÃO NUNES BATISTA)**

A B C – O abecê é uma composição poética muito antiga, em que cada estrofe começa com uma letra do alfabeto, cuja fonte mais remota está no Velho Testamento, onde, no salmo 118, cada letra do alfabeto hebraico corresponde a oito versículos.

Exemplos de ABCs nordestinos:

a) ABC em quadras:

Cama, cadeira, cabana,  
Cana, cachaça, cutelo  
Cajá, castanha, caju,  
Conde, condessa, castelo.

Deus, divindade, donzela,  
Duque, dourado, dragão,  
Dario, drástico, Daniel,  
Doutor, dobrado, dobrão. (COSTA, Ugolino Nunes da)

b) ABC em sextilhas:

Estranhando em minha vida  
Esta sina maviosa  
Guiava-me minha estrela  
Áurea fonte cuidadosa,  
Guiava-me o meu fado  
A puberdade amargosa

Foi no ano de oitenta e oito  
Depois de grande fartura,  
Muito leite, muito queijo,  
Muita carne com gordura  
Que no meio do vexame  
Acode o Deus da Natura. (COSTA, Nicandro Nunes da)

ABOIO – Melopéia plangente e monótona com que os vaqueiros guiam as boiadas ou chamam os bois dispersos.

Nunca vi caririzeiro  
Que não fosse aventureiro,  
Deixa as vacas de leite  
Leva o gado solteiro  
Ê ê ê boi  
Ê ê ê boiá  
Bora, peiá! (SILVA, João Teixeira da)

ADIVINHA – Enigma popular. O mesmo que adivinhação – proposição geralmente versificada, enunciada com uma pergunta: “o que é, o que é?” Exemplo:

Torto assim, mas assim torto  
roubo a vida ao mais direito.  
Sem ser de veneno feito,  
quem me engole fica morto.  
Dou sustento, dou conforto,  
com mortífero aparato;  
dos mortos faço meu fato  
e tenho condição tal  
que, solto, não faço mal,  
mas, quando estou preso, mato.

Resposta: é o anzol!

(MOTA, Leonardo. *Cantadores*. Rio de Janeiro, 1921.)

CANÇÃO – Poema sem fórmula determinada e de métrica variada, impresso em folhas soltas ou volantes, cantado pelos violeiros nas feiras radiodifusoras do interior.

#### DESPEDIDA DE UM VAQUEIRO (Manuel Soares Sobrinho)

No ano que falta inverno  
no Nordeste brasileiro  
é triste, triste, bem triste  
ouvir-se a voz do vaqueiro  
se despedindo do povo  
na casa do fazendeiro

Diz o vaqueiro: patrão,  
eu lhe peço pelo nome  
de Deus que vossa excelência  
conta de seu gado tome  
que eu vou partir pra não ver  
seu gado morrer de fome.

A vaca rosa do prado  
se acha magra e cansada,  
urrando penosamente  
lá no alto da chapada,  
como quem sente saudade  
do tempo da vaquejada.

Magro também já se acha  
o meu cavalo Xexéu,  
mas vou tirar seu retrato  
pra botá-lo em meu chapéu  
como verdadeiro emblema  
das vaquejadas no céu.

Vou embora para Brasília  
Mato Grosso ou Paraná,  
São Paulo ou Rio de Janeiro,  
Vê se escapo por lá  
e quando houver inverno  
no Norte eu volto pra cá.

Se lá no Sul do país  
não morrer vosso vaqueiro  
quando houver um bom inverno  
no Nordeste brasileiro  
eu volto pra derrubar  
barbatão gado ligeiro.

## A LINGUAGEM DOS FOLHETOS

Chama atenção, na linguagem da literatura popular, a criatividade na formação de palavras, mediante os recursos entre radicais e sufixos derivacionais:

“é o grande *escandalismo*  
que sustenta a nação”

(Horrores que a Asa Branca Traz, p. 2)

“porém a mulher despreza  
trabalhos *domesticais*”

(A Mulher no Lugar do Homem, p. 3)

“no meio dos *apertuchos*  
Isto ninguém pode negar”

(O Carnaval da Bandalheira)

### **ATIVIDADE FINAL**

Analise o poema a seguir, explorando suas características de exemplar de poema de cordel. Explore-o sob o ponto de vista do tema e de sua forma, respondendo perguntas como:

Quantos versos há em cada estrofe?

---

---

---

Como se denomina esse tipo de estrofe?

---

---

---

Há rimas? Como estão constituídas?

---

---

---

Como você situa o tema com relação aos ciclos temáticos da literatura popular nordestina?

---

---

---

#### **O PRÍNCIPE NATAN E O CAVALO MANDINGUEIRO**

Havia no Oriente  
Há doze séculos passados  
Um velho rei corajoso  
Com três filhos estimados  
Quando ainda havia fadas  
Reino e dragões encantados

Então o filho mais velho  
Que era o legítimo herdeiro  
Era muito presunçoso  
Falastrão e embusteiro  
E o segundo  
não queria  
Poder, glória nem dinheiro.

Somente o filho caçula  
Mostrava aptidões  
O pai lhe havia entregue  
Suas armas e brasões  
Com justiça e inteligência  
Já resolvia questões.

Contudo os três devotavam  
Respeito ao velho Aman  
Direi agora os seus nomes  
O mais velho era Gibran  
O segundo era Klalil  
E o mais jovem Natan

O rei Aman era mágico  
De grande poder dotado  
Trazia isto em segredo  
Pois era justo e honrado  
Só usava seus poderes  
Quando estava embaraçado

Estando velho e cansado  
Temia então seu destino  
Porque vizinho a seu reino  
Morava o rei Constantino  
Um conquistador malvado  
Poderoso e assassino

Era esse tal Constantino  
Um perverso soberano  
Imperador de três reinos  
Ruim, perverso e desumano  
Conquistar outros países  
Sempre fora o seu plano.  
(...)

Partiu o príncipe Natan  
Para enfrentar o seu destino  
Se despediu de seu pai  
Quando o sol estava a pino  
E foi a todo galope  
Pro reino de Constantino  
(...)  
Raio de sol, o cavalo  
ao terminar a missão  
Se despediu de Natan  
E toda sua nação  
Transformou-se numa luz  
E sumiu na amplidão

Escrevi, caros leitores  
vitória que foi passada  
Aquele príncipe tão jovem  
Lutou pela sua amada  
Dominou um poderoso  
O fez reduzido em nada.

## RESUMO

A prática de leitura na Educação nas séries iniciais com base na de Literatura popular de Cordel se constitui na leitura plurilíngüe que mescla textos de História, Geografia e Arte sob o fio condutor da Literatura Popular em Verso ou Literatura de Cordel.

Conhecimentos específicos de História e de Geografia explicam por que a literatura popular se expandiu com tal força na região Nordeste.

## AUTO-AVALIAÇÃO

Se você, depois desta aula, compreendeu que a prática de leitura plurilíngüe parte da inserção de textos, no caso, característicos da Literatura de Cordel, em um contexto que depende da leitura de outros textos de diferentes linguagens como o texto da História e da Geografia, os objetivos desta aula foram alcançados. Mas se tudo isso ainda não faz muito sentido, descanse e retome a aula em outro momento.

## O trabalho simultâneo com vários textos é possível?

### Meta da aula

Apresentar roteiro de prática de leitura plurilíngüe.

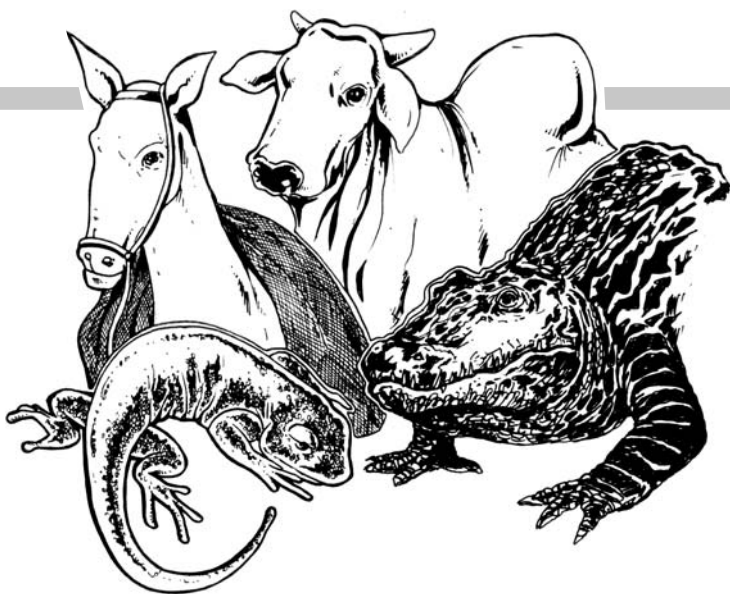
## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Proceder à leitura plurilíngüe do imenso papel exercido pelo reino animal na poesia de cordel e em outras formas de manifestação de arte no Brasil, como pinturas, xilogravuras e cerâmicas.
- Reunir elementos temáticos para elaboração de aulas de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

### Pré-requisito

Ciclos temáticos dominantes na Literatura de Cordel (Aula 27 – 1ª parte).



## INTRODUÇÃO

Na aula de hoje, abrimos espaço para falar de quanto o mundo animal esteve presente em tudo no Brasil. Essa presença se traduz no texto literário, na cerâmica e na pintura, a partir da riqueza da fauna variada e colorida, com a qual o homem permanentemente se confronta. Vamos realizar a leitura plurilíngüe a partir de cada um dos animais selecionados para esta aula.

## O BOI

O boi é o animal doméstico do qual o sertanejo brasileiro tira a sua subsistência; representa também a fera selvagem e livre, o monstro, violento e nobre, do qual extrai a sua glória. Na arte popular do Brasil, o boi é presença marcante.

Propomos a seguir, a título de exemplificação inicial, a leitura de cinco “textos” de diferentes linguagens da arte brasileira, envolvendo esse animal:

### TEXTO 1

**Antonio Teodoro dos Santos, “O poeta garimpeiro”, no seu *ABC do Jogo do Bicho*, homenageia o touro:**

Um bicho macho é o Touro  
Tem audácia e perfeição  
De olhos avermelhados  
E bramido de Leão  
No espinheiro tem feito  
Subir cabra valentão

Os antigos já queriam  
Touro chefe do reinado  
Como divindade tinham  
No Egito o Touro Alado  
Hoje no Jogo do Bicho  
O seu chifre é respeitado  
(...)

## TEXTO 2

**Outro poema do *ABC do Jogo do Bicho***

A Vaca é superior  
 a todos os animais  
 Dá leite, dá couro e carne  
 E os chifres especiais  
 Tudo dela se aproveita  
 Pois tudo serve de bem  
 (...)

**ATIVIDADE 1**

a) Ao ler as passagens dos poemas anteriormente apresentados, é possível ter idéia da importância atribuída ao animal nos sertões brasileiros. No primeiro poema, o touro é mostrado como o superbicho, o animal supremo; o bicho macho, o supermacho. No segundo, é a vez de enaltecer sua fêmea. Copie a seguir o(s) verso(s) em que essas supremacias são mais explicitadas.

---



---



---



---

b) Ao ler os trechos comentados, você provavelmente deve ter notado também que suas estrofes contêm seis versos. As sextilhas, como são chamados esses tipos de estrofe, constituem grande parte dos textos de cantoria e desafio da poesia popular nordestina. Além disso, possuem esquema rímico bastante peculiar. Copie a seguir os versos cujas rimas se repetem.

---



---



---



---

### TEXTO 3

Veja também esta tela de Lasar Segall intitulada *O bebedouro*. Observe as figuras de boi e de outros elementos que reconstituem o ambiente rural no quadro.

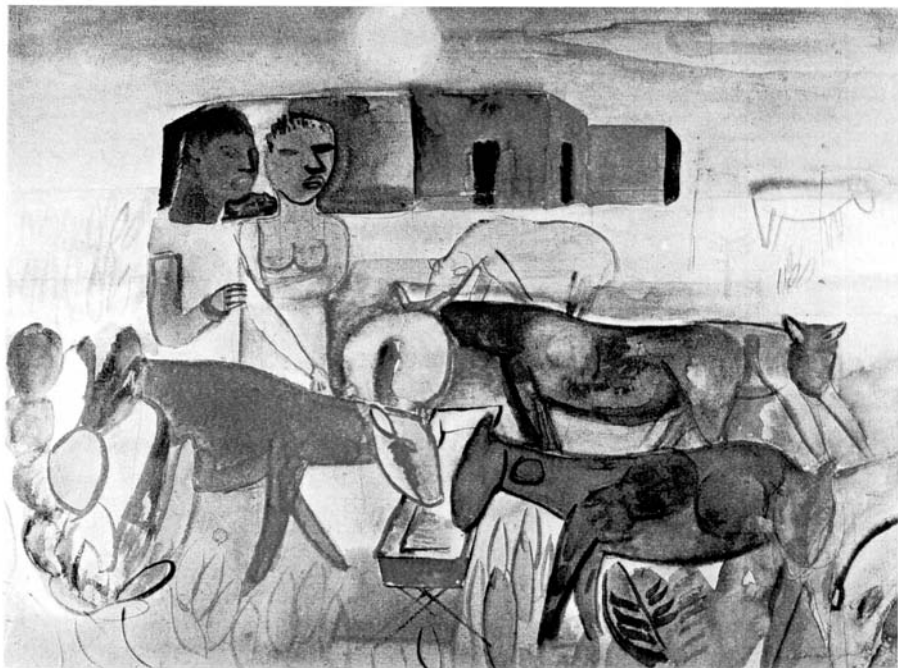


Figura 28.1



### ATIVIDADE 2

Excluindo as figuras de boi, descreva outros elementos que reconstituem o ambiente rural no quadro.

---

---

---

Sem dúvida, o boi tem importância múltipla em certas regiões: animal de tração, de sela, de corte e de reprodução. Mesmo depois de sua morte, ele dá, além da carne que, salgada ou seca ao sol, é um alimento básico na alimentação do sertanejo, o seu couro, do qual se fazem, por exemplo, vestes típicas do Nordeste seco. Por tudo isso, o boi é também personagem do ciclo das histórias fabulosas.

## TEXTO 4

Veja a xilogravura intitulada *O boi feiticeiro e o cavalo misterioso*, de **GILVAN SAMICO**.

**GILVAN SAMICO**

É xilogravador pernambucano, considerado o mais expressivo talento brasileiro da gravação em madeira.

Figura 28.2



Pesquise o que é xilogravura e o conjunto da obra de Gilvan Samico. Vale a pena conhecer!

## TEXTO 5

**O Bumba-meu-boi**

Para saber mais sobre essa festa, que diz respeito a um boi que ressuscita para livrar um escravo da fúria de seu dono, propomos a leitura de página [http://www.cidadeshistoricas.art.br/saoluis/sl\\_boi\\_p.htm](http://www.cidadeshistoricas.art.br/saoluis/sl_boi_p.htm). Esse *site* é muito interessante; não deixe de acessá-lo! Com o trecho que reproduzimos a seguir, você terá uma idéia.

A festa do Bumba-meu-boi, uma tradição que se mantém desde o século XVIII, arrasta maranhenses e visitantes por todos os cantos de São Luís, nos meses de junho e julho. Longe de ser uma festa criada para turistas, os bois se espalham nas periferias e no centro. Na parte nova ou antiga da cidade, grupos de todo o Estado se reúnem em diversos arraiais para brincar até a madrugada.



Figura 28.3

O enredo da festa do Bumba-meu-boi resgata uma história típica das relações sociais e econômicas da região durante o período colonial, marcadas pela monocultura, criação extensiva de gado e escravidão. Numa fazenda de gado, Pai Francisco mata um boi de estimação de seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catirina, que quer comer língua. Quando descobre o sumiço do animal, o senhor fica furioso e, após investigar entre seus escravos e índios, descobre o autor do crime e obriga Pai Francisco a trazer o boi de volta.

E a história continua...

Pajés e curandeiros são convocados para salvar o escravo e, quando o boi ressuscita urrando, todos participam de uma enorme festa para comemorar o milagre. Brincadeira democrática que incorpora quem passa pelo caminho, o Bumba-meu-boi já foi alvo de perseguições da polícia e das elites por ser uma festa mantida pela população negra da cidade, chegando a ser proibida entre 1861 e 1868.

O atual modelo de apresentação dos bois não narra mais toda a história do ‘auto’, que deu lugar à chamada ‘meia-lua’, de enredos simplificados. Atualmente, existem quase cem grupos de bumba-meu-boi na cidade de São Luís subdivididos em diversos sotaques. Cada sotaque tem características próprias que se manifestam nas roupas, na escolha dos instrumentos, no tipo de cadência da música e nas coreografias.



### ATIVIDADE 3

Faça uma pesquisa sobre a festa popular brasileira denominada “vaquejada”. Depois escreva um texto (em até duas páginas) em que você sintetize o significado dessa festa, indicando, se for o caso, quando e como ela acontece em sua região. Seu texto deve estar de acordo com as normas de um trabalho acadêmico (escrito em língua padrão, contendo folha de rosto e referências bibliográficas) e deverá ser entregue ao tutor da disciplina em seu pólo.

O trabalho plurilíngüe de leitura sob o tema do boi, como tivemos a oportunidade ver, pode ser bastante enriquecedor no que tange ao conjunto das manifestações de arte popular no Brasil. É possível propor várias atividades aos alunos. Existe uma série enorme de folhetos em

que o boi é o grande herói, retratado como adversário valoroso, altivo, livre, recusando a escravidão, desafiando os homens, muito mais como um ser selvagem do que como animal doméstico. Mas vamos ver outra possibilidade de leitura sobre o papel do mundo animal na cultura popular brasileira. Passemos, então, ao próximo bicho-tema.

## O cavalo

O cavalo está representado na cultura popular brasileira, mas nunca como herói. É tratado como o aliado do homem, no mesmo pé de igualdade que o cachorro (BRADESCO-GOUDEMAND, 1982).

Uma de suas presenças mais marcantes ocorre na festa popular conhecida como “cavalhada”, na qual cavalos e cavaleiros são os principais personagens de uma representação.

Incorporada ao folclore, durante séculos, essa representação retrata a história de **CARLOS MAGNO**. Era atração nas vozes dos trovadores e, somente em idos do século XIII, em Portugal, é que a Rainha Isabel resolveu instituí-la como festividade, aos modos de uma representação dramática, quase que como um jogo de xadrez, a fim de incentivar a instituição cristã e o repúdio aos mouros.

No Brasil, sob autorização da Coroa, essa representação dramática foi introduzida pelos jesuítas com o objetivo de catequizar a população e escravos africanos, mostrando nisto o poder da fé cristã.

São doze cavaleiros mouros e doze cavaleiros cristãos. No final da longa batalha, vencem os cristãos, que ainda conseguem converter os mouros ao cristianismo. Trata-se de uma tradição praticada em várias regiões do Brasil, porém com diferenças marcantes de uma região para outra. Num grande campo de batalha, no lado do poente, 12 cavaleiros cristãos vestidos de azul, a cor do cristianismo, lutam contra 12 cavaleiros mouros vestidos de vermelho, encastelados no lado do nascente.

**CARLOS MAGNO**, rei dos francos, coroado imperador do Ocidente, em 800, pelo Papa Leão III, foi um dos maiores monarcas europeus.

## TEXTO 6

### Como é a festa? Personagens e vestimentas

**CRISTÃOS E MOUROS:** Doze cavaleiros, em ordem hierárquica, tanto cristãos como mouros. As mais luxuosas roupas pertencem aos reis cristão e mouro. O rei cristão e seu embaixador usam uma capa de duas ou três pontas. O rei mouro usa um capacete dourado, do tipo romano.

1. Rei.
2. Embaixador.
3. Dez cavaleiros.

**Rei mouro:** Destaca-se dos demais mouros pela sua liderança à frente dos cavaleiros mouros e pelas vestimentas típicas da realeza.



Figura 28.4

**Rei cristão:** Destaca-se pela liderança dos cavaleiros e, principalmente, pela sua vestimenta diferente, típica da realeza.



Figura 28.5



Figura 28.6

**Mascarados:** É tão grande atração quanto os cavaleiros mouros e cristãos. Conhecidos também como “curucucus”, por causa do som que emitem. São pessoas que vestem máscaras, roupas coloridas, luvas e botas. Mudam a voz ao falar e cobrem todo o corpo, para que ninguém os reconheça. Enfeitam seus cavalos com fitas, tecidos, plantas e tudo quanto a criatividade mandar. Tradicionalmente existem vários tipos. Os mais tradicionais são aqueles com máscara de cabeça de boi, seguidos pelos que usam máscaras de onça, máscara de homem e, mais recentemente, apareceram aqueles com máscaras de borracha, com cara de monstro, desfocando um pouco a originalidade da festa. Mas isso não diminui a beleza e o entusiasmo dos Mascarados que, já no sábado, saem às ruas a galope, em algazarra. Pedem, com vozes fanhosas, cervejas e cigarros aos transeuntes e divertem a população com suas acrobacias e brincadeiras.

Outro mascarado muito interessante é o São Caetano, chamado assim porque orna seu cavalo, escondendo-o com ramas de melãozinho-de-são-caetano, erva trepadeira muito comum, e folhas de bananeiras. Leva na cabeça uma máscara de homem com um chifre reto na testa e, na mão, uma cesta de frutas que atira para a platéia. Outro muito engraçado veste-se com um macacão extremamente grande, de tecido de colchão, que recheia com capim, ficando enormemente gordo; envolve a cabeça com um pano preto, onde pinta em branco a face de uma caveira.

Não se sabe a origem desses personagens, que são encontrados em todas as cavalhadas do Brasil com diversas diferenças entre as cidades; provavelmente uma criação brasileira. Eles se fundem com os cristãos e mouros num trinômio perfeito. Representam o papel do povo e daqueles que não têm acesso à pompa dos cavaleiros, que representam socialmente a elite e o poder. São irônicos e debochados, fazendo críticas aos poderosos e ao sistema. Ao contrário da rigidez dos Cavaleiros, entre os Mascarados não há regras, tudo é permitido, menos mostrar a cara.

#### TEXTO 7

Veja ao lado a gravura *A luta dos homens*, de Gilvan Samico, 1977 (p. 92).

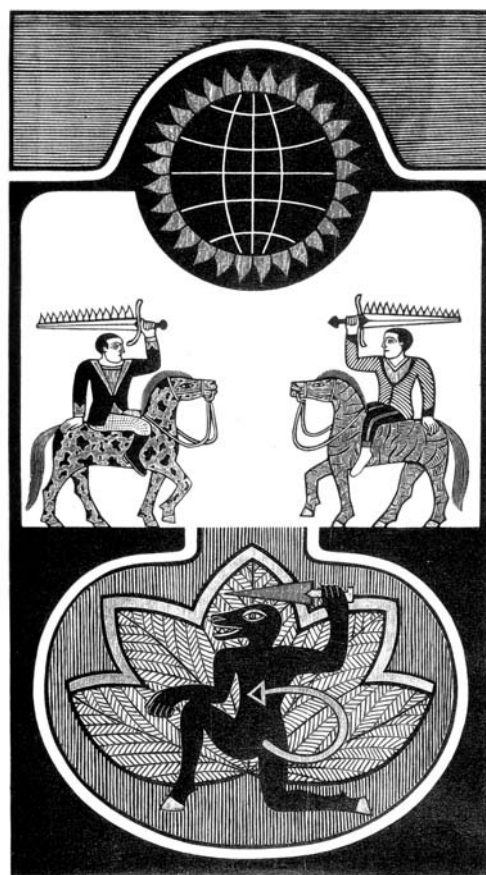


Figura 28.7: A luta dos homens.



#### ATIVIDADE 4

Em dois ou três parágrafos, proponha uma leitura do quadro anteriormente apresentado, a partir do que você sabe sobre a influência européia na cultura popular do nordeste. Apresente também seu texto ao tutor da disciplina em seu pólo.

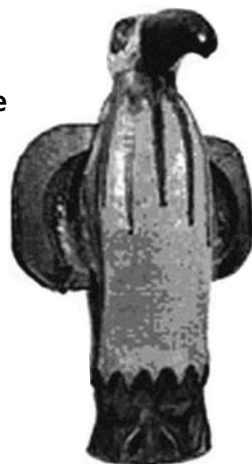
## Os pássaros

Os pássaros são o símbolo plumário do Brasil indígena; as borboletas, ao lado de suas pedras preciosas e semipreciosas, a imagem do Brasil turístico. Vários artistas plásticos associaram seu nome à fauna local.

### TEXTO 8

O ceramista **FRANCISCO BRENNAND**, nascido em 1927, no Recife (PE), recebeu, no ano de 1993, o Prêmio Interamericano de Cultura Gabriela Mistral, outorgado pela OEA – Washington (USA), pelo conjunto e singularidade do seu trabalho.

**Nas cerâmicas de FRANCISCO BRENNAND, nota-se a presença de pássaros.**



**Figura 28.8:** Cerâmica Águia, de Francisco Brennand.



### ATIVIDADE 5

Desenhe você uma representação de pássaros.

#### Outras manifestações de arte animalista

A arte animalista floresce na cerâmica popular do Nordeste. Tal cerâmica pinta toda a vida da região: sertanejos nos seus afazeres diários, cangaceiros, grupos de retirantes, sempre acompanhados de seus animais domésticos: vacas e touros, cachorros e papagaios, cavalos e cabras; personagens de bumba-meu-boi e de cavalcadas. A esta cerâmica ficarão ligados os nomes de Vitalino, pai, filho e neto, e de Zé Caboclo, de Caruaru.



Figura 28.9

<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/2artes/nd-vital.html>

Vitalino Pereira dos Santos, Mestre Vitalino, consagrou-se pela arte de fazer bonecos, em Caruaru, onde nasceu, perto do rio Ipojuca, em 1909.

<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/2artes/nd-vital.html>

Por volta de 1930, com 20 anos de idade, Vitalino fez os seus primeiros grupos humanos, com soldados e cangaceiros, representando o mundo em que vivia. Sua capacidade criadora se desenvolveu de tal maneira que acabou se tornando o maior ceramista popular do Brasil. Fazia peças de “novidade” – retirantes, casa de farinha, terno de zabumba, batizado, casamento, vaquejada, pastoril, padre, Lampião, Maria Bonita, representando seu povo, o seu trabalho, as suas tristezas, as suas alegrias. Retratava o seu mundo rural em suas peças.



Figura 28.10

### As carrancas do rio São Francisco

As carrancas representam sempre uma escultura de cabeça e pescoço de alguma figura zooantropomorfa – mistura de detalhes humanos com detalhes animais, apresentando uma expressão de ferocidade ao mesmo tempo hilária, de figura mitológica indeterminada.



Figura 28.11: Carranca de barco.



Faça leitura de mapa, buscando localizar os estados do Nordeste por onde passa o rio São Francisco. Pesquise informações sobre esse rio. Uma sugestão: se possível, assista ao filme *Espelho d'água: uma viagem no Rio São Francisco*, de Marcus Vinícius Cezar.

As primeiras referências sobre a presença das carrancas no Brasil estão localizadas nas embarcações do rio São Francisco, por volta de 1888.

Único meio de transporte para os moradores das áreas ribeirinhas do São Francisco, as embarcações concorriam entre si para atrair a freguesia. Assim, os pesquisadores indicam alguns motivos para a presença das carrancas nestas barcas:

- os proprietários buscavam decorar suas embarcações de modo a torná-las mais atrativas e, conseqüentemente, conseguir maior número de passageiros;
- concorrer com as embarcações de maior prestígio existentes, à época, no Rio de Janeiro e em Salvador. Algum fazendeiro da região do São Francisco deve ter visto, nos portos destas grandes cidades, os navios decorados com objetos de seus proprietários, e levado o costume para lá;
- além destes fatores exclusivamente decorativos, atribuiu-se também a estas figuras a função de afugentar maus espíritos e proteger as viagens;

- da somatória destes fatores ou por apenas algum deles, o fato é que as carrancas tornaram-se enfeite de proa característico das embarcações do rio São Francisco, por muitas décadas, originando e estimulando uma “manifestação artística coletiva, com caracteres comuns, respeitadas as individualidades de cada artista, como não se encontra em nenhum outro local ou época”(Paulo Pardal).

## RESUMO

A prática de leitura na educação nas séries iniciais deve se constituir na leitura plurilíngüe, isto é, que mescla textos de História, Geografia, Arte etc. e textos de diferentes linguagens, como a da pintura, da poesia, da cerâmica sob um fio condutor em comum. A partir do imenso papel exercido pelo reino animal na poesia de cordel e em outras formas de manifestação de arte no Brasil, como pinturas, xilogravuras e cerâmicas, essa prática pôde ser exemplificada.

## ATIVIDADE FINAL

Como exercício final, pedimos que você apresente um plano de aula de leitura plurilíngüe para as séries iniciais, a partir da história de algum importante rio de sua região. Você deverá tentar articular elementos de Geografia, Ecologia, História e Arte.

## AUTO-AVALIAÇÃO

Estamos chegando ao fim de nossa disciplina. Com certeza, os conhecimentos que você adquiriu ao longo de todas as nossas aulas só lhe trarão mais segurança e prazer no trato com a nossa Língua Portuguesa.

No caso desta penúltima aula, em especial, tente avaliar o quanto a leitura plurilíngüe levou você a um universo novo e instigante. Você deve ter percebido que as diversas expressões de arte, mescladas à riqueza de nossa cultura popular, às variadas linguagens, ao clima, à fauna, à flora, ao poder criativo singular da nossa gente merecem uma postura especial da nossa parte. Neste caso, se compreendeu e realizou as atividades com segurança e não lhe restaram dúvidas sobre os assuntos apresentados, parabéns!!!

Todavia, se não sentiu assim, se acha que não conseguiu envolver-se a ponto de compreender plenamente o objetivo e conteúdo da aula, retome-os, cuidadosamente, dando ênfase às atividades. Sucesso!

## Pondo a mão na massa II

### Meta da aula

Propor exercícios de revisão dos conteúdos estudados neste módulo.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Rever os gêneros de discurso estudados neste módulo da disciplina.
- Analisar textos diferentes, com vistas à aplicação dos métodos de leitura em sala de aula.

### Pré-requisito

Ter estudado cada uma das aulas que compõem este módulo.

## INTRODUÇÃO

Assim como no Volume 1 de Língua Portuguesa na Educação 2, optamos por fazer, nesta aula final, uma retomada de alguns dos assuntos que vimos até agora. Assim, estamos convidando você a regaçar as mangas e “colocar a mão na massa”.

Para começar, vamos fazer a leitura de um poema a fim de verificar os recursos estilísticos que o caracterizam como pertencente a um gênero da Literatura de Cordel.



Figura 29.1: Cenário de sertão seco.

(...)

Dou adeus a Carmelita,  
Meu grande amor verdadeiro,  
Rainha das vaquejadas  
Do Nordeste brasileiro.

Adeus terra que nasci  
Adeus casa, adeus terreiro,  
Adeus gado, adeus curral,  
Adeus patrão verdadeiro,  
Adeus, adeus, vaqueirama  
Do Nordeste brasileiro.

Quando Carmelita vê  
O seu amor ir embora  
Como um triste desvalido  
Vagando de mundo afora,  
Quando o gado urra no campo,  
Carmelita em casa chora.

Quando se aproxima a noite  
Na casa do fazendeiro,  
Toda bezerrama berra  
Como aviso verdadeiro,  
Que também sentem saudade  
Do aboio do vaqueiro.

(SOARES SOBRINHO, 1982, p. 18)

Como você deve se lembrar, as estrofes iniciais desse poema foram apresentadas na Aula 27. Pertencendo ao gênero *canção*, ele remete ao problema da seca no Nordeste, que obriga muitos vaqueiros em busca de sustento, a deixarem sua casa, seu trabalho e seus afetos.



### ATIVIDADE 1

a) Em se tratando de composição literária, fica patente a utilização de recursos estilísticos. Com respeito ao texto, podemos notar que há o recurso à anáfora, ou seja, a uma série de repetição de palavras. Essa é uma estratégia utilizada em poesia para dar ênfase a algum aspecto em particular. Utilize o espaço a seguir para identificá-la no poema, transcrevendo os versos em que se pode notar tal utilização.

---

---

---

---

b) Procure explicar o efeito que a repetição dessa palavra produz ao sentido do poema.

---

---

---

---

c) O tipo de estrofe apresentado no poema é dos mais recorrentes na Literatura de Cordel. Como se costuma chamar a estrofe que contém seis versos?

---

---

---

---

d) Encontramos também, nesse poema, um esquema rímico particular. Utilize o espaço a seguir para copiar as palavras que, ao final de cada verso, fornecem a base desse esquema.

---

---

---

---

Depois dessa leitura de um poema de cordel, vamos agora trabalhar com um texto publicado no jornal *O Globo*.

## O FUNDAMENTAL DEVE VIR ANTES

João Batista Araújo e Oliveira

O *Fantástico* (de 13 de julho) apresentou resultados de um teste de Português e Matemática aplicado a alunos de quarta série do Ensino fundamental. O resultado mais importante é incontestável e confirma o que os testes do Ministério da Educação vêm dizendo há muito tempo: entre 60% e 80% das crianças na quarta série não conseguem compreender o que lêem nem resolver problemas simples de Matemática.

O Ministro da Educação não contesta os resultados. O estudo não permite conclusões específicas sobre diferentes municípios ou redes estaduais. Infelizmente, nenhuma rede de ensino estadual ou municipal possui dados para provar que não está na vala comum. Onde está a novidade? Por onde avançar?

Se há um consenso sobre o problema, ainda paira uma confusão sobre sua natureza: muita gente acha que o aluno consegue ler, mas não consegue entender. Ledo engano: o aluno brasileiro típico não compreende porque não sabe ler, porque não foi adequadamente alfabetizado.

Três considerações merecem reflexão e debate, mesmo por parte do público não especializado.

Primeiro: o conceito de alfabetização. Refere-se ao domínio do código alfabético, à capacidade de ler e escrever corretamente uma palavra ou uma frase.

Esse processo de aprendizagem é e deve ser rápido. Dependendo da complexidade da língua escrita leva no máximo dois anos. É o que se chama de alfabetizar ou ensinar a ler e escrever. Divergindo do resto do mundo, a orientação oficial do MEC sobre a alfabetização ignora e minimiza esse primeiro passo.

Segundo: o conceito de analfabeto funcional. Na década de 50 bastava assinar o nome para casar e assinar o título – quem o fizesse era alfabetizado. Depois começamos a falar em saber fazer um requerimento ou coisas do gênero. (...)

Terceiro: a natureza da compreensão. A compreensão depende de outros fatores – nível de inteligência, vocabulário e domínio de estratégias específicas para compreender diferentes tipos de texto.

Em síntese: é incorreta, na maioria dos casos, a interpretação de que o aluno lê, mas não consegue compreender. Na maioria dos casos, o aluno não compreende porque não aprendeu a ler. (...)

(OLIVEIRA, 2004)

Não há dúvidas de que, ao lermos um texto, há diferentes níveis de conhecimento que se articulam na direção de construirmos um sentido possível para ele. Vamos examinar os níveis de conhecimento que atuam na compreensão do texto anteriormente apresentado.



### ATIVIDADE 2

Aponte, nas linhas a seguir, que planos de conhecimentos são determinantes para se compreender a seguinte declaração inicial:

a) “O *Fantástico* (de 13 de julho) apresentou resultados de um teste de português e matemática aplicado a alunos de quarta série do ensino fundamental”. Explique.

---

---

---

---

b) *O fundamental deve vir antes* é um texto em que predomina a intenção de opinar. Pode-se claramente perceber a atitude apreciativa do autor em relação ao problema de ler e compreender. Utilize as linhas a seguir para transcrever trechos em que a construção dessa opinião se apóia no uso de certos adjetivos e advérbios.

---

---

---

---

c) Dentre os gêneros do discurso jornalístico em que opinar sobre algum assunto de atualidade é a tendência predominante, a qual deles pertence o texto de **João Batista Araújo e Oliveira**? Justifique sua resposta, explorando elementos do texto.

---

---

---

---

Depois de trabalhar com um gênero do discurso jornalístico, que tal trabalharmos com um gênero do discurso científico? Leia a seguir um trecho extraído da dissertação de mestrado de Luciana Freitas.

## O TURISMO

(...)

### Conceituações

Se para um leigo a definição de Turismo parece evidente, o mesmo não ocorre no âmbito acadêmico, empresarial e governamental. Desde 1910, quando o economista austríaco Herman Von Schullern deu a primeira definição ao termo (BENI, 2001, p. 34), até os dias atuais, essa discussão é acirrada. Exatamente por isso, apesar de o Turismo ser um objeto de estudos muito recente, há uma infinidade de conceituações diferentes.

Mario Beni (2001, p. 34-39), considerado o maior especialista brasileiro na área, classifica as definições de Turismo em três grandes blocos: econômicas, técnicas e holísticas.

(FREITAS, 2004)

Você já tinha parado para pensar no turismo como temática acadêmico-científica? Normalmente, o termo *turismo* é associado à prática de se conhecer outros lugares e culturas, não é mesmo? No entanto, para que essa prática possa ser desenvolvida com eficiência e, principalmente, sem representar nenhum dano para o local e as pessoas do cenário visitado, faz-se necessário uma série de estratégias e procedimentos cujas lógicas são cientificamente construídas. Desse modo, o Turismo é hoje uma área de conhecimento que se estuda em curso de nível superior.



### ATIVIDADE 3

a) É característica do discurso científico situar o leitor no quadro conceitual em que o estudo se baseia. Reescreva, a seguir, o trecho em que a autora efetivamente dá início a esse procedimento em seu texto.

---

---

---

---

b) Outra característica do discurso acadêmico é a referência aos pontos de vista de diferentes autores. O discurso científico pode, assim, ser comparado a uma arena em que o autor orquestra várias vozes a fim de com elas concordar ou não. Indique quem são os autores chamados a participar da discussão iniciada no texto de Luciana Freitas.

---



---



---



---

c) Agora descreva os recursos utilizados em cada citação para indicar ao leitor o local em que os textos dos autores citados poderão ser recuperados.

---



---



---



---

Passemos a um exercício sobre outro gênero do discurso: a *propaganda*. Você vai fazer de conta que trabalha em uma agência de publicidade. Quando chegou ao escritório, encontrou sobre sua mesa a tarefa de elaborar um comercial de sabonete acompanhado do seguinte lembrete:

**ANUNCIANDO SABONETE**

Crie um pequeno texto comercial, promovendo a venda de sabonete, sem usar as seguintes palavras (nem sinônimos e derivados):

**BANHO SABONETE PERFUME**

**SUAVE BELEZA LIMPEZA**

**HIGIENE ESPUMA CORPO**

d) Recupere as estratégias possíveis de serem utilizadas nesse gênero do discurso, considerando que seu texto será veiculado em revistas de grande circulação no país. Pense também na possibilidade de usar imagens.

---



---



---



---



Voltemos agora a falar de poesia, ou melhor, procure ler o poema "Aula de Português" de Carlos Drummond de Andrade. Se obtiver êxito, responda às perguntas propostas abaixo:



#### **ATIVIDADE 4**

a) Vamos pensar um pouco nessa leitura que faz o poeta sobre as linguagens da língua. Nas duas primeiras estrofes, o poeta opõe a modalidade oral da língua à escrita. Reescreva o verso em que metaforicamente ele se refere à escrita.

---

---

---

---

b) Comente as escolhas lexicais, isto é, de palavras que o poeta faz na terceira estrofe, propondo uma análise do efeito que essa escolha produz com relação ao tema do poema. Recupere algumas dessas palavras em sua resposta, a título de exemplo.

---

---

---

---

c) Escreva livremente um comentário sobre o verso que fecha o poema:

"O português são dois; o outro, mistério."

---

---

---

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse direcionamento, as tarefas de aula devem demonstrar a importância fundamental que o contexto assume para a interpretação do enunciado.

O aluno deve perceber que o enunciado, para ser interpretado, exige a mobilização de saberes diversos: do conhecimento lingüístico ao do gênero de discurso (e todas as implicações, como quem escreve, para quem, com que finalidade...), ao conhecimento enciclopédico e de mundo.

Temos todas as razões para entender que o texto não deve ser trabalhado em sala de aula como um objeto qualquer. Ele deve ser abordado como enunciado, ou seja, como unidade concreta da comunicação humana. Por meio dessa compreensão, o aluno-leitor/autor saberá que não deverá assumir um papel passivo, como se o sentido estivesse inscrito no enunciado de maneira estável. Ao contrário, ele saberá que, pelo fato mesmo de o enunciado não apresentar um sentido estável, completamente predeterminado pelo enunciador, terá de assumir ativamente a interlocução, consciente de que o sentido se constrói por meio da relação entre interlocutores.

É necessário que os estudantes visem à construção de hipóteses que possibilitem saber reconhecer os elementos que atuam para a adequada compreensão do enunciado. Entende-se que a competência lingüística, por si só, não é suficiente. As tarefas devem visar à construção de ferramentas para a compreensão do gênero. É nessa premissa que se fundamenta nossa proposta de tarefas de leitura e produção de texto a partir da noção de gênero do discurso.

### RESUMO

A análise de textos de diversos tipos já vistos em aulas anteriores. A importância de se conhecer diferentes gêneros de discurso e múltiplas linguagens para a leitura plurilíngüe.

### AUTO-AVALIAÇÃO

Se você conseguiu analisar os diversos textos apresentados, parabéns! Você teve um bom aproveitamento do curso. Caso tenha tido algumas dúvidas, não se desespere! Cada um tem seu tempo de aprendizagem. Muitas vezes, as coisas começam a fazer sentido depois de passada a tensão que envolve o processo de aprendizado, principalmente se você permaneceu longo tempo sem ocupar o lugar de aluno.



# Referências

## Aula 16

---

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

LOMBARDI, Roberta. *Resenhando na universidade*. 2004. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Estudos da Linguagem, Pontícia Universidade Católica, São Paulo, 2004. Em preparação.

FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

VELOSO, Caetano. O Estrangeiro. In: \_\_\_\_\_. *Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Polygram: 1989.

## Aula 17

---

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.277- 326.

Di FANTI, Maria da Glória C. *Discurso, trabalho & dialogismo: a atividade jurídica e o conflito trabalhador/padrão*. 2004. 350 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004 .

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Paraná: Criar Edições, 2003.

MARQUESANI, Denny. *As características fundamentais dos gêneros literários*. Disponível em : <<http://www.capitu.com.br>>. Acesso em: 13 abr. 2004.

## Aula 18

---

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277- 326.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. *Prática de texto* para estudantes universitários. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 299p.

LOMBARDI, Roberta. *Resenhando na universidade*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004. Em preparação.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. *Prática de texto para estudantes universitários*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 299 p.

LOMBARDI, Roberta. *Resenhando na universidade*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004. Em preparação.

SANT'ANNA, Vera L. Albuquerque. O trabalho em notícias sobre o Mercosul. São Paulo: EDUC, 2004.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. *Prática de texto para estudantes universitários*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 299 p.

LOMBARDI, Roberta. *Resenhando na universidade*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004. Em preparação.

POMPÉIA, Raul. O modelo do anjo. Disponível em:

<[www.biblio.com.br/templates/RaulPompeia/omodelodoanjo.htm](http://www.biblio.com.br/templates/RaulPompeia/omodelodoanjo.htm)>. Acesso em: 25 ago. 2004.

BONDIM, Renata G. *Sensacionalismo e Credibilidade*. A primeira página de quatro jornais cariocas: Jornal do Brasil, O Globo, O Dia e Povo do Rio. 2001. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001. v.1.

CORTÁZAR, Júlio. O jornal e suas metamorfoses. In: \_\_\_\_\_. *Histórias de Cronópios e de Famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 64-65.

JORNAL do Brasil. Disponível em: <www.jb.com.br>. Acesso em: 25 ago. 2004.

LOMBARDI, Roberta. *Resenhando na universidade*. 2004. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Estudos da Linguagem, Pontícia Universidade Católica, São Paulo, 2004. Em preparação.

MELO, José Marques de. *Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 1983. 241 f. Tese (Livre Docência) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. 1983.

SANTANNA, Vera Lucia de Albuquerque. *O mercosul em notícia*. São Paulo: Educ, 2004. 194 p.

## Aula 23

---

BONDIM, Renata G. *Sensacionalismo e Credibilidade*. A primeira página de quatro jornais cariocas: Jornal do Brasil, O Globo, O Dia e Povo do Rio. 2001. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001. v.1.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. (Orgs.) *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

MELO, José Marques de. Gêneros jornalísticos: classificação. In: \_\_\_\_\_. *Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Tese (Livre Docência) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. 1983. p. 54-87.

SANTANNA, Vera Lucia de Albuquerque. *O mercosul em notícia*. São Paulo: Educ, 2004. 194 p.

VELLOSO, Raul. O governo tem pouca escolha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano 114, n. 49. quinta-feira, 27 de maio de 2004.

VILLA, Marco Antonio. Olhos, bocas e barrigas. *Folha de S.Paulo*, 6 dez. 1998. 5º Caderno - Mais! p. 5.

ARAÚJO, John Fontenele. *Para fazer ciência é fundamental ler*. Disponível em: <<http://www.cb.ufrn.br/~araujo/Cronica2.html>>. Acesso em: 23 maio 2004.

SOMMERVILLE, John. *O que é ciência*. Tradução e adaptação de Luís Filipe Bettencourt. Disponível em: <[www.criticanarede.com/filos\\_ciencia2.html](http://www.criticanarede.com/filos_ciencia2.html)>. Acesso em: 31 maio 2004.

O QUE É CIÊNCIA e o que não é ciência. Disponível em: <<http://onto.provocation.net/ciencia-po.htm>>. Acesso em: 26 maio 2004.

---

## Aula 25

ARAÚJO, John Fontenele. *Para fazer ciência é fundamental ler*. Disponível em: <<http://www.cb.ufrn.br/~araujo/Cronica2.html>>. Acesso em: 23 maio 2004.

CORACINI, Maria José. A subjetividade do discurso científico. 1988. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1988.

DAHER, Maria del Carmen F. González. Estudos enunciativos: práticas de linguagem e gênero de discurso. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

FRANÇA, Maristela Botelho. *A produção de monografias por estudantes de mestrado: uma análise baseada em gêneros do discurso*. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Filologia) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normatização de Publicações Técnico-Científicas*. 5.ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

OLIVEIRA FILHO, Kepler de Souza; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. *Mikolaj Kopernik*. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/cop>>. Acesso em: 25 ago. 2004.

## Aula 26

---

ARAÚJO, Paulo César de. *Eu não sou cachorro, não – música popular cafona e ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Fizemos bem em resistir*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

SECRELNET. Disponível em: <[www.secrel.com.br](http://www.secrel.com.br)>. Acesso em: 25 ago. 2004.

## Aula 27

---

BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1982. 124 p.

BRADESCO-GOUDEMAND, Yvonne. *O ciclo dos animais na literatura popular do nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1982. 190 p.

DAUS, Ronald. *O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982. 162 p.

LESSA, Orígenes; LUNA E SILVA, Vera Lúcia de (Orgs.). *O cordel e os desmantelos do mundo*. Rio de Janeiro, 1983. 320 p. (Antologia/ Nova série).

MESQUITA, Sergio Luiz Monteiro. *O padre Cícero na Literatura de Cordel*. Disponível em: <[www.iuperj.br/Lusofonia/papers](http://www.iuperj.br/Lusofonia/papers)>. Acesso em: 13 jun. 2004.

## Aula 28

---

ARAÚJO, Alceu Maynard. Nordeste: Artesanato de Mestre Vitalino. In: *Brasil, Histórias, Costumes e Lendas*. São Paulo: Editora Três, 2000. [Online]. Disponível em <[www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/2artes/nd-vital.html](http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/2artes/nd-vital.html)>. Acesso em 07/06/04.

BRADESCO-GOUDEMAND, Yvonne. *O ciclo dos animais na literatura popular do nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1982. 190 p.

DAUS, Ronald. *O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982. 162 p.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Centro de pesquisa. Setor de Filologia. *O cordel e os desmantelos do mundo*. Antologia/ Nova série. Rio de Janeiro, 1983. 320 p.

SAMICO, Gilvan. *Samico: 40 anos de gravura*. Tradução Carolyn Brisset. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1997. 132 p. p. 35.

STA, Sebastião Nunes. *Poética popular do nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1982. 124 p.

---

## Aulas 29 e 30

FREITAS, Luciana Maria Almeida de. *Espanhol para turismo: o trabalho do agente de viagens*. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004. Em preparação.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e. O fundamental deve vir antes. *O Globo*, 05 Jul. 2004.

SOARES SOBRINHO, Manoel. Despedida de um vaqueiro. In: BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982. 124 p.

BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1982. 124 p.



ISBN 85-7648-075-1



9 788576 480754



**UENF**  
Universidade Estadual  
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



**GOVERNO DO  
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Ministério  
da Educação

